

**UNESP - Universidade Estadual Paulista**  
**Faculdade de Ciências**

**DAYANE DA SILVA BEZERRA**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:**  
Análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora

**BAURU - SP**  
**2025**

**DAYANE DA SILVA BEZERRA**

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:**

Análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Instituto/Faculdade da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar

Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior

**BAURU  
2025**



B574e Bezerra, Dayane da Silva  
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS : Análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora / Dayane da Silva Bezerra. -- Bauru, 2025  
117 p. + e-book  
  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru  
Orientador: Milton Vieira do Prado Junior  
  
1. Educação de jovens e adultos. 2. Educação física. 3. Histórias de vida. 4. Educação libertadora. I. Título.

DAYANE DA SILVA BEZERRA

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:**  
**ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA DOS EDUCANDOS À LUZ DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior

Data da defesa: 17/02/2025

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador: Milton Vieira do Prado Júnior – Doutor**  
UNESP – Bauru/SP

**Membro Titular: Márcio Pereira da Silva – Doutor**  
UNESP – Bauru/SP

**Membro Titular: Eliana Marques Zanata - Doutora**  
UNESP - Bauru/SP

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DAYANE DA SILVA BEZERRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 17 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DAYANE DA SILVA BEZERRA, intitulada **A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA DOS EDUCANDOS À LUZ DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru, Prof. Dr. MARCIO PEREIRA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. ELIANA MARQUES ZANATA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

 Documento assinado digitalmente  
MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR  
Data: 17/02/2025 11:22:29-0300  
Verifique em <https://validar.jbr.gov.br>

Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR



Dedico esta pesquisa a todos os educandos que cruzaram o meu caminho, que com suas histórias e saberes continuam me transformando em uma professora mais consciente e dedicada.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Bete e Beto, por estarem ao meu lado em cada momento da minha vida, e por me ensinarem com seu exemplo o verdadeiro significado do amor.

À minha irmã Dani, pela amizade, pela paciência ao me ouvir e por estar sempre ao meu lado quando de minhas inúmeras dúvidas e incertezas ao longo de todo esse processo.

Ao Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica (PROEB), da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo oferecimento do ProEF (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional), que tornou possível a realização deste sonho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior, e aos demais professores do programa, por todo conhecimento e aprendizado compartilhados. Em especial, à Profa. Dra. Andresa Ugaya, pelas conversas inspiradoras e por mostrar como oferecer aulas que realmente valorizem uma educação pública de qualidade

Aos membros da banca, Eliana Marques Zanata e Marcio Pereira da Silva, pela generosidade em aceitar o convite, pelas valiosas contribuições e por ajudarem a enriquecer minha dissertação.

Ao grupo de professores da EPG Celso Furtado, que, sob a gestão comprometida e competente da diretora Rita, da vice-diretora Leidiane e da coordenadora Karla, criaram um ambiente acolhedor, valorizando os educandos da EJA.

A todos os educandos que cruzaram meu caminho, me desafiando e me tornando uma professora melhor a cada dia. Em especial, aos participantes desta pesquisa, que compartilharam suas histórias de superação e esperança, inspirando ainda mais meu trabalho.

Aos amigos que o ProEF me presenteou: Aline, Fernanda, Rafael e Robson, que fizeram das viagens a Bauru momentos leves e alegres.

À minha amiga Fernanda Pereira, por todo apoio ao longo do mestrado e pelas contribuições valiosas que enriqueceram minha pesquisa.

Aos colegas da turma três do ProEF, foram encontros repletos de aprendizado e trocas de experiências significativas.

Aos meus amigos da Escola Arthur Marret: Aron, Eliane Moraes, Eliane Xavier, Johni, Kiyoko, Klaus, Nubia, Sandra, Silvana, Sheila, Valeria, Valquiria e Zezinho. Um grupo de professores brilhantes com quem tenho a sorte de conviver e aprender diariamente.

Às minhas amigas Valquiria, Silvana e Eliane, por sua amizade e incentivo em todos os momentos.

Aos amigos Sandra e Johni, por nossas conversas diárias, que ampliaram minha visão de mundo e contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus amigos Alex, Marcus e Rebeca, pela parceria e dedicação em nosso compromisso de oferecer aulas de Educação Física de qualidade aos nossos educandos e pelos frutos que colhemos juntos desse trabalho.

A todos que, de alguma forma, estiveram presentes nessa caminhada, meu sincero agradecimento.



Mas é preciso ter manha,  
é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca possui  
A estranha mania de ter fé na vida

Fernando Brant / Milton Nascimento

## RESUMO

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da UNESP, teve como objetivo investigar e compreender os sentidos atribuídos pelos educandos à retomada da educação formal na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como suas percepções sobre o componente curricular de Educação Física. A pesquisa norteou-se pelas seguintes questões: quais fatores levaram os educandos a interromperem seus estudos? Quais as motivações para a retomada? Como a Educação Física pode contribuir para a ampliação da cultura corporal dos educandos? Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, utilizando a metodologia das histórias de vida e entrevistas narrativas com educandos dos anos finais do ensino fundamental da EJA, em uma escola municipal da cidade de Guarulhos-SP. Os resultados revelaram que entre os principais motivos para a interrupção dos estudos, destacaram-se fatores socioeconômicos, necessidade de trabalho e dificuldades familiares. A motivação para o retorno esteve associada à busca por melhores oportunidades de emprego, resgate da autoestima e desejo de superação pessoal. Quanto à Educação Física, demonstra-se que esse componente curricular pode desempenhar um papel importante ao estimular o protagonismo dos sujeitos na transformação de suas próprias vidas e do meio em que vivem, promovendo autonomia, inclusão e senso de pertencimento. A pesquisa resultou na produção de um ebook, que reúne as narrativas dos educandos, fortalecendo sua autoestima e protagonismo. Além disso, serve como uma ferramenta para apoiar os professores na compreensão da singularidade e complexidade do universo da EJA, inspirando práticas pedagógicas conectadas à realidade dos educandos. O estudo reafirma a importância da EJA, não apenas como um espaço para a conclusão dos estudos, mas como um instrumento de conquista e exercício da cidadania, especialmente, em um contexto social, político e econômico marcado por desigualdades. Além disso, evidencia a Educação Física como uma ferramenta emancipatória capaz de fortalecer a identidade e a participação ativa dos educandos no processo educativo, por meio da Educação Libertadora.

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos, educação física, histórias de vida, educação libertadora.

## ABSTRACT

This research, linked to the National Network Professional Master's Program in Physical Education (PROEF) at UNESP, aimed to investigate and understand the meanings attributed by students to the resumption of formal education in Youth and Adult Education (YAE), as well as their perceptions of the Physical Education curriculum component. The study was guided by the following questions: What factors led students to interrupt their studies? What were the motivations for returning? How can Physical Education contribute to the expansion of students' bodily culture? This is a qualitative study, using the life history methodology and narrative interviews with students from the final years of elementary school in YAE, at a municipal school in the city of Guarulhos-SP. The results revealed that the main reasons for interrupting studies included socioeconomic factors, the need to work, and family difficulties. The motivation for returning was associated with the pursuit of better job opportunities, the recovery of self-esteem, and the desire for personal achievement. Regarding Physical Education, the findings demonstrate that this curricular component can play an important role in fostering students' agency in transforming their own lives and the environment in which they live, promoting autonomy, inclusion, and a sense of belonging. The research resulted in the production of an e-book that compiles the students' narratives, strengthening their self-esteem and agency. Additionally, it serves as a tool to support teachers in understanding the uniqueness and complexity of the YAE universe, inspiring pedagogical practices connected to students' realities. The study reaffirms the importance of YAE not only as a space for completing studies but as an instrument for achieving and exercising citizenship, especially in a social, political, and economic context marked by inequalities. Furthermore, it highlights Physical Education as an emancipatory tool capable of strengthening students' identity and active participation in the educational process through Liberating Education.

**Keywords:** Youth and adult education, physical education, life histories, liberating education.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> Marcos legais sobre a elaboração das propostas curriculares e dos currículos | 36 |
| <b>Figura 2:</b> Educação Integral                                                            | 37 |
| <b>Figura 3:</b> Percurso da Educação de Jovens e Adultos em Guarulhos                        | 39 |
| <b>Figura 4 -</b> Perfil dos participantes                                                    | 61 |
| <b>Figura 5:</b> Nuvem de palavras                                                            | 67 |
| <b>Figura 6:</b> Motivos para o retorno                                                       | 69 |
| <b>Figura 7:</b> Aulas de Educação Física antes da EJA                                        | 79 |
| <b>Figura 8:</b> Nuvem de palavras                                                            | 80 |
| <b>Figura 9:</b> Prática de atividade física                                                  | 81 |

## **LISTA DE SIGLAS**

**UNESP** - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**EF** - Educação Física

**ProEF** - Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**QSN** - Quadro de Saberes Necessários

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PNE** - Plano Nacional de Educação

## **SUMÁRIO**

|                                                                                        |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA</b>                                                      | <b>16</b>  |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                    | <b>21</b>  |
| <b>2 OBJETIVO GERAL</b>                                                                | <b>25</b>  |
| 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS                                                              | 25         |
| <b>3 REVISÃO DE LITERATURA</b>                                                         | <b>26</b>  |
| 3.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL                                | 26         |
| 3.2 O DIREITO À EDUCAÇÃO                                                               | 32         |
| 3.3 HISTÓRICO E CONCENTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE GUARULHOS | 35         |
| 3.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS                | 42         |
| 3.5 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA E A EDUCAÇÃO FÍSICA                                         | 47         |
| <b>4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</b>                                                       | <b>54</b>  |
| 4.1 UNIVERSO DA PESQUISA                                                               | 54         |
| 4.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS E POPULAÇÃO DO ESTUDO                                            | 54         |
| 4.3 MATERIAIS E MÉTODOS                                                                | 55         |
| 4.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS                                                 | 57         |
| 4.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS                                                | 58         |
| <b>5 PRODUTO EDUCACIONAL</b>                                                           | <b>60</b>  |
| <b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>                                                        | <b>61</b>  |
| 6.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES                                                           | 61         |
| 6.2 MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA ESCOLAR                                                     | 63         |
| 6.3 TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS DA ESCOLARIDADE                                          | 70         |
| 6.4 EDUCAÇÃO FÍSICA NA MINHA VIDA                                                      | 78         |
| 6.5 EDUCAÇÃO LIBERTA                                                                   | 85         |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                          | <b>89</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                                                      | <b>92</b>  |
| <b>APÊNDICE A</b>                                                                      | <b>99</b>  |
| <b>APÊNDICE B</b>                                                                      | <b>102</b> |
| <b>APÊNDICE C</b>                                                                      | <b>105</b> |
| <b>APÊNDICE D</b>                                                                      | <b>107</b> |



## **MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA**

Minha história com a Educação Física inicia-se com uma infância alegre, tranquila e feliz; com os jogos, brincadeiras e esportes que contribuíram para o meu interesse pelas práticas corporais, a ponto de querer conviver com esse universo o restante da vida. Cercada de pessoas que formaram a base do meu caráter, que me apoiaram em minhas escolhas e que hoje colhem comigo o fruto de todo nosso esforço.

Neta da Dona Ilca (em lembrança), mãe de oito filhos que criou praticamente sozinha, lavadeira e doméstica, uma pessoa que não teve a oportunidade de se alfabetizar, mas trazia consigo uma sabedoria única, com a qual eu tive a sorte de conviver até os seus 90 anos. Filha do Roberto e da Bernadete, responsáveis pela construção de uma família sólida que tinha a educação como princípio fundamental, onde a dedicação e empenho eram a principal orientação para a conquista de um futuro mais próspero e com menos dificuldade do que eles enfrentaram. Irmã do Antonio Carlos (em lembrança) e da Danielle, personagens centrais na formação de lembranças de um convívio saudável entre irmãos que, com o passar dos anos, se tornaram verdadeiros amigos.

Minha formação na Educação Básica aconteceu na Escola Estadual Professor Frederico de Barros Brotero, escola essa em que boa parte de minha família estudou. Ingressei na antiga 2ª série e saí apenas no final do Ensino Médio. Tive a oportunidade de encontrar excelentes professores que contribuíram para que, ao final do período escolar, eu tivesse a condição de ingressar na universidade.

Iniciei a Licenciatura em Educação Física no ano de 2009, na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN), por meio de uma bolsa de estudos do Programa Universidade Para Todos (Prouni), política pública fundamental para o acesso de educandos de escola pública ao ensino superior. Essa escolha não foi fácil de fazer aos 17 anos de idade, quando o mercado de trabalho induzia a cursos ligados às áreas administrativas.

Tive uma formação satisfatória que me permitiu, em 2014, ingressar na Rede Estadual de São Paulo como professora de Educação Física. A primeira escola por que passei, a E.E. Profª Maria Aparecida Ransani Magalhães, situada no município de Guarulhos-SP, já me trouxe diversos desafios tão comuns à nossa profissão, como a falta de espaço adequado para o desenvolvimento das aulas, um currículo

sem flexibilidade, indisciplina dos educandos, que somados à falta de experiência poderia causar a desistência da profissão.

Em 2016, consegui a remoção e fui para E.E. Prof. Arthur Marret, onde permaneço até o momento. Escola essa em que pude de fato atingir a maioria das expectativas com a docência. Tive a oportunidade de acompanhar o crescimento de uma geração desde o 1º ano até o 8º ano, e perceber que é possível oferecer aulas de Educação Física significativas, diversas, que envolvam os educandos no processo de ensino-aprendizagem.

Tenho acúmulo de cargo desde 2018, quando ingressei na Rede Municipal de Guarulhos. Uma rede com diversas realidades, onde a Educação Física ainda é pouco entendida e valorizada. Os professores não têm sede, atendem vinte e cinco turmas semanalmente, falta estrutura adequada e materiais em vários locais, tornando a rotina de trabalho estressante e desgastante. O ponto positivo é o currículo “Quadro de Saberes Necessários” (QSN), construído coletivamente pelos professores da rede, que não sofreu alterações na sua essência devido à Base Nacional Comum Curricular.

Com essa realidade exaustiva que o acúmulo de cargos me proporcionava, decidi, em 2022, ministrar aulas na Educação de Jovens e Adultos, decisão essa que só veio enriquecer minha prática pedagógica. A diversidade de histórias, saberes, experiências e faixas etárias ampliou meu modo de acreditar no quanto a Educação Física pode ajudar na formação desses educandos.

O ingresso no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), no primeiro semestre de 2022, foi uma surpresa muito bem-vinda. Um programa com o acesso democrático que valoriza os professores da rede pública que estão no chão da escola. A proposta de um curso híbrido, com encontros presenciais, possibilitou conciliar trabalho e estudos, mesmo não sendo tarefa fácil.

No primeiro componente “Problemáticas da Educação Física”, foram destacados seis temas: atuações docentes, relação teoria e prática nas aulas de Educação Física, aspectos legais do componente curricular, o afastamento e a indisciplina dos educandos, o ensino de esporte na escola e as questões de gênero na Educação Física escolar. Esse componente foi fundamental para a escolha do tema para o projeto de pesquisa. Durante as atividades no AVA e encontros

presenciais, foi possível conhecer e compartilhar diferentes realidades, experiências e desafios que enfrentamos nas escolas.

O segundo componente “Seminários de Pesquisa em Educação Física” foi dividido em três partes para analisar os conceitos básicos da Metodologia da Pesquisa Científica, auxiliar na escolha do tema de pesquisa, apresentar o plano de execução para o desenvolvimento da dissertação e seu produto educacional. Além de orientações para a organização do Projeto de Pesquisa e submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa e à Plataforma Brasil. O contato com esses processos foi novidade para mim e me fez perceber o grande desafio que seria concluir esse curso.

No terceiro componente, “Escola, Educação Física e Planejamento”, foi possível discutir a função social da escola considerando as especificidades do nosso componente curricular. Analisar os currículos, objetivos, conteúdos e critérios de avaliação. As leituras propostas foram significativas ampliando o entendimento sobre o papel da Educação Física em uma sociedade democrática e republicana.

No quarto componente, “Metodologia de Ensino da Educação Física”, foi proposto uma compreensão sobre os métodos/modelos de ensino, partindo do princípio de que as aulas são espaços de debate e construção de conhecimento, o professor ocupando um papel de facilitador da aprendizagem e o educando o protagonista na construção do seu conhecimento.

O sexto componente, “Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental”, foi o específico da linha de pesquisa que escolhi. Contribuiu com bibliografia, atividades no AVA e encontros presenciais, favorecendo a discussão e reflexão sobre essa etapa de ensino. Foram discutidos temas como as relações da Educação Física com os processos de formação humana; o processo de enraizamento histórico da EF na cultura escolar; a relação da Educação Física com o Projeto Político Pedagógico das Escolas; a especificidade pedagógica na Educação Física na Escola; o processo de elaboração de diferentes propostas e proposições curriculares de EF e a BNCC com ênfase no componente curricular EF.

E, por fim, em “Escola, Educação Física e Inclusão”, foram discutidos temas sobre a inclusão dos estudantes com deficiência na escola, na sociedade e nas aulas de Educação Física, com propostas de atividades, análise das diferentes deficiências e os impactos no processo de ensino e aprendizagem. Foram propostas

vivências de alguns esportes paralímpicos, ampliando os conhecimentos tão necessários sobre o tema.

As eletivas ocorreram, em janeiro de 2023, e compreenderam os seguintes temas: “Teorias do Desenvolvimento Humano”, “Epistemologia e Educação Física Escolar” e “Jogo, lazer e Educação na Infância e Adolescência”. Esse período foi muito importante para o enriquecimento de saberes e nos instigou a aprofundar os estudos sobre os temas abordados. Em cada atividade de conclusão dos componentes, foi possível aprofundar e elaborar propostas que pudessem ser colocadas em prática nas escolas em que atuamos.

Durante o curso, no cumprimento das atividades complementares, realizei os cursos de Tecnologia e as formas de ensinar e aprender: a Revolução da Educação e Igualdade Racial nas Escolas. Ambos realizados por meio de plataformas digitais e parte da formação continuada incentivada pela rede municipal de ensino em que atuo.

Contribuí na execução do projeto Horta Vertical na EPG Celso Furtado, que faz parte das ações da escola para uma educação para a sustentabilidade, desenvolvido com estudantes da EJA. Participei, também, das Olimpíadas Colegiais de Guarulhos com os educandos dos anos finais do Ensino Fundamental, nas quais obtivemos resultados positivos, não só de desempenho, mas na contribuição da formação desses educandos pelo esporte.

Nesse período, também participei da publicação de três livros coletivos com a escrita de um capítulo. O primeiro, intitulado Educação Física Escolar - reflexões e práticas para educadores brilhantes, com o capítulo A Educação Física e as Inteligências Múltiplas. O segundo, chamado Práticas criativas em escolas e espaços recreativos, com o capítulo Educação para o desenvolvimento sustentável - um caminho para o presente, urgência para o futuro. O terceiro, Movimentos Docentes - construindo pontes entre saberes, práticas e continentes. Em parceria com meus colegas de turma do PROEF, escrevemos um capítulo sobre Projeto Político Pedagógico, Políticas Públicas e a Educação Física - possibilidades de transformação educacional e social.

Todo esse percurso no PROEF se mostrou desafiador e reconfortante, pois pude aprender, conhecer e perceber que há tantos profissionais, assim como eu, comprometidos com aulas de Educação Física progressistas, que respeitam a



diversidade, que sejam plurais e democráticas.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando tive a oportunidade de atuar como docente na Educação de Jovens e Adultos, deparei com um cenário diverso. Cada educando com a sua bagagem de saberes, sendo eles idosos, adultos, adolescentes, migrantes, pessoas com deficiência, e até ex-alunos que haviam abandonado os estudos.

Tal diversidade gerou e gera dificuldade de planejar a disciplina de Educação Física para este grupo de escolares. Desta forma, concordo com Prado Jr. (1998) quando nos apresenta a importância de conhecer quem é o escolar com quem vamos trabalhar.

Os motivos para a interrupção dos estudos são diversos e, os poucos, quando se sentem à vontade para compartilhar demonstram que são fruto, muitas vezes, de uma vulnerabilidade social.

Como destaca Arroyo (2011, p. 21), “as trajetórias dos sujeitos populares são marcadas por exclusões e resistências, por lutas e conquistas, que não podem ser ignoradas no espaço educativo”.

Em algum momento, na sua história de vida, os direitos humanos desses educandos foram violados e eles voltam à escola com sua bagagem de experiências vivenciadas, que independentemente da idade, na maioria das vezes, mostra-se imensa.

Deste modo, a EJA revela com clareza a diversidade de bagagem cultural e de conhecimentos trazida pelos educandos no contexto escolar, o que gera desafios para a otimização da qualidade no ensino fornecido.

Quanto ao processo educacional da EJA, existe uma variedade de experiências que estes alunos já obtiveram com a escola. Em geral, essas pessoas tiveram uma pequena permanência no ensino, durante alguns meses ou anos, fazendo ideia da estrutura escolar e dos moldes de uma aula em sala (Freire, 2005).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394 de 1996, no Artigo 37, enfatiza a preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos para esses sujeitos, tornando a principal função e desafio da escola garantir a permanência desses educandos (Brasil, 1996).

Arroyo destaca sobre o direito à Educação:

Começamos por explicitar a hipótese que nos orienta na análise sobre as tensões na negação-affirmação do direito à educação: direito à educação de

quem? Direito à educação de quais grupos sociais e raciais? Com a chegada das outras infâncias-adolescências nas escolas públicas, estas e os seus profissionais foram obrigados a pensar-se a partir dessa pergunta: quem são os educandos, as famílias, os grupos sociais e raciais que chegam à escola? De que espaços do sobreviver chegam? As pesquisas e análises de políticas também vêm sendo obrigadas a colocar-se essas perguntas. Reconstruções históricas de nosso sistema escolar – da educação infantil à universidade – têm mostrado que o direito popular à educação segue a histórica marginalização e segregação social e racial dos direitos sociais, econômicos, políticos, segregação tão persistente na cultura e na estrutura elitistas, conservadoras. (Arroyo, 2015, p. 17)

É fundamental entender quem é esse educando que retorna para a EJA, qual a sua história de vida e de que outros direitos básicos ele foi privado. Para, a partir daí, traçar uma proposta educacional, nos diferentes componentes curriculares, que atenda às suas necessidades.

Muitos possuem falas em que atribuem a si mesmos a culpa pelo abandono dos estudos, não se colocando como vítima da sociedade, de um sistema capitalista, que prega a meritocracia e o fracasso ao próprio cidadão que nasceu em uma classe social desfavorecida. Não demonstram conhecer os efeitos que a violação dos direitos humanos causaram em suas vidas.

O artigo 208 da Constituição Federal de 1988, incorporado à redação do Inciso da Emenda Constitucional 14 de 1996, deixa a critério do indivíduo a decisão de fazer valer o seu direito à educação (Brasil, 1988).

Leite destaca:

Obviamente, obrigar o público da EJA a retornar e frequentar a escola não seria o melhor caminho. No entanto, deixar para que este decida por livre e espontânea vontade, considerando a realidade da modalidade e público que compõe a EJA, é mesmo difícil de compreender. Uma parcela considerável desse público retorna à escola pelo desejo de cumprir o processo de escolarização, pela necessidade que sente, por sentir falta, pela necessidade do trabalho, para sua vida e por inúmeros outros motivos. Mas pouquíssimos retornam à escola cientes do seu direito e muito raro encontrar os que pleiteiam esse direito. Isso se dá porque para o público da EJA a “culpa” por não ter concluído os estudos é unicamente sua e mesmo que tenha justificativas para o abandono, para a evasão, para a repetência e para a falta, ainda assim se sentem culpados e não se vêem como portadores de um direito que lhes foi negado e que pode ser reivindicado. (Leite, 2013, p. 48)

Quais transformações poderiam ocorrer na vida e comportamento daqueles estudantes que retornam para a escola? Seria a esperança de se desenvolver intelectualmente, voltar ao mercado de trabalho, obter uma promoção ou emprego melhor? Ou ainda, reintegrar-se socialmente, socializar ou, por vezes, ter a garantia

de uma refeição diária? Qual a contribuição que as aulas de Educação Física podem oferecer a esse público tão marginalizado da sociedade? Partindo de tais questionamentos é que, neste estudo, pretendemos analisar, entender e planejar a disciplina Educação Física na EJA, a partir da história de vidas destes estudantes.

A Educação Física, na educação de jovens e adultos, é ofertada para aqueles que não concluíram o ensino básico em idade apropriada. A EJA se mostra desafiadora, a partir do acolhimento de adultos com suas diversidades e peculiaridades.

A luta social econômica por sobrevivência está presente na maioria das histórias de vida desses educandos, fazendo com que essa modalidade de ensino contenha aspectos que envolvem variedades históricas, de faixa etária, sociais e culturais.

Com isso, chega-se aos seguintes questionamentos: quais fatores os levaram a interromper seus estudos? Quais as motivações para a retomada dos estudos? Como a Educação Física pode contribuir para a leitura do mundo desses educandos?

Assim, essa pesquisa justifica-se pela baixa produção acadêmica na área da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, que vai dialogar com os estudos de uma Educação Libertadora proposta por Freire (2005) e defendida por Arroyo (2015), que visa atingir a Educação de classes mais populares e marginalizadas do contexto escolar.

Refletir acerca desses fatores é fundamental para a questão da permanência na Educação de Jovens e Adultos, na medida em que esta modalidade não se apresenta meramente como um espaço de término dos estudos, mas como um instrumento de conquista e exercício da cidadania, dentro de um contexto social, político e econômico desigual.

A Educação de Jovens e Adultos constitui um espaço educacional rico em diversidade, reunindo pessoas com histórias de vida únicas, marcadas por trajetórias desafiadoras que refletem as desigualdades sociais, econômicas e políticas do Brasil. Nesse contexto, a Educação Física surge como um componente curricular com potencial significativo para dialogar com as experiências dos educandos, promover a integração social e cidadania (Moraes, 2017; Reis, 2017).

Ao abordar a complexidade e as potencialidades dessa modalidade de

ensino, esta pesquisa visa contribuir para a reflexão sobre o papel da Educação Física na EJA como espaço de construção da cidadania e enfrentamento das desigualdades, reafirmando a educação como um direito humano fundamental e um instrumento de transformação social.

## **2 OBJETIVO GERAL**

O objetivo desta pesquisa é investigar e compreender os significados que os educandos atribuem à retomada da educação formal na educação de jovens e adultos e as suas percepções sobre o componente curricular Educação Física vivenciado por eles no âmbito escolar e na sua história de vida.

### **2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar as motivações que os fizeram abandonar e retornar os estudos;
- Descrever o perfil dos educandos;
- Avaliar a contribuição das aulas de Educação Física para ampliação da cultura corporal dos educandos;
- Produzir um ebook que apresente as narrativas dos educandos, destacando suas histórias de vida, experiências no contexto escolar e vivências na Educação Física.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos destina-se às pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na idade prevista pela legislação. É um curso oferecido a indivíduos, a partir dos 15 anos de idade para o Ensino Fundamental, e a partir dos 18 anos de idade para o Ensino Médio.

Almeida et al. destacam:

Falar dos sujeitos da EJA implica dizer que os mesmos não são apenas marcados pela interdição ao direito à educação (considerada por muitos em uma forma reduzida de "escolarização em uma idade própria"), mas também a interdição de toda uma série de direitos sociais, como saúde, moradia, lazer, transporte, entre outros. Desta feita, a luta pelo direito à educação só tem sentido se está incorporada a luta por outros direitos sociais. Isso implica uma perspectiva de educação que, entre outras coisas, repense a si própria e perceba os estudantes da Educação de jovens e adultos como sujeitos coletivos de direitos. (Almeida et al., 2017, p. 17)

Segundo o Parecer 11/2000 da CEB/CNE, a EJA possui um modelo pedagógico próprio, voltado a atender três funções: a reparadora, a equalizadora e a qualificadora (Brasil, 2000). A primeira diz respeito à exclusão histórica daqueles jovens e adultos; a segunda é relativa à ampliação da EJA para a diversidade social brasileira, por meio da possibilidade do retorno educacional desses sujeitos e a terceira, demarca o sentido permanente da educação (Peluso et al., 2020).

A partir das campanhas de alfabetização realizadas pelos governos brasileiros, nas décadas de 1940 e 1950, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser vista como uma importante iniciativa para a superação do analfabetismo entre adultos.

A escola noturna tinha o intuito de civilizar as camadas populares; esta iniciativa não visava os sujeitos e seus saberes, mas tinha um foco nos resultados para o capital e a economia.

Com a expansão da industrialização e urbanização no século XX, surgem movimentos que lutam pela efetivação dos direitos sociais básicos a fim de resgatar e valorizar os trabalhadores que viviam marginalizados e sem direitos. Segundo Arroyo (2008), a educação de jovens e adultos não pode ser vista apenas como uma

resposta ao analfabetismo, mas como uma forma de resistência que possibilita aos sujeitos recuperarem sua cidadania e o direito à educação de qualidade.

No Brasil, a década de 1940 marca os primórdios da independência da Educação de Jovens e Adultos diante dos altos índices de analfabetismo no país (Santos; Pinheiro, 2012). A modalidade da EJA volta-se para políticas de alfabetização da população adulta. Segundo Cunha:

Concomitantemente à Campanha de Educação de Adultos, abre-se a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. O analfabetismo é visto como causa e não como efeito do escasso desenvolvimento brasileiro, privando o País de participar do conjunto das "nações de cultura" (Cunha, 1999, p. 11).

No ano de 1964, o golpe militar representou uma interrupção do trabalho de alfabetização da população adulta, devido ao seu caráter conscientizador. O governo só consentiu a realização de programas de alfabetização de adultos de essência conservadora e assistencial (Santos; Pinheiro, 2012).

No ano de 1967, cria-se o MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização. Para Cunha:

A atuação do MOBRAL voltou-se, inicialmente, para a população analfabeta entre 15 e 30 anos. Por outro lado, objetivou sua atuação em termos de "alfabetização funcional", definindo que ela deveria visar "a valorização do homem (pela aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo e pelo aperfeiçoamento dos processos de vida e trabalho) e a integração social desse homem, através do seu reajustamento à família, à comunidade local e à pátria". (Cunha, 1999, p. 12).

O MOBRAL foi extinto em 1985 e, em seu lugar, surgiu a Fundação Educar, "que abriu mão de executar diretamente os programas, passando a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniadas" (Cunha, 1999).

Houve um avanço, a âmbito de legislação, com a Constituição de 1988. Essa institui como dever do Estado a ampliação da EJA, ao estabelecer a garantia do Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive aos jovens e adultos que não tiveram acesso à educação básica na idade própria (Brasil, 1988).

A EJA ganhou reconhecimento formal com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 1996, que dedicou uma seção específica a essa modalidade de ensino.

A LDB reafirma a EJA como um direito, assegurando a oferta de educação básica àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade apropriada (Brasil, 1996). Esse marco legal destaca a importância da EJA no combate às desigualdades educacionais, estabelecendo diretrizes que orientam políticas públicas voltadas para atender às necessidades específicas dessa população, promovendo a inclusão, a cidadania e o aprendizado ao longo da vida.

No âmbito da legislação, cabe destacar a LDB 9.394/96. O segmento EJA é regulamentado pelo Artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (a LDB, ou lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996). No artigo 37, é ressaltado que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria (Brasil, 1996).

A educação, no século XXI, está marcada pela complexidade de um mundo globalizado, uma sociedade conectada e um planeta em avanço. Porém, ainda vivemos problemas do século XIX. Nesse percurso, a EJA apresenta avanços e retrocessos por meio de movimentos de resistência e luta pelos seus direitos, os quais são mascarados por uma estrutura política, projetos e planos definidos em papel, mas ainda distantes da realidade dos sujeitos (Vieira, 2014).

Para Arroyo et al:

Infelizmente, prevalece na maior parte da história da EJA o caráter instrucional, assistencial, supletivo e compensatório, marcado pelo amadorismo e ausência de financiamento público. Fato que abriu espaço tanto para o caráter de voluntariado, de improvisação e de indefinição de espaços para EJA, quanto suscitou a demanda por outras instâncias como as igrejas, ONGs, sindicatos e movimentos sociais (Arroyo et al., 2005, p. 25).

Logo, faz-se necessária a busca por estabelecer o direito à educação para todos. É um caminho longo entre estruturas políticas e retrocessos, mesmo em meio aos avanços tecnológicos, deixando, assim, uma parcela da sociedade fragilizada, limitada com dificuldades de empregabilidade em pleno século XXI (Machado, 2017).

Os sujeitos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores, desempregados, autônomos ou, até mesmo, desalentados. Cidadãos que desistiram de procurar por emprego pela dificuldade do processo e a escassez no mundo do trabalho, o que leva boa parte destes a atuar de maneira informal para obter recursos para sobreviver. Segundo Arroyo (2017, p. 78), a educação de jovens e adultos não pode

ser dissociada das condições socioeconômicas dos educandos, uma vez que muitos são forçados a entrar no mercado de trabalho informal em função das condições precárias e da exclusão social. A EJA, portanto, precisa ser um espaço de resistência e valorização do saber popular, possibilitando a reconstrução da cidadania e da dignidade desses sujeitos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), mais da metade dos brasileiros, com 25 anos ou mais, não completam o Ensino Médio no período regular. Além disso, boa parte destas pessoas não retoma os estudos posteriormente.

De modo conceitual e amplo, observa-se que apenas uma parcela ingressa na EJA, assim, a taxa de analfabetismo entre as pessoas, a partir de 15 anos ou mais que corresponde a 11 milhões de jovens e adultos, aflige a educação no nosso país. Mais da metade dessas pessoas moram na região Nordeste (Cunha, 2017).

Para Campos:

Outra questão dos estudos esteve ligada a visão da EJA como uma modalidade pedagógica que transcendem a visão reducionista de simples alfabetização. Tendo como base a abordagem freiriana, ela tem necessidade acima de tudo ser leitura de mundo. A metodologia ensino freiriana supera visão de mera alfabetização mecânica, mostra que o essencial além de alfabetizar é formar [...] consciência crítica; compreensão dos problemas brasileiros; democratização; apropriação do conhecimento sobre a sua realidade; trabalho do homem junto com outros homens e não para sua exploração. Finalmente, o homem e todos os homens ao se apropriarem desses conceitos seriam capazes de se reconhecerem como atores históricos e criadores da cultura (em sua dimensão antropológica: cultura é tudo aquilo que o homem faz, em oposição ao conceito cultural elitista e excludente). Esse novo homem, modificado pelo processo educacional, estaria apto, enfim, a entender a sua "realidade" para modificar essa mesma realidade" (Campos, 2013, p. 68).

O Brasil, segundo o IBGE (2019), apresenta um alarmante cenário no sistema educacional, em relação ao abandono do ensino regular pelos adolescentes, com apenas uma pequena parcela retomando por meio do ensino da EJA.

Percebe-se um ciclo no qual o sistema precário leva o adolescente, de aproximadamente 15 anos, a abandonar os estudos por não ter recursos para as necessidades básicas, e é direcionado para o trabalho. Assim, após o abandono entre 5 e 10 anos, esse mesmo adolescente ou jovem/adulto retorna à escola na tentativa de se preparar para o mundo do trabalho, na busca por melhores condições de vida, que poderiam ser garantidas no ensino regular (Haddad, 2017).

Cunha salienta que:

O Brasil possui cerca de 14,1 milhões de pessoas não alfabetizadas entre jovens e adultos, o conjunto destes sujeitos refere-se a pessoas moradoras de ocupações urbanas ou rurais, jovens, adultos e idosos, negros, indígenas, entre tantos outros. Deste modo, demonstra-se que a fim de tentar amenizar a situação educacional no Brasil, foram criados alguns programas direcionados a alfabetização e educação de Jovens e Adultos-EJA. (Cunha, 2017, p. 12).

A EJA é afetada principalmente pela desigualdade e pelas perdas de direitos dos sujeitos que fazem parte do seu contexto. Eles enfrentaram barreiras na juventude e o trabalho foi considerado limitador.

A Educação de Jovens e Adultos surge como auxílio aos indivíduos que não tiveram o dito êxito na escola convencional que titula. Titulação esta passível de ser questionada em muitos casos, pois não garante a efetividade do letramento, que não pode ser confundido com alfabetização.

Mais do que um auxílio na conclusão dos estudos, a EJA possibilita a obtenção do diploma. Por não reproduzir o ambiente excludente vivenciado pelos educandos na escola convencional, ela pode ser identificada não apenas como um espaço de estudos voltado à alfabetização ou ao letramento, mas um verdadeiro exercício de cidadania, fundamental dentro do estado democrático de direito (Rodrigues, 2017).

A Educação de Jovens e Adultos é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996). Porém, mesmo a partir da construção do acesso à educação para jovens e adultos e a mudança na visão sobre a produção cultural deste público, ainda se constata que há um grande percentual de evasão escolar nesse segmento, o que leva a refletir sobre fatores que implicam a modalidade da EJA.

Entendida como espaço e modalidade de ensino, carrega um dilema no que diz respeito à sua organização e perspectiva pedagógica. Repetir os mesmos procedimentos adotados na escola convencional, reestruturando, de modo sutil, apenas o discurso, para fazê-lo relevante ao público presente nesta modalidade de ensino ou oportunizar diversas formas de educação, de maneira a não reproduzir o modelo pretérito que não foi concluído pelos estudantes da EJA (Cunha, 2017).

Assim, o aprendizado desses sujeitos tem o potencial de impactar a comunidade em que o educando vive e faz com que ele se torne um agente transformador no meio em que está inserido. (Nepomuceno, 2018).

A EJA se mostra desafiadora, a partir do acolhimento de adultos dentro de sua diversidade e peculiaridades, como a luta social econômica por sobrevivência, fazendo com que essa modalidade de ensino contenha aspectos particulares que envolvem variedades históricas, econômicas, etárias e socioculturais.

No atual cenário nacional, na segregação do contexto ensino-aprendizagem, a realidade educacional do país tem revelado um baixo nível de leitura, escrita e compreensão de texto dos estudantes, fazendo-se necessária uma prática que contemple o homem como ser histórico-social. (Machado, 2017).

A Resolução CNE/CEB n.2, do ano de 2010, estabelece as diretrizes para a oferta da EJA para os sujeitos privados de liberdade, bem como a Resolução CNE/CEB n.3, de 2016, estabelece as condições para a educação que se fazem nas medidas socioeducativas, e a Resolução n. 4, de 2016, completa as medidas da EJA (Brasil, 2010, 2016).

Deste modo, pondera-se que, apesar de o cenário contemporâneo da EJA pública, promotora do direito individual à educação gratuita, por mais que oportunize condições para que uma educação estimule a consciência crítica e a autonomia se efetive, enfrenta também similar problema ao da evasão no ensino convencional.

Diante desse contexto apresentado e tema proposto, a prática pedagógica dentro da EJA, diante de situações de desistências, de idas e vindas, tem o desafio de como intervir nesse cenário de evasão dentro da Educação de Jovens e Adultos (Vieira, 2014).

Sendo assim, a Educação de Jovens e Adultos possui um curso de formação muito mais social que a educação regular no Brasil, pois nasceu de iniciativas populares e involuntárias e se estabeleceu quase por seu próprio esforço.

O Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024), em sua Meta 8, se propõe a elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos. Assim, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional, por meio da Educação de Jovens e Adultos (Ribeiro, 2018).

No Brasil, demonstra-se que as políticas públicas de cunho educacional no sentido do ensino e da aprendizagem, vêm tendo avanços na sua regulamentação,

preocupando-se quanto à adequação nas instituições escolares no sentido de atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/ 1996.

O processo educacional da EJA refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos (Haddad, 2017).

Vieira ressalta os artigos da LDB:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, dedica dois artigos (arts. 37 e 38), no Capítulo da Educação Básica, Seção V, para reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos que não tiveram acesso na idade própria. Assim, a EJA, não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negados, do direito a uma escola de qualidade, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. (Vieira, 2014, p. 11).

A EJA, em seu processo, analisa a realidade do educando e o contexto em que ele se insere, para que possa lhe proporcionar uma aprendizagem significativa e cumprir seu objetivo de criar maior equidade de oportunidades e redução da exclusão social. Além disso, procura minimizar as dificuldades dos alunos em conciliarem trabalho e cuidados com a família e estudo (Nepomuceno, 2018).

A Educação de Jovens e Adultos tem sido marcada por diversas propostas de atendimento ao longo do tempo.

Nesse contexto, cada debate contribui para uma análise e compreensão de uma nova concepção dessa modalidade educacional, alinhada às necessidades atuais. Por estar em constante transformação, é que este trabalho busca contribuir focando nas histórias de vida dos educandos da EJA, focando nas vivências na área de Educação Física, buscando auxiliar na aderência dos alunos e diminuindo a evasão. Desta forma, atingindo o objetivo da Educação para todos como um direito e dever do Estado.

### 3.2 O DIREITO À EDUCAÇÃO

O direito educacional se faz baseado em um conjunto de normas reguladoras dos relacionamentos entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem. Classificam-se sobre leis e regulamentos que versam sobre as relações de

educandos, professores, administradores, especialistas e técnicos, enquanto envolvidos, mediata ou imediatamente, no processo ensino-aprendizagem.

O conceito do termo 'direito' para Bobbio:

'Direito' é uma figura deontica e, portanto, é um termo da linguagem normativa, ou seja, de uma linguagem na qual se fala de normas e sobre normas. A existência de um sistema normativo, onde por 'existência' deve entender-se tanto o mero fato exterior de um direito histórico ou vigente quanto o reconhecimento de um conjunto de normas como guia da própria ação. A figura do direito tem como correlato a figura da obrigação. Assim como não existe pai sem filho e vice-versa, também não existe direito sem obrigação e vice-versa (Bobbio, 2004, p.74).

No Brasil, a educação é garantida como um direito fundamental, conforme previsão expressa do Título II, art. 6.º, da Constituição, realizado dentro dos preceitos constitucionais e infraconstitucionais, onde o processo educacional deve cumprir com os princípios constitucionais. Desta forma, buscar a justiça social como forma de garantir a solidariedade, com a finalidade de se garantir a dignidade da pessoa humana (Brasil, 1988).

Todo processo, quanto ao direito educacional, desenvolve a manutenção e desenvolvimento do ensino, diretamente relacionado com os processos educativos, assim, a existência do direito educacional no Brasil justifica-se na interpretação e efetivação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Para Cury, o direito à educação:

O direito à educação parte do reconhecimento de que o saber repassado nas instituições escolares é tanto uma herança cultural capaz de colocar o cidadão na posse de padrões cognitivos e formativos prevaletentes na sociedade, quanto uma exigência da cidadania pela qual o mesmo cidadão tem mais possibilidades de participar dos destinos de sua nação e colaborar na sua transformação qualitativa (Cury, 2014, p. 68).

É importante destacar que o direito à educação não pode ser dissociado dos direitos sociais e humanos. Para garantir o direito à educação é necessário o diálogo com outros direitos.

Para Arroyo:

Esse atrelamento do direito à educação à garantia do conjunto de direitos humanos mais básicos e a outro projeto de sociedade nos aponta pistas determinantes para a análise da negação-afirmação do direito à educação dos grupos sociais em lutas por direitos. Uma primeira pista é superar a visão ingênua de que o direito à educação é o primeiro direito, o direito precedente garantia dos outros direitos. A segunda pista é reconhecer que tanto a negação quanto a afirmação do direito à educação não aconteceram nem acontecerão como processos sociais, políticos isolados da negação-afirmação dos direitos humanos mais básicos. Logo, equacionar

políticas de garantia do direito à educação articuladas a políticas de garantia dos direitos humanos articuladas por outras instâncias como a Secretaria de Direitos Humanos, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o Ministério do Desenvolvimento Social, o Ministério do Desenvolvimento Agrário etc. Por fim, a terceira pista consiste em superar a visão dos direitos humanos e, especificamente, do direito à educação como direitos individuais – número de alunos que acederam à escola, que fizeram um percurso escolar exitoso etc. - para avançar as análises de negação-garantia dos direitos de coletivos sociais, de classe, de raça, de gênero, de etnia e do campo. As lutas sejam contra a negação de direitos ou por sua garantia são coletivas. O padrão de poder-saber segrega, inferioriza coletivos de classe e raça. Como coletivos, eles lutam por direitos. (Arroyo, 2015, p.20)

Deste modo, o direito educacional deve se estabelecer sobre as políticas públicas voltadas para a garantia do direito à educação, é uma prática necessária como ação do Estado, no sentido de reafirmar que a garantia de tais direitos, como direitos humanos, está diretamente relacionada à emancipação da sociedade (Rama, 2009).

Sobre as consequências da falta de escolaridade e o ingresso no mercado de trabalho Arroyo afirma:

Se levarmos em conta que no padrão classista e racista de trabalho ter um diploma de conclusão do ensino fundamental e médio é pré-condição para ser admitido no mercado de emprego, aos 53% de jovens pobres e negros sem diploma de conclusão do ensino fundamental lhes será negado o direito ao trabalho. À vida digna e justa. A pobreza é condicionante de seu direito à educação e condicionante de seu direito ao trabalho e à vida. A negação dos direitos humanos mais básicos determinando a negação do direito à educação condicionante de sua condenação à pobreza. (Arroyo, 2015, p. 29)

Portanto, não há como dissociar a injustiça social, os direitos humanos e os direitos sociais do direito à educação: estão condicionados e afetam o sucesso ou fracasso escolar do educando.

Todo acesso à educação é entendido como um passo fundamental para a igualdade e a inclusão social, assim, não se pode mudar o papel da educação que tem como objetivo acompanhar o processo de acontecimentos e gerar consciência crítica, transformadora e democrática. Desse modo, o processo educativo constrói, ao mesmo tempo, o ser humano na realidade na qual ele se objetiva (Aragão, 2019).

Arroyo (2015) afirma que o direito à educação passa por tempos insatisfatórios. A injustiça social ainda precisa ser combatida. O direito à educação não vai melhorar sozinho.

Cury comenta:

Essa situação tem uma história passada de desleixo e abandono, cujas consequências são extremamente visíveis e sempre catalogadas nos indicadores estatísticos dos órgãos do governo ou de organizações internacionais. [...]. Mas não faltaram esforços, propostas e lutas tendentes a realizar a cidadania educacional em nosso país. Um dos campos de luta foi o terreno de elaboração de leis (Cury, 2010, p. 569)

Assim, a EJA continua demandando políticas públicas que promovam o conhecimento mais amplo desse direito à educação que lhe foi negado, com ações que incentivem e possibilitem o acesso e permanência desse educando. Que cada indivíduo possa exercer o seu direito sem culpa, sensação de inferioridade ou incapacidade. Que ele encontre um ambiente acolhedor com práticas pedagógicas que respeitem sua história e características, com aprendizagens que lhe deem condições de seguir em frente com dignidade.

### 3.3 HISTÓRICO E CONCENTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE GUARULHOS

A rede municipal de Guarulhos possui uma proposta curricular, o QSN (Quadro de Saberes Necessários), construída coletivamente, em 2009, com a participação de docentes, técnicos, especialistas e da comunidade escolar, sendo este um documento norteador dos currículos.

Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017 (Brasil, 2017), essa proposta foi revisitada, a partir de grupos de trabalhos (GT) que deveriam analisar os alinhamentos. Felizmente, a proposta não foi modificada em sua essência, mantendo, assim, as características da rede, que valoriza o diálogo, a gestão democrática e uma educação sob a perspectiva histórico-cultural.

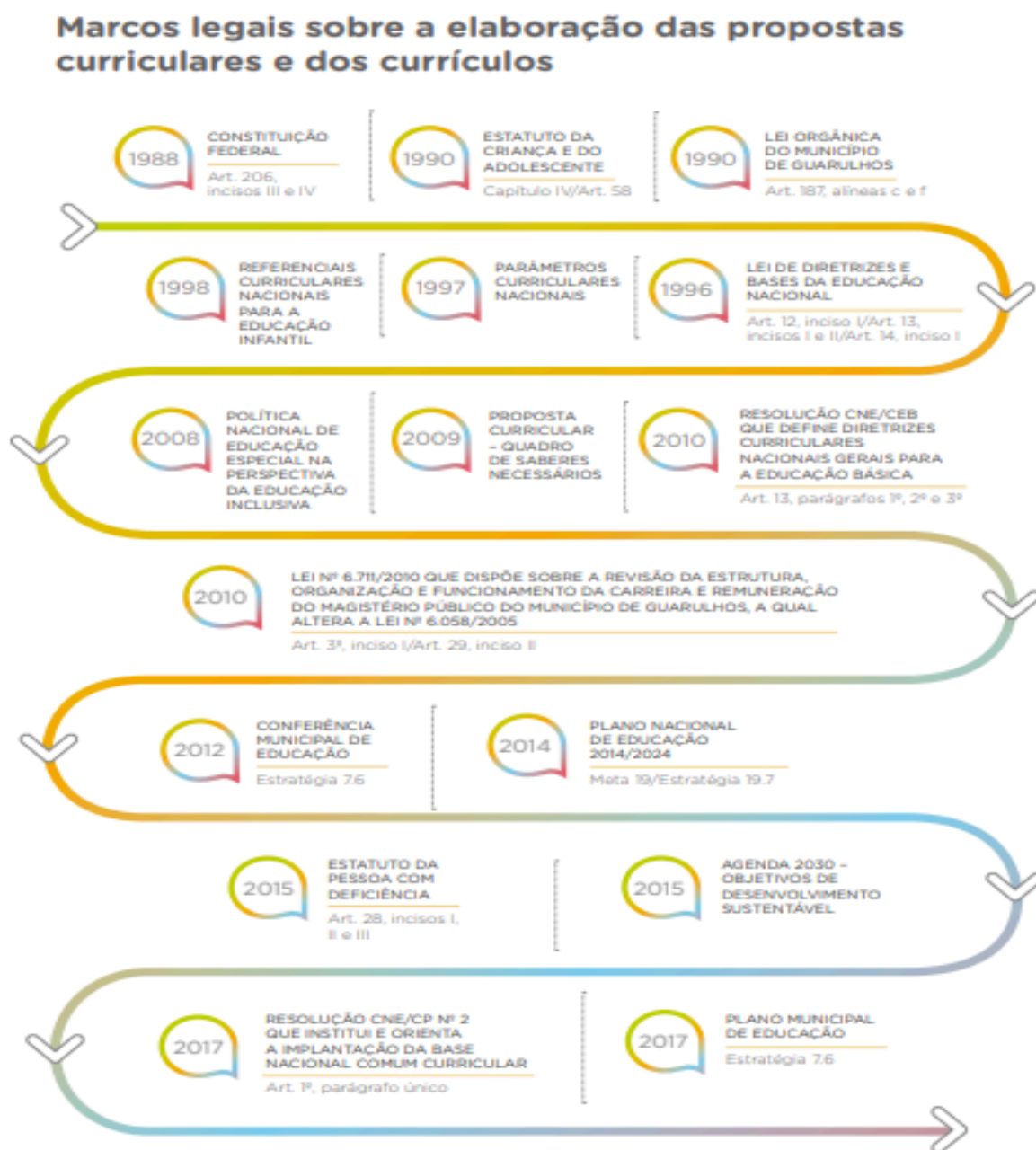
O QSN tem o objetivo de orientar e nortear as práticas pedagógicas nas escolas municipais. Esse quadro busca assegurar que todos os educandos tenham acesso a conteúdos essenciais para seu desenvolvimento educacional. A proposta abrange diversas etapas da educação básica, incluindo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), estruturando-se em campos de experiência que guiam os educadores na elaboração de atividades e avaliações.

Ao refletir a respeito da educação sob uma perspectiva histórico-cultural, compreende-se que o aprendizado ocorre na relação com o outro e com o meio, ao se socializar, produzir e reproduzir cultura. Sendo assim, faz-se necessária a

reflexão da humanidade em (re)pensar, (re)construir e aprimorar ações que venham ao encontro da consolidação de uma sociedade cada vez mais justa, democrática e fraterna (Guarulhos, 2019).

A proposta curricular foi construída com os seguintes marcos como apresentados na Figura 1.

**Figura 1:** Marcos legais sobre a elaboração das propostas curriculares e dos currículos



Fonte: Guarulhos (2019)

O documento destaca que uma proposta curricular não é um currículo da escola. Em concordância com Silva (2009), compreende-se o currículo como construção social, percurso, lugar, espaço e território cujas práticas pedagógicas e sociais ocorrem nas escolas, nas salas de aula e em seus diferentes espaços, tendo como referência o desenvolvimento integral do sujeito em uma perspectiva participativa, processual e dialética.

Espera-se, assim, uma educação que tenha como prioridade a cidadania, os direitos humanos, o diálogo, a formação integral e a participação de todos na educação, em busca da construção de uma sociedade melhor (Guarulhos, 2019).

A proposta curricular entende a educação integral sob os seguintes aspectos: multidimensionalidade, centralidade no educando, inclusão, gestão democrática, intersectorialidade, espaços, sustentabilidade e currículo integrado, apresentados na Figura 2.

**Figura 2:** Educação Integral



Fonte: Guarulhos (2019).

Sobre a função social da escola, o documento destaca que para que haja o envolvimento dos educandos na construção dos saberes é necessária atenção à forma como o objeto de conhecimento é apresentado:

[...] se há banalização, simplificação, “assepsia”, o educando não tem elementos para estabelecer relações mais profundas. O procedimento inteligente é aquele que pergunta. Perguntar é buscar estabelecer relações. O educando pergunta. Se não tem pergunta, o educador pergunta para desafiá-lo a pensar, ao contrário de receber passivamente os conteúdos. Para isto, o trabalho com projetos, temas geradores, estudo do meio, experimentação e problematização são alternativas significativas (Guarulhos, 2008, p. 11).

Acredita-se em uma educação que respeite os diferentes tempos de vida, como “[...] tempos de aprender, de socialização, de descobertas e de ação” (Arroyo, 2013, p. 189). Além disso, que olhe para os educandos com manifestações culturais diversas e identidades em construção, acolhendo as necessidades e os interesses (Guarulhos, 2019).

Visando a compreendê-los, reconhecemos a necessidade de apropriação das características elementares do desenvolvimento humano em suas diferentes dimensões, sobretudo aquelas relacionadas ao processo de aprendizagem. Assim, a Rede Municipal de Educação de Guarulhos fundamenta sua educação segundo os diferentes “Tempos da Vida” (Arroyo, 2013).

Conceito este, em que a infância, a adolescência, a juventude e as diferentes fases da vida adulta devem ter suas especificidades reconhecidas e respeitadas com o devido olhar para suas manifestações culturais e a construção de suas identidades. Sob tal perspectiva, compreendemos o direito à educação como um direito que abrange a cultura e a arte, e, ainda, o direito à criatividade, à cidadania e aos cuidados básicos, com respeito também ao direito à brincadeira, à afetividade, à felicidade e à expressão de anseios, interesses, ideias e esperanças. Em face do referido direito, todos os educandos devem ser acolhidos e respeitados em todas as etapas e modalidades de ensino (Arroyo, 2019).

A proposta na EJA é “[...] promover a formação integral do ser humano, reconhecendo e respeitando suas histórias de vida, saberes, experiências, vivências, culturas, valores, bem como a realidade política e social das quais faz

parte [...]” (Guarulhos, 2009, p. 91). Na figura 3, apresenta-se o avanço da EJA na cidade Guarulhos.

**Figura 3:** Percurso da Educação de Jovens e Adultos em Guarulhos

### Percurso da Educação de Jovens e Adultos em Guarulhos



Fonte: Educação de jovens e adultos, 2019, p.9-10

Sendo assim, deve-se compreender, na EJA, os educandos e seus diferentes tempos de vida. É almejada uma educação para a formação de cidadãos críticos, responsáveis e solidários, considerando todos como sujeitos de direitos, que têm vontades próprias e são capazes de construir conhecimentos para intervir no seu meio.

Nesse sentido, a prática pedagógica tem que ser acolhedora, garantindo o acesso, a permanência, com qualidade em seu desenvolvimento.

É fundamental propiciar situações de aprendizagem que considerem as histórias de vida dos educandos e os coloquem como protagonistas e produtores de conhecimentos, possibilitando-lhes novas escolhas e caminhos pautados nos princípios da Educação Integral e Inclusiva.

Considerando o educando em sua totalidade, chama-se a atenção para a importância da intencionalidade na prática educativa e no fazer pedagógico do professor, a fim de viabilizar a participação dos sujeitos envolvidos no processo educativo no planejamento, na execução e na avaliação, valorizando os conhecimentos produzidos por jovens e adultos que concentrem esforços na relação entre teoria e prática, instigando, assim, a problematização, a construção e a reelaboração do conhecimento.(Guarulhos, 2019)

Os objetos de conhecimentos são divididos em eixos, e estes são constituídos dos saberes necessários para a materialização da proposta curricular.

Desse modo, é preciso compreender que os saberes significam junções de aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais (Vasconcellos, 2008; Guarulhos, 2009).

A apropriação dos saberes se constrói ao longo dos ciclos de formação, que devem também considerar o conjunto de saberes da experiência cotidiana dos educandos, seu tempo de vida, o jeito de aprender e sua cultura local.

A apropriação dos saberes pode se dar em tempos e ritmos diferenciados considerando as especificidades e necessidades dos sujeitos. (Guarulhos, 2019)

Os eixos permitem a integralidade dos saberes e visam favorecer ações conjuntas; sendo assim, cada eixo apresenta a fundamentação de sua estrutura e saberes que auxiliam a equipe escolar na escolha dos meios mais adequados para assegurar a qualidade de seu processo educativo. A opção pelo termo “eixo” está amparada nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica

(Brasil, 2013), na garantia de escolha dos sistemas por uma organização pedagógica interdisciplinar. (Guarulhos, 2019)

O eixo “O educando e a Educação Física”, foi instituído na última modificação da proposta curricular em 2019.

São divididos da seguinte forma:

- O Educando, sua Corporeidade e Relações Sociais
- O Educando e o Mundo do Trabalho
- O Educando e as Tecnologias
- O Educando e a Língua e Cultura Portuguesa
- O Educando e a Libras/Língua Portuguesa
- O Educando e as Linguagens e Expressões Matemática
- O Educando e a Arte
- O Educando e a Educação Física
- O Educando e a Língua e Cultura Inglesa
- O Educando e as Ciências da Natureza
- O Educando e os Saberes Relativos à Natureza e Sociedade

A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, na rede municipal de Guarulhos, considera o corpo e o movimento como manifestações histórico-culturais construídas ao longo da vida. Logo, as relações corpóreas são linguagens passíveis de leitura e interpretação e estão situadas dentro de um contexto sociocultural. (Guarulhos, 2019)

Alguns dos educandos chegam com uma vasta vivência de manifestações corporais, enquanto outros vão ter o primeiro contato com a Educação Física no contexto formal. Com isso, as aulas na EJA buscam oportunizar novas experiências e ao mesmo tempo valorizar os conhecimentos prévios.

As aulas de Educação Física na EJA na Prefeitura de Guarulhos iniciaram-se em 2014, oferecidas dentro do horário regular, o que facilitou a adesão e participação dos educandos. Em 2021, por meio da Portaria 97, as aulas foram organizadas com uma aula para o ciclo um (1º ao 5º ano) e duas aulas para o ciclo dois (6º ao 9º ano). O quadro de saberes “O educando e a Educação Física”, é composto por esportes, ginástica, brincadeiras e jogos, lutas, danças e conhecimento sobre o corpo.

A teoria histórico-crítica, concepção que considera o ser humano fruto das relações sociais, tem como princípio a valorização das dimensões ética, estética, étnico-racial e política. Representa a priori uma concepção mais adequada ao público da EJA, uma vez que tenta superar práticas educacionais inspiradas em conceitos conservadores e hegemônicos, estabelecendo conceitos pedagógico-didáticos que consideram as singularidades e subjetividades dos educandos, contrapondo-se à qualquer forma de preconceito, estigmatização ou segregação, compreendendo, assim, as manifestações corporais como ações individuais e interativas. (Guarulhos, 2019)

### 3.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

A Educação Física, como ambiente de desenvolvimento de jovens e adultos, é um componente curricular cujo objetivo é oportunizar melhores condições de aprendizagem, a partir dos conhecimentos construídos pelo homem, ao longo da história com o seu corpo em movimento, formando, apresentando ou resgatando os diversos conteúdos presentes na dança, luta, ginástica, esportes, jogos e brincadeiras.

Segundo Darido e Rangel (2005), a Educação Física escolar deve ser compreendida como uma área de conhecimento que contribui para a formação integral do indivíduo, promovendo o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e afetivas, por meio de práticas corporais diversificadas e contextualizadas.

Demonstra-se que estudantes que frequentam essa modalidade de ensino vivem em uma realidade de desigualdade e exclusão social. Assim, a Educação Física como componente curricular legitimada ao processo educacional, em todos os níveis da educação básica, é mais uma possibilidade de ampliação dos saberes aos educandos que retornam ao processo escolar.

Pondera-se que as aulas de Educação Física frente à educação de jovens e adultos pode e tende a viabilizar a compreensão do ser humano e suas totalidades. Sendo assim, a prática de atividade física nessas aulas, terá relação direta com a qualidade educacional e social do processo humano (Pontes, 2018).

No processo escolar da educação de jovens e adultos, as aulas de Educação Física proporcionam momentos de expressão, socialização, conceitos e valores que contribuem para a formação desses indivíduos.

De acordo com Brasil (2000), a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser entendida como uma prática pedagógica que valoriza a experiência corporal e cultural dos alunos, promovendo a inclusão, a autonomia e o respeito às diversidades, elementos essenciais para a construção da cidadania.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), a Educação Física é componente curricular obrigatório da Educação Básica, porém no ano de 2003, a partir da Lei nº 10.793 (Brasil, 2003), torna-se esse componente curricular facultativo para alguns estudantes do turno noturno, nos casos de: 1) cumprirem jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; 2) serem maiores de 30 anos de idade; 3) estarem prestando serviço militar inicial, ou que, em situação similar, estiverem obrigados à prática de Educação Física e; 4) que tenham prole.

A liberação de quem vive os casos descritos acima está vinculada ao entendimento de que a Educação Física é um componente curricular eminentemente prático e que não produz conhecimentos significativos.

No caso do período noturno, identifica-se que devido ao trabalho e o cansaço físico, o estudante poderia ter a dispensa das aulas. Mais uma vez reduzindo a proposta da Educação Física da EJA a uma relação técnico instrumental (Pereira, 2013; Goldschmidt Filho; Cruz; Bossle, 2016).

Para Almeida et al:

Temos aqui a presença de concepções de educação física na escola que acabam por apontar uma concepção de estudante trabalhador como aquele desprovido de condições de vivenciar experimentar suas próprias práticas de jogos, esportes, danças, etc. na escola, uma vez que todas as suas energias teriam sido "consumidas" nos tempos do trabalho. Tais concepções sustentam, portanto, o lugar do trabalhador como um "não sujeito", incapaz e não autorizado a produzir cultura e a construir as diretrizes de sua formação no interior da EJA. Nesta perspectiva, as "atividades físicas" pensadas em muitas aulas de EF se sobrepõem arbitrariamente aos indivíduos. Sustenta-se, na essência, a dicotomia corpo-mente nos processos escolares, ao tratar implicitamente uma cisão entre trabalho corporal e trabalho cognitivo/intelectual, esta bastante presente também no discurso biomédico mais tradicional. (Almeida et al., 2017, p. 18)

Dentro do direito educacional brasileiro, demonstra-se que a LDB atualizada transfere o caráter facultativo para os alunos e não mais para a escola (Reis, 2017). Deste modo, cabe ao alunado da EJA se adequar aos critérios estabelecidos na LDB, para fazer jus ao direito de ter Educação Física em seu curso.

A Educação Física para jovens e adultos é fundamental para o desenvolvimento humano, contribui para estimulação dos sentidos. A Educação Física escolar se propõe/propaga a estudar o movimento humano, os valores ético-políticos do corpo e sua amplitude, bem como desenvolver a compreensão dos alunos acerca do significado da educação. (Morais, 2017).

A Educação Física não se restringe aos simples exercícios de certas habilidades e destrezas, mas sim, capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e cultural. Ela tem uma vantagem educacional que poucos componentes curriculares têm: o poder de adequação do conteúdo ao grupo social em que será trabalhada. Assim, permite uma liberdade de escolha dos conteúdos relevantes, considerando os conhecimentos prévios dos educandos, tornando a aprendizagem significativa (Reis, 2017).

Nesse sentido, demonstra-se que frente a jovens e adultos, a Educação Física permite a aprendizagem que lhes será útil, inclusive na sua vida em sociedade, desenvolvendo e consolidando suas relações sociais, assim como possibilitando o conhecimento de uma prática corporal com a qual se identifica, levando-a para a sua rotina diária. Como nos aponta Darido:

Em relação à educação física, nota-se que estudos relacionados ao corpo, em interfaces teóricas com as ciências humanas e sociais, logo, compreender as percepções dos alunos da EJA sobre o corpo e como a disciplina de educação física contempla as abordagens pedagógicas. Assim, pondera-se que estudos frente a educação de jovens e adultos colabora para compor o mosaico de compreensões acerca do ensino da EJA, bem como possibilitam deslindar algumas das possibilidades de interpretação sobre estes estudantes. (Darido, 2015, p. 11).

No sentido de direcionar adolescentes e jovens para a prática de atividades físicas, garantem-se as premissas para o desenvolvimento físico, cognitivo e de aprendizagem escolar. Conforme nos apresenta Pontes:

Na atualidade educacional nota-se a necessidade de se discutir continuamente esta temática no âmbito da educação física no ensino médio, especialmente na EJA, contudo, os jovens e adultos possuem os mesmos direitos e deveres assegurados pelo Estado que os alunos do ensino regular

e, portanto, a educação física, entre todas as outras disciplinas, deve ser oferecida. Assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da educação básica que oferece os ensinamentos fundamental e médio. (Pontes, 2018, p. 13).

A Educação Física escolar possui um leque variado de possibilidades pedagógicas que precisam ser exploradas pelos professores, a partir de uma didática que contemple o ensino dos conteúdos de dança, luta, esporte, ginástica, jogos e brincadeiras.

Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade, sobre os diferentes aspectos presentes no dia a dia e no cotidiano escolar. Infelizmente, a Educação Física vem sendo vista ao longo do tempo, muitas vezes, como uma disciplina apenas com características técnicas e esportivas.

Toda a aprendizagem sobre a Educação Física com os jovens e adultos deve encaminhar o educando na busca de novos conhecimentos, exigindo dele uma ação reflexiva, ativa, criativa, que desvende e socializa. Dessa maneira, ela tem um papel que vai além de seus conteúdos práticos: contribui para o desenvolvimento cognitivo, cultural e social do ser humano.

Demonstra-se que a maioria dos jovens e adultos estudantes tiveram algum contato com a Educação Física em algum momento de suas vidas, com lembranças positivas e negativas.

As políticas públicas educacionais brasileiras que se fazem direcionadas à EJA, como a inclusão da Educação Física como componente obrigatório, poderão possibilitar o prazer e o empenho pelos estudos, mesmo diante das dificuldades encontradas em seu contexto social (Carvalho, 2019). Sendo assim, se faz necessário aumentar a visibilidade da EJA no contexto educacional e social no processo de aprendizagem, propor mudanças significativas para melhorar a qualidade de ensino e desenvolvimento desses educandos.

Entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la quanto às suas necessidades (Leite, 2012).

Desse modo, refletir acerca de como a prática pedagógica pode contribuir para a permanência na Educação de Jovens e Adultos é importante, na medida em que esta modalidade não se apresenta meramente como um espaço de término dos estudos, mas, como um instrumento de conquista e exercício da cidadania, dentro

de um contexto social, político e econômico desigual. A necessidade de uma prática pedagógica que contemple o homem como ser histórico-social.

Além disso, o educador precisa de formações contínuas e reflexões diárias sobre sua práxis. Zanata et al. afirmam:

Faz-se premente considerar a especificidade da EJA, o que implica na profissionalização docente neste campo do conhecimento; além disso, traz consequências para a formação ao se pensar um professor epistemologicamente curioso e que se proponha a pensar o problema da transposição didática, isto é, que atente para a noção conceitual de que para ser ensinada a ciência deve ser transformada, o que ocorre ao buscar entendê-la na dinâmica que lhe é inerente, e não na rigidez de resultados dados. O ponto de partida do trabalho pedagógico na EJA deve ser os saberes das vivências das/os educandas/os e o ponto de chegada, o conhecimento, por eles sistematizado. A travessia é o desafio do fazer com, do aprender na troca, do pensar compartilhado, educadoras/es e educandas/ os. (Zanata et al., 2015, p. 267)

Sem esse entendimento por parte do grupo docente, o educando não se sentirá acolhido e detentor de um conhecimento prévio que é válido para suas aprendizagens ao longo da retomada de seus estudos, podendo causar o seu afastamento ou até o abandono da EJA.

A prática docente alinhada à educação libertadora de Paulo Freire deve ir além da simples transmissão de técnicas e habilidades motoras, buscando promover uma reflexão crítica sobre o corpo, o movimento e sua relação com a sociedade.

Esse enfoque considera os educandos como sujeitos ativos de seu aprendizado, valorizando suas experiências e contextos de vida. Assim, as aulas de Educação Física tornam-se espaços de diálogo, onde se discutem temas como inclusão, cidadania, cultura corporal e os diferentes significados do movimento, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e capazes de transformar sua realidade.

A educação de jovens e adultos – EJA, dentro do processo escolar, se faz presente em relação aos movimentos e disputas que perpassam seu contexto histórico na busca por espaço, o qual muitas vezes é negligenciado. Mas, em meio às adversidades, há lugar para a resistência e a busca por oportunidade na luta pelos direitos e valorização dos saberes dos sujeitos da EJA. (Freire, 2016).

É necessário construir uma relação entre a vida escolar e o cotidiano do educando.

Para Kunz (1991), a transformação da Educação Física em prol de uma classe oprimida e marginalizada na sociedade, assim como é a EJA, parte de uma perspectiva de "educação libertadora" como é mundialmente conhecida nos escritos de Paulo Freire.

Kunz (1991) concorda com Paulo Freire, ao tratar da liberdade como algo que não pode ser transferido, ela está no interior do processo, ou seja, deve partir de onde os educandos se encontram, e não de onde os professores acham que eles deveriam estar.

Para Almeida et al:

Entendendo que a leitura de mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1994), cabe ressaltar que a militância pelo direito à educação de trabalhadores/as passa necessariamente por essa dimensão ampliada da formação: de diferentes linguagens (para além da palavra escrita) para diferentes e ampliadas "leituras e escritas do mundo". (Almeida et al., 2017, p. 19)

Deste modo, a educação de jovens e adultos revela com clareza a diversidade de bagagem cultural e conhecimentos já levados pelos educandos no contexto escolar, o que gera desafios para a otimização da qualidade no ensino fornecido. Logo, o processo de ensino de jovens e adultos se presume em um maior comprometimento por parte dos educadores para com seus educandos, a fim de oferecer uma educação que amplie sua leitura de mundo.

### 3.5 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O patrono da educação brasileira, Paulo Freire, acreditava que o homem foi feito para ser comunicador, e no diálogo como ferramenta democrática. Para esse diálogo ser possível, é importante que a aprendizagem seja feita a partir de palavras ou assuntos que tenham significado para o estudante.

Palavras como liberdade, justiça e democracia, deveriam ser utilizadas não apenas para a aprendizagem da escrita e sim no seu sentido mais amplo, por meio de rodas de conversa em que os indivíduos percebam que têm todo o direito de expor suas opiniões, anseios e reivindicações.

Com isso, o estudante deixa de ser mero veículo alienante, e com a plena compreensão das palavras geradoras como liberdade, justiça e democracia, passa a ser instrumento de transformação social, sem a exclusão de nenhuma classe,

objetivando uma educação para a tomada de decisão, para a responsabilidade social e política.

Tem como matriz da prática educativa a liberdade e a compreensão de que os educandos, presentes nas escolas, são seres que possuem culturas, e em sua interação com o mundo estão vinculados a alguns termos que tentam dar significação à sua existência, são eles: a pluralidade, a transcendência, a criticidade e a temporalidade.

A pluralidade, segundo Freire, manifesta-se:

[...] nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade (Freire, 2023, p. 39-40).

Pode-se dizer que a pluralidade está presente em todas as relações que o homem tem com o mundo, com uma imensidade de desafios, onde ele se organiza, utiliza sua consciência, testa e, assim, faz a escolha da melhor resposta, sendo ela sempre diversificada.

A transcendência está na capacidade de conhecer sua finitude e a finitude de tudo o que está à sua volta, reconhecendo-se como um ser inacabado.

Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião — religare — que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, Que o liberta (Freire, 2023, p. 40).

Para Freire (2016), a criticidade é a capacidade que o educando e o educador têm para refletirem criticamente a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la.

Já a temporalidade do indivíduo demonstra-se unidimensional, conhecendo o ontem, reconhecendo o hoje e descobrindo o amanhã, tentando descobrir por que existe e não só vive, pois conforme o autor: “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade.

Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor” (Freire, 2023).

Para alcançar uma Educação Democrática, é necessária uma postura corajosa, possibilitando a participação de todos. Paulo Freire destaca:

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação (Freire, 2023, p.93).

Em relação à compreensão, o autor defende que o homem apreende a realidade por meio de três consciências: a crítica, a ingênua e a mágica da realidade. A consciência crítica é a que proporciona a compreensão dos fatos, com uma percepção empírica. A consciência ingênua se julga superior aos fatos, acreditando na capacidade de interpretar e dominar da melhor maneira que lhe agrada. Já a consciência mágica leva o indivíduo a interpretar os fatos de maneira dócil, levando-o a uma postura estática que o impossibilita de reagir ao que lhe é imposto.

Para uma educação que consiga superar a consciência mágica e ingênua é necessário o uso de uma pedagogia para a comunicação, tornando-os seres críticos. Que sejam instigados a expor suas opiniões e fazer a leitura de tudo o que está à sua volta. O diálogo é, portanto, o caminho para essa conexão de amor, fé e esperança, e como coletivo se tornam críticos e questionadores, construindo uma relação de simpatia entre eles.

Dessa forma, as aprendizagens partem de dentro para fora, o educador é um colaborador e o educando um ser ativo, colocando-se como protagonista do processo.

De acordo com Freire:

Para que a educação se torne uma ferramenta de autonomia para o indivíduo, o processo educacional deve ser permeado pela ética, pela capacidade de pensamento crítico, pela corporificação das palavras pelo exemplo, assim como na rejeição de qualquer tipo de discriminação. É sobretudo, uma práxis cuja máxima salienta que “[...] ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2023, p. 71).

Para Freire (2023), a libertação do oprimido seria possível por meio da educação. Uma educação problematizadora, libertadora, na relação dialógica entre educador-educando.

Os educandos teriam, assim, condições de ensinar e aprender a interpretar o mundo e decodificá-lo, a partir de perguntas provocadoras, chegando a palavras e temas geradores, que tinham significado para a sua realidade, caminhando, dessa forma, na contramão da dominação.

Em todas as etapas da descodificação:

Estarão os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores. (Freire, 2005, p. 115).

Deste modo, a investigação temática é construída por “um esforço comum da consciência da realidade e, autoconsciência, que a inscreve como ponto de partida do processo educativo, ou da ação cultural de caráter libertador”. (Freire, 2005, p. 117).

Freire aprofunda a questão afirmando que o medo da liberdade, impresso nos oprimidos, ao longo de sua vida, os leva a assumir mecanismos de defesa e, “através de racionalizações, escondem o fundamental, enfatizam o acidental e negam a realidade concreta” (Freire, 2005, p. 112). Agindo dessa forma, a sua tendência é permanecer na periferia dos problemas evitando o confronto com o problema.

Feitosa (1999) explica que a proposta pedagógica de Freire pode ser dividida em três etapas principais: investigação, tematização e problematização.

A investigação envolve a pesquisa da realidade, entrevista com os participantes e conhecimento do vocabulário local. A tematização seleciona as palavras com dificuldades fonéticas para o processo de codificação e decodificação, fazendo parte de novos debates, utilizando-se desenhos, fotografias e vídeos por exemplo. E é com a problematização que os educandos passam a ter uma visão de mundo mais crítica, possibilitando, assim, a transformação de sua realidade.

O importante na educação libertadora, para Freire, é que os homens se “sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”. (Freire, 2005, p. 141).

Enfim:

O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimidade entre educação e política. Distingue-as, sim,

mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. (Fiori apud Freire, 2005, p. 15).

A Educação Física voltada ao propósito de promover uma Educação Libertadora possui como premissa a preocupação de oportunizar momentos em que o ser humano e as relações humanas sejam o principal fator para a aprendizagem dos saberes relacionados à cultura corporal de movimento, de forma democrática, dialógica e com o foco na educação popular.

Segundo Nogueira et al:

A Educação Física, como mais uma área de conhecimento, significa que é dotada de humanidade e que deve ser tencionada para contribuir com um mundo mais bonito, através da tematização das manifestações da cultura corporal e a problematização dos conhecimentos históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos das práticas corporais com o povo, contribuindo para que a classe trabalhadora pronuncie a sua própria palavra. (Nogueira et al., 2021, p.149)

Para que a partir desse resgate de saberes e ressignificação deles, o educando seja capaz de seguir enriquecendo e propagando sua cultura, não como um ator passivo que apenas reproduz, mas sim como o protagonista, que vai contribuir para as aprendizagens nas aulas com suas experiências já vividas e continuar aprendendo para além dos muros da escola, compartilhando e, por vezes, dando outro sentido para os saberes adquiridos.

Conforme explicam Bracht et al. (2007), a prática pedagógica na Educação Física não se esgota no momento de uma aula.

Nogueira et al. (2021) destacam Freire (1996) que afirma que, para se transformar um oprimido em um ser sem direito e controlável, possivelmente, não houve momentos de diálogo sobre sua cultura, que nunca foi revelada a si próprio como uma fonte de conhecimento. Isto é, negou-se a oportunidade de discutir sobre o poder dominante que poderia neutralizar sua cultura, seus desejos e vontades.

Nogueira et al. (2021) destacam a importância de envolver os/as educandos/as no processo de escolha dos temas de estudo, promovendo um aprendizado mais significativo. Nesse sentido, o/a professor/a poderá abrir o diálogo para que seus/suas alunos/as façam propostas sobre o que gostariam de estudar.

Assim, o/a professor/a poderá fazer questionamentos, como o que tal proposta significa, por que os interessa esse estudo, entre outras perguntas.

Logo, tornar-se-ia uma problematização, ou seja, uma ação de questionamento do mundo, que poderia levar a surgir novos temas e cada vez mais as aulas possuiriam conteúdos que já estão inseridos na vida dos/as alunos/as (Freire, 1996).

O educador será então o responsável por criar um ambiente de questionamentos, reflexões, provocações para que os educandos compreendam as diferentes formas em que os conteúdos e culturas hegemônicas são impostos na nossa sociedade, fazendo uma reflexão sobre a forma que os governos, mídias e elites se comportam para perpetuar tal prática de domínio das massas populares.

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos; nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (Freire, 2016, p. 25)

Nogueira et al. (2021) citam Françoso e Neira (2014, p. 534), estudando Paulo Freire e Educação Física Escolar, afirmam que Freire é enfático. Na “educação problematizadora”, o/a docente toma o partido das classes desfavorecidas. Seu método de ensino é o dialógico, pois se promove discussões com os/as alunos/alunas e, conseqüentemente, tem-se a consciência de seu inacabamento. Evita a todo custo reproduzir os interesses dominantes veiculados nos conteúdos comumente apresentados como legítimos e universais.

Nogueira et al. afirmam

[...] como uma perspectiva de Educação Física escolar libertadora, entendemos também que é preciso esperar acerca de uma práxis que advogue contra todas as formas de opressão, sejam elas advindas de questões de gênero, de raça ou de classe social. Essa luta se dá, portanto, na materialização de experiências totalizantes – leituras, diálogos, experimentação e reconstrução de gestos, pesquisas, escritas, desenhos, charges – que problematizam e reposicionam as danças, as lutas, as ginásticas, os jogos, as brincadeiras e os esportes no cenário da sociedade atual. (Nogueira et al., 2021, p.160)

Segundo Hooks (2017), “Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos” (p.193). Esse princípio deve orientar a atuação do professor comprometido com a

educação pública, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, onde as desigualdades, injustiças e barreiras sociais se fazem ainda mais evidentes no cotidiano escolar.

Torna-se difícil ficar apático a todo esse cenário que levou esses educandos até lá. Que nós possamos então, enquanto professores de Educação Física, conhecedores dos benefícios e do potencial que a cultura corporal de movimento pode ter na vida de todos, propiciar com nossas aulas momentos que ficarão na memória desses educandos e que contribuam na sua formação humana.

Diante desse cenário, é impossível permanecer indiferente às trajetórias que levaram esses educandos até a sala de aula. Como professores de Educação Física, conhecedores dos benefícios e do impacto transformador da cultura corporal de movimento, temos a responsabilidade de proporcionar, por meio de nossas aulas, experiências marcantes que contribuam para a formação humana e a cidadania desses estudantes.

## **4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

### **4.1 UNIVERSO DA PESQUISA**

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, que adotou a metodologia de histórias de vida.

Segundo Gomes (2013), as histórias de vida são moldadas pela memória autobiográfica, constituindo-se em uma construção social. A narrativa que um sujeito materializa está permeada pelo contexto social e cultural que condicionou a construção da sua memória autobiográfica. Assim, a história que chega até nós é a história de vida de um sujeito constituída de um conjunto de relações sociais que ocorreram de uma determinada maneira e não de outra.

Nesse tocante, a escola e a educação formal podem ser um diferencial no processo de formação dos jovens e adultos (Gomes, 2013).

A abordagem qualitativa faz emergir a relevância e materialidade da palavra do indivíduo, autor de suas vivências, memórias e identidade, tornando-se uma potente ferramenta capaz de entrar no universo da identidade, significações, saberes práticos e cotidianos que permeiam as relações, o que permite a identificação e reconstrução pessoal e cultural de tais vivências (Bolívar; Domingo, 2006).

### **4.2 PRINCÍPIOS ÉTICOS E POPULAÇÃO DO ESTUDO**

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Bauru (CAAE 76664823.0.0000.5398), obtendo parecer favorável com registro sob o número 6.803.433, conforme detalhado no apêndice F.

A pesquisa foi realizada com educandos do ciclo II (6º ao 9º ano) da Educação de Jovens e Adultos da EPG Celso Furtado, do Município de Guarulhos-SP, localizada na região metropolitana de São Paulo. Atualmente, atende cerca de 1750 educandos do 1º ao 5º ano distribuídos em 3 períodos, e no noturno, atende as turmas da Educação de Jovens e Adultos com salas de ciclo I (1º ao 5º ano) e ciclo II (6º ao 9º ano).

Conta com a dedicação de 94 funcionários que contribuem com o efetivo funcionamento da escola. As turmas da Educação de Jovens e Adultos são multisseriadas, portanto, atendem no ciclo I, educandos do 1º ao 5º ano e no ciclo II, educandos do 6º ao 9º ano.

O público-alvo desta pesquisa foram os educandos matriculados no ciclo II (6º ao 9º ano) da Educação de Jovens e Adultos, que optaram por participar do estudo. A pesquisa foi realizada com 20 participantes. A escolha desse público específico se deu pela relação da pesquisadora com os educandos, com quem já desenvolveu um trabalho nos anos letivos anteriores.

A maioria das pessoas tem entre 41-50 anos (8 pessoas) e 51-60 anos (7 pessoas), 31-40 anos (3 pessoas), enquanto a faixa de 20-30 anos tem duas pessoas. A maioria dos participantes é originária da região Nordeste, representada por 12 pessoas. Em seguida, a região Sudeste aparece com 7 participantes. Além disso, há uma pessoa, nascida em La Paz, Bolívia.

#### 4.3 MATERIAIS E MÉTODOS

A história de vida permite não somente analisar a visão do indivíduo com suas especificidades, como também analisar essa visão aliada a uma perspectiva social, ou seja, captar “o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (Queiroz, 1988, p. 36).

Há um papel importante do pesquisador em desvendar as histórias de vida, levando em consideração e fazendo as devidas relações com os acontecimentos sociais para ir além do relato individual transmitido ao pesquisador.

Para a aplicação do método histórias de vida, foram realizadas entrevistas narrativas com gravações em áudio e vídeo (apêndice D). A escolha da entrevista narrativa se deu para atender o nosso objeto de estudo, esse método “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (Creswell, 2010, p. 26).

Os elementos da entrevista narrativa foram inicialmente propostos com uma pergunta como “tema gerador” e, posteriormente, ocorreu a etapa da investigação mais profunda das narrativas, analisando os fragmentos de cada fala, as entrelinhas das narrativas com uma maior percepção, diante de cada história apresentada.

O último estágio foi a fase do equilíbrio, na qual o entrevistador faz perguntas ao entrevistado sobre o que aconteceu. As entrevistas coletam dados de um conjunto mais ou menos abrangente e estruturado, como uma narrativa de história de vida ou de determinadas situações que os entrevistados trouxeram de suas experiências de vida, as quais compartilham com o entrevistador durante o decorrer de sua entrevista (Flick, 2009).

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1 - Nome:**
- 2 - Idade:**
- 3 - Naturalidade:**
- 4 - Profissão:**
- 5 - Como foi sua vida escolar desde a infância?**
- 6 - O que motivou a interrupção dos seus estudos?**
- 7 - O que motivou o retorno?**
- 8 - Quais dificuldades você enfrentou pela falta de escolaridade?**
- 9 - Quais mudanças você percebeu após a retomada dos estudos?**
- 10 - A Educação de Jovens e Adultos está atendendo a suas expectativas?**
- 11 - Como foi a adaptação à Educação de Jovens e Adultos? É muito diferente do que você já tinha vivenciado?**
- 12 - Qual atividade você faz no trabalho?**
- 13 - Quais os desafios de conciliar trabalho e estudo?**
- 14 - De quais atividades você se recorda nas aulas de Educação Física?**
- 15 - Já praticou alguma modalidade esportiva, dança, luta ou ginástica?**
- 16 - Hoje em dia, você pratica alguma atividade física?**
- 17 - Você já tinha tido aulas de Educação Física antes da Educação de Jovens e Adultos? Como eram essas aulas?**
- 18 - Qual a sua sugestão para as aulas de Educação Física na Eja?**
- 19 - Qual seu objetivo após concluir o Ensino Médio?**
- 20 - Qual conselho você daria a uma pessoa que não concluiu os estudos?**

#### 4.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os educandos foram convidados a participar da pesquisa, apresentando os objetivos, os procedimentos e a importância da participação deles para que fosse possível a sua realização. Foi entregue a eles um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE B), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz (APÊNDICE C), para que fossem assinados e devolvidos com o propósito de oficializar a participação do aluno e a autorização para o uso e divulgação dos dados coletados para fins científico-acadêmicos.

Após essa etapa, foram agendados com os participantes as datas e horários para realização das entrevistas narrativas. Todas as informações foram gravadas em áudio ou vídeo; posteriormente, serão transcritas para a análise de dados.

Sobre os riscos, essa pesquisa poderia eventualmente causar momentos de timidez aos participantes, desconforto durante a entrevista, momentos de alegria ou tristeza com o resgate das lembranças. Caso o participante apresentasse indícios de qualquer uma dessas manifestações ou qualquer outro tipo de desconforto, haveria o cuidado de interromper a entrevista para evitar qualquer constrangimento, tomando-se medidas de acolhimento e atenção, sendo providenciadas as adequações necessárias.

Os benefícios almejados com a referida pesquisa são os momentos de valorização da trajetória de vida de cada participante, assim como possíveis respostas para um melhor entendimento das causas que os trouxeram até o local em que a pesquisa foi desenvolvida.

Adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: 1. Participante acima de 16 anos; 2. Matriculado na Educação de Jovens e Adultos da Escola Celso Furtado; 3. Ter cursado no mínimo um semestre; 4. Contemplar em suas narrativas as respostas para os questionamentos da entrevista; 5. Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como critérios de exclusão: 1. Participante menor de 16 anos; 2. Matriculado no primeiro semestre na Educação de Jovens e Adultos da Escola Celso Furtado; 3. Não contemplar em suas narrativas os questionamentos centrais da pesquisa, por falta de entendimento do participante ou por um pedido de interrupção da entrevista.

Como produto, foi produzido um ebook a partir das narrativas dos educandos relacionadas às memórias de suas histórias de vida, ao contexto escolar e à Educação Física.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

A análise de conteúdo, descrita por Laurence Bardin em sua obra "Análise de Conteúdo" (2011), é uma técnica usada para interpretar e organizar dados qualitativos de maneira sistemática. Seu principal objetivo é ajudar a entender o significado de mensagens, sejam elas textos, discursos ou qualquer outro tipo de comunicação.

A autora define a análise de conteúdo como uma técnica que:

consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos diversificados (conteúdos e continentes) e têm como finalidade obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (Bardin, 2011, p. 42).

Bardin (2011) divide esse processo em três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados.

A pré-análise é o momento de organizar tudo o que será analisado e de definir os objetivos do estudo. Bardin destaca a importância da "leitura flutuante", que é uma leitura inicial, sem compromisso, que ajuda o pesquisador a se familiarizar com o material. Nesta etapa, são selecionados as fontes mais relevantes, as possíveis hipóteses e os critérios claros para a análise.

A exploração do material envolve o agrupamento de informações, dividindo o conteúdo em partes menores, como palavras, frases ou ideias importantes, organizadas em categorias. São elas: perfil, memórias da trajetória escolar, transformações e desafios da escolaridade, educação física na minha vida e educação liberta.

A terceira etapa é onde os resultados são apresentados de forma clara e objetiva, usando tabelas, gráficos ou outros recursos visuais para facilitar a compreensão. Bardin ressalta que essa fase é fundamental para interpretar os dados no contexto do estudo e tirar conclusões significativas.



Para Bardin, a análise de conteúdo é mais do que uma técnica; é uma forma de descobrir significados ocultos nas mensagens. Como ela diz, "a análise de conteúdo permite ir além da superfície para entender o que realmente está sendo comunicado" (Bardin, 2011).

## **5 PRODUTO EDUCACIONAL**

Essa pesquisa teve como produto educacional um ebook, a partir das narrativas dos educandos da EJA, e tem como objetivo não apenas dar visibilidade às memórias e vivências dos educandos, mas também servir como um recurso pedagógico para os professores, subsidiando e auxiliando na compreensão do universo da EJA no município de Guarulhos que, por vezes, demonstram curiosidade e estranhamento a essa modalidade de ensino.

Espera-se a valorização das histórias dos educandos, fortalecendo sua autoestima e protagonismo, a sensibilização dos professores quanto à singularidade e complexidade do universo da EJA e a inspiração para práticas pedagógicas mais conectadas com a realidade dos educandos.

Dessa forma, espera-se contribuir para a formação de professores mais conscientes das especificidades da EJA, fortalecendo o compromisso com uma educação transformadora e alinhada às necessidades e potencialidades dos educandos.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no objetivo proposto, foram analisadas as respostas obtidas por meio das entrevistas realizadas. Para facilitar a avaliação, as respostas dos participantes do estudo foram organizadas em cinco categorias.

### 6.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

A figura 4 contém o perfil dos participantes do estudo, com informações que ajudam a contextualizar os dados obtidos. Os itens incluem idade, naturalidade e profissão/ocupação, permitindo uma visão geral das características do grupo.

Os dados coletados demonstram que a maioria dos alunos da EJA tem entre 41-50 anos (8 pessoas) e 51-60 anos (7 pessoas), enquanto a faixa de 20-30 anos tem duas pessoas. O participante mais jovem é Joales, 28 anos, nascido em Itapetinga - BA, e exerce a profissão de operador de máquinas. E a participante mais velha é a Maria Cosme, 60 anos, nascida em Itabaiana - SE, é cozinheira, mas no momento exerce a profissão de auxiliar de limpeza. Essa diversidade de idades e trajetórias profissionais reflete a pluralidade de motivações que levam esses educandos a retomarem os estudos, desde a busca por qualificação até o desejo de resgatar a autoestima e ampliar suas perspectivas de vida.

**Figura 4 - Perfil dos participantes**

| NOME              | IDADE   | NATURALIDADE      | PROFISSÃO/OCUPAÇÃO   |
|-------------------|---------|-------------------|----------------------|
| Auristela         | 55 anos | Arco Verde - PE   | Dona de Casa         |
| Claudia           | 44 anos | Guarulhos – SP    | Dona de Casa         |
| Crislaine         | 38 anos | Igaratá – SP      | Dona de Casa         |
| Edna              | 55 anos | São Paulo – SP    | Cozinheira           |
| Francisca Fabiana | 47 anos | Orós – CE         | Auxiliar de Limpeza  |
| Francisco         | 34 anos | Bom Conselho - PE | Comerciante          |
| Jacelina          | 50 anos | Recife – PE       | Auxiliar de Limpeza  |
| Joales            | 28 anos | Itapetinga – BA   | Operador de Máquinas |
| José              | 49 anos | Sousa – PB        | Metalúrgico          |

|               |         |                             |                     |
|---------------|---------|-----------------------------|---------------------|
| Josiane       | 34 anos | Campestre – AL              | Auxiliar de Limpeza |
| Leide         | 47 anos | Arapiraca – AL              | Vendedora           |
| Maria Cosme   | 60 anos | Itabaiana – SE              | Auxiliar de Limpeza |
| Maria Eliane  | 53 anos | Canhoba – SE                | Dona de Casa        |
| Maria Luciene | 43 anos | Santana de Mangueira - PB   | Dona de Casa        |
| Maria Luiza   | 57 anos | Itacambira – MG             | Comerciante         |
| Roseli        | 57 anos | São Paulo – SP              | Dona de Casa        |
| Rosangela     | 50 anos | Tupi Paulista - SP          | Auxiliar de Limpeza |
| Severina      | 56 anos | Vitória de Santo Antão - PE | Dona de Casa        |
| Silvia        | 29 anos | La Paz – Bolívia            | Costureira          |
| Vivian        | 47 anos | São Paulo – SP              | Líder de Ocupação   |

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2024

Em relação à faixa etária, 75% dos participantes estão acima dos 50 anos, em uma fase de transição entre adulto velho e início da fase idosa. Diferentemente da clientela obtida por Leite e Campos (2018), onde em seu estudo os participantes, em sua maioria, eram de adultos jovens entre 20 e 30 anos.

A maioria dos participantes é nascida na região Nordeste, representada por doze pessoas. A migração de nordestinos para São Paulo é um movimento histórico, impulsionado pela busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida. Muitos deixaram suas cidades devido à seca, falta de emprego e dificuldades econômicas, encontrando, em São Paulo, a chance de recomeçar.

Em seguida, a região Sudeste aparece com sete pessoas. Além disso, há um registro de origem internacional, a Silvia, nascida em La Paz, na Bolívia. Convivendo com pessoas de diferentes origens, como Silvia, os educandos ampliam sua visão de mundo, quebram preconceitos e constroem uma mentalidade mais aberta e inclusiva. Essa troca de saberes fortalece não só o aprendizado, mas também a formação de uma sociedade mais diversa e acolhedora.

As respostas demonstram que as profissões/ocupações predominantes entre os participantes são "dona de casa", com 7 pessoas, e "auxiliar de limpeza", com 5 pessoas.

Tomados em conjunto, os dados coletados mostram um perfil diversificado entre os educandos da EJA, marcado por diferentes faixas etárias, trajetórias profissionais e origens geográficas.

A predominância de participantes acima dos 50 anos reflete uma fase de transição entre a vida adulta e a terceira idade, com motivações que vão desde a busca por qualificação até o resgate da autoestima e a ampliação de perspectivas de vida.

A presença significativa de nordestinos e de uma participante internacional, como Silvia, da Bolívia, enriquece o ambiente educacional, promovendo o intercâmbio cultural e a construção de uma mentalidade mais inclusiva. Além disso, as ocupações predominantes, como "dona de casa" e "auxiliar de limpeza", destacam a importância da EJA como um espaço de acolhimento e valorização de histórias de vida muitas vezes invisibilizadas.

Diversos estudos analisam a presença de donas de casa na EJA, destacando desafios e motivações. Segundo Souza e Almeida (2020), muitas mulheres ingressam na EJA buscando autonomia e melhores oportunidades para ajudar os filhos nos estudos, superando barreiras como a sobrecarga doméstica. Já a pesquisa de Santos et al. (2019) aponta que a participação feminina na EJA está diretamente ligada ao desejo de conclusão dos estudos interrompidos pela maternidade ou pelo casamento precoce.

Por fim, Oliveira (2021) enfatiza que políticas públicas de apoio, como creches e incentivos financeiros, são fundamentais para garantir a permanência, pois muitas abandonam os estudos devido à falta de suporte familiar e social.

## 6.2 MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Ao responderem sobre como foi sua vida escolar desde a infância, a maioria dos participantes relatou sua vivência e os motivos para a interrupção dos estudos. Os relatos evidenciam as diversas dificuldades enfrentadas em suas trajetórias escolares, marcadas por desafios sociais e econômicos.

Muitos relataram que fatores como trabalho precoce, distância da escola, responsabilidades familiares e mudanças frequentes impactaram diretamente na sua permanência na escola.

A infância e a juventude foram marcadas por limitações, como a necessidade de trabalhar para ajudar a família, a interrupção dos estudos devido ao casamento e à gravidez precoce, enquanto alguns enfrentaram barreiras logísticas e financeiras.

"Meus pais priorizavam os filhos mais velhos para estudar, e os mais novos tinham que esperar. Comecei a estudar aos 13 anos, mas desisti aos 17 por causa de muito trabalho." (Maria Luciene, 2024)

"Comecei tudo de novo aqui em São Paulo, mas parei de estudar por motivo de casamento e trabalho." (José, 2024)

"Engravidei aos 15 anos e saí da escola, mas depois voltei para concluir os estudos." (Rosangela, 2024)

"E eu estudei até a oitava série, até meus 16 anos. E com 16 anos, eu engravidei. (Vivian, 2024)

"E há 30 anos atrás, era muito difícil você chegar com uma barriga dentro de uma sala de aula. Então, por vergonha, eu parei de estudar." (Vivian, 2024)

"Estudei até a quarta ou quinta série, depois preferi trabalhar do que estudar." (Edna, 2024)

"Casei aos 16 anos e deixei de estudar para cuidar de casa e da família." (Jacelina, 2024)

"Só estudei até a segunda série porque tinha que cuidar dos meus irmãos." (Roseli, 2024)

"Meu pai não deixava eu estudar porque era para trabalhar." (Severina, 2024)

"Meu padrasto não deixava eu estudar, ele obrigava a gente a dizer que não queria ir à escola." (Crislaine, 2024)

"No interior de Alagoas, só tinha escola até a quarta série, e meu pai não tinha condições de pagar transporte. Estudamos até onde era possível." (Leide, 2024)

"Na Bolívia, os professores eram muito exigentes, e meus pais não tinham condições financeiras para sustentar os estudos." (Silvia, 2024)

A trajetória escolar na Educação de Jovens e Adultos é marcada por histórias de superação, resiliência e busca por realização pessoal e profissional. Como afirma Freire (1996), 'não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes'. Essa perspectiva valoriza as experiências de vida dos estudantes da EJA, que muitas vezes retornam à escola com bagagens repletas de vivências, desafios e aprendizados adquiridos fora do ambiente escolar.

A memória desempenha um papel central na construção dessa narrativa, pois é por meio dela que os estudantes resgatam suas histórias, conectam-se com seus sonhos e compreendem o impacto de suas escolhas ao longo do tempo.

Arroyo (2017, p. 193) considera que “a história privilegiada nos currículos traz a memória dos grandes vultos da história, não as memórias do povo ‘comum que chega às escolas públicas e à EJA”. Essa exclusão reflete uma perspectiva que marginaliza as vivências daqueles que compõem a maioria dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Ao deixar de lado essas histórias, os currículos contribuem para a invisibilização de identidades, culturas e lutas populares, dificultando a construção de uma educação mais inclusiva e representativa da diversidade social.

Relatos como o de Joales mostram que dificuldade de aprendizagem e vínculo com professores também tiveram um impacto significativo no processo de desistência do contexto escolar. Enquanto a experiência de Vivian expõe os desafios de mudanças frequentes de residência.

"Sempre tive dificuldade de aprender e criar vínculos com os professores, mas isso melhorou com o tempo." (Joales, 2024)

"Minha vida escolar foi turbulenta, porque mudávamos de bairro muitas vezes e eu tinha que começar tudo do zero." (Vivian, 2024)

A vivência escolar de Auristela, Maria Eliane e Maria Luzia, por outro lado, reflete as consequências de práticas culturais e econômicas como o trabalho no campo.

"Quando era tempo da colheita, meu pai tirava a gente da escola." (Maria Eliane, 2024)

"Estudava na roça quando dava, mas era muito difícil porque a escola era longe." (Maria Luzia, 2024)

"Eu não tive muita oportunidade de estudar na infância porque a minha mãe e pai moravam em roça, no sítio." (Auristela, 2024)

Saviani (2008) afirma que "a exclusão escolar é produto de um sistema educativo que, ao invés de corrigir desigualdades sociais, frequentemente as reforça". Essa reflexão se manifesta nas histórias dos participantes que, devido a circunstâncias adversas, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas.

O percurso escolar se caracteriza como disfuncional, seja pela falta de acesso à escola, pela distância, pela necessidade de trabalhar desde cedo ou pelas prioridades familiares, coloca esses indivíduos à margem do sistema educacional, reforçando as desigualdades de classe e dificultando o acesso a oportunidades. O relato de participantes como Josiane, que precisou trabalhar na roça, ou Maria

Cosme, que abandonou a escola para ajudar na lavoura, ilustra como a escola não é acessível para todos de maneira igual.

"Não estudava porque tinha que trabalhar na roça com meus avós."  
(Josiane, 2024)

"Parei de estudar aos 9 anos para ajudar meu pai na lavoura. A escola ficava muito afastada." (Maria Cosme, 2024)

Apesar das adversidades, muitos participantes demonstraram resiliência e desejo de superação. Arroyo (2011) destaca que "as histórias de vida escolar refletem a luta de classes, os conflitos culturais e os sonhos adiados, mas também as resistências e os desejos de superação". Esse desejo de superação, mesmo diante dos desafios, demonstra a força da resiliência individual.

Participantes como José também expressam arrependimento por terem abandonado a escola e a vontade de recomeçar, o que reflete não apenas a busca por uma educação formal, mas também a luta por um futuro melhor. Essa narrativa mostra que, mesmo em contextos de exclusão, a educação continua sendo vista como um caminho para a transformação e a conquista de novos horizontes.

Assim, afirma Di Pierro, Jóia e Ribeiro:

Educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem-número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar (Di Pierro; Jóia; Ribeiro, 2001, p. 01).

Com base nos dados extraídos da nuvem de palavras, fatores como trabalho, problemas familiares, dificuldade de acesso, gravidez, condições financeiras e falta de incentivo, destacam-se como determinantes no abandono escolar.

Na Figura 5, verifica-se a composição das palavras chaves que surgiram das respostas dos participantes.

[illegible]

A palavra "TRABALHO" é central na nuvem, destacando-se como um dos principais fatores que levam os participantes a abandonar a escola. A necessidade de contribuir para a renda familiar ou realizar trabalhos no campo se sobrepõe à educação.

De acordo com Barros, Silva e Almeida (2020), o ingresso precoce no mercado de trabalho contribui para a perpetuação dos ciclos de pobreza, uma vez que jovens que abandonam a escola para trabalhar tendem a ocupar posições de baixa remuneração, com oportunidades limitadas de crescimento profissional.

Arroyo (2017) destaca que os trabalhadores jovens e adultos que retornam à educação por meio da EJA carregam histórias de exclusão social e educacional, muitas vezes marcadas por jornadas extenuantes e a invisibilidade de suas demandas. Ele afirma: “As vidas dos trabalhadores nunca couberam nos tempos e espaços escolares formais. São vidas que enfrentam a exclusão na infância, no mundo do trabalho e nos sistemas educacionais” (Arroyo, 2017, p. 57).

67

Outro fator que surge em evidência na nuvem de palavra é relacionado a "PROBLEMAS FAMILIARES".

Oliveira, Santos e Gomes (2019) afirmam que educandos provenientes de lares instáveis enfrentam maiores dificuldades em se manterem no ambiente escolar, muitas vezes, por falta de suporte psicológico. Isso afeta diretamente a estabilidade emocional e a capacidade de jovens de se dedicarem aos estudos. Desafios como conflitos domésticos, violência familiar ou falta de suporte emocional criam barreiras para a continuidade dos estudos.

A palavra "DIFICULDADE DE ACESSO" remete a barreiras físicas e logísticas para frequentar a escola. Essa realidade é comum em áreas rurais ou periféricas, onde a distância e a falta de transporte escolar são grandes obstáculos. De acordo com Santos (2021), em regiões rurais, mais de 30% dos jovens que abandonam os estudos citam a distância como fator determinante.

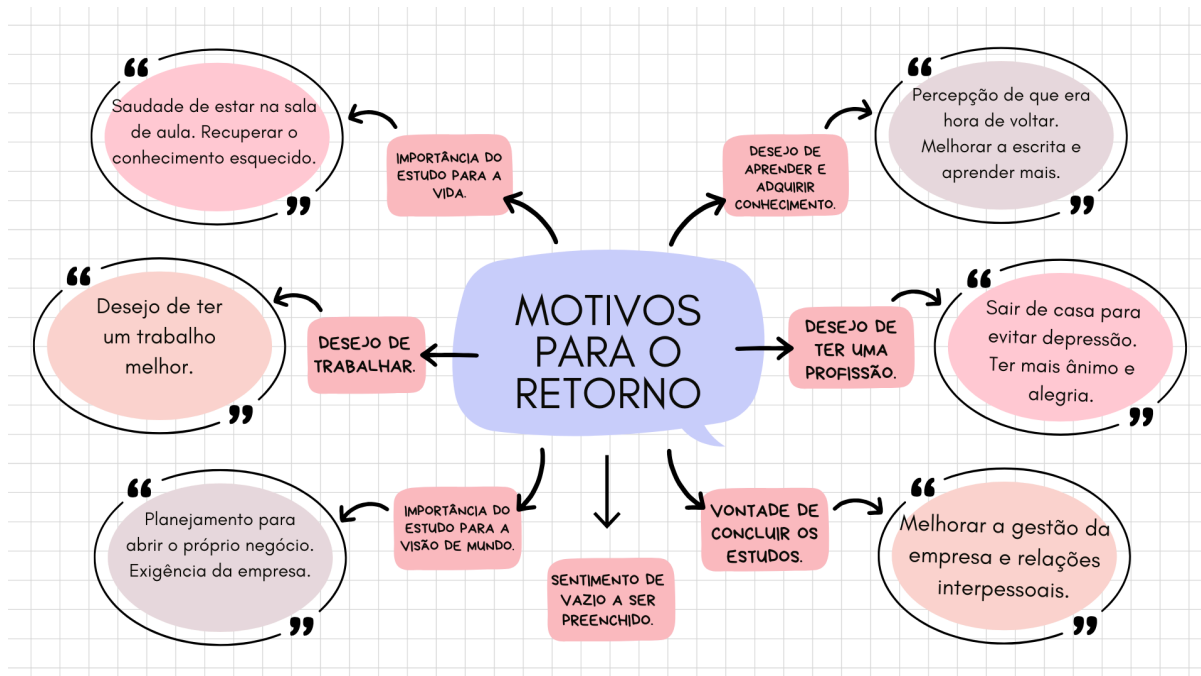
A "GRAVIDEZ" na adolescência representa uma das principais razões para a evasão escolar entre jovens mulheres. A falta de suporte social, preconceitos e responsabilidades relacionadas à maternidade tornam o retorno à escola difícil ou até inviável.

Relatório do UNICEF (2020) aponta que 65% das adolescentes grávidas deixam de frequentar a escola, muitas vezes sem conhecimento de seus direitos educacionais. Essa situação perpetua a exclusão social e limita oportunidades futuras.

O fator "CONDIÇÕES FINANCEIRAS" reflete a dificuldade de muitas famílias em arcar com custos relacionados à educação, como transporte, alimentação e material escolar. Segundo Costa e Almeida (2018), alunos de baixa renda são desproporcionalmente afetados pela falta de recursos financeiros, o que os força a escolher entre estudar e atender às necessidades básicas.

A falta de incentivo dos responsáveis é outro fator relevante, como indicado por palavras como "PROIBIÇÃO". Nos depoimentos foi possível entender que esse fator está relacionado com outros citados acima, como dependência financeira, necessidade de trabalhar e falta de estrutura familiar.

**Figura 6:** Motivos para o retorno



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2024

Na Figura 6, encontram-se esquematizados os principais motivos apontados para o retorno dos alunos para o contexto escolar a partir das respostas dos participantes. Os motivos para o retorno aos estudos apresentados refletem necessidades emocionais, profissionais e intelectuais.

No aspecto pessoal, alguns participantes destacam a saudade de estar na sala de aula, associando essa experiência ao desejo de "recuperar o conhecimento esquecido". Outros mencionam a necessidade de preencher um vazio emocional, utilizando os estudos como uma forma de "sair de casa para evitar depressão" e, assim, "ter mais ânimo e alegria".

Do ponto de vista profissional, há uma conexão entre o retorno aos estudos e o desejo de crescimento profissional. Muitos expressam a ambição de conquistar "um trabalho melhor" ou até mesmo planejar a abertura do próprio negócio, atender às "exigências da empresa". Além disso, a busca por "melhorar a gestão da empresa e as relações interpessoais" também aparece como um fator importante para o retorno aos estudos.

A relação entre a EJA e o mercado de trabalho tem sido amplamente discutida em pesquisas.

Segundo Souza (2022), a falta de escolarização, o avanço da idade e a ausência de qualificação são fatores limitantes para a inserção profissional dos educandos da EJA, especialmente aqueles que estudam em escolas da periferia. Nesse contexto, Silva e Almeida (2021) ressaltam que a formação na EJA deve ir além da certificação formal, promovendo uma educação integral que possibilite aos educandos atuarem criticamente na sociedade e no mundo do trabalho.

No âmbito educacional, os participantes reconhecem a importância do estudo para a vida e para a ampliação da visão de mundo. O desejo de "concluir os estudos" e "adquirir mais conhecimento" se apresenta como uma prioridade, junto à intenção de "melhorar a escrita e aprender mais". Essa motivação demonstra que os estudos são percebidos não apenas como uma ferramenta profissional, mas também como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal.

De forma geral, os motivos revelam um perfil de pessoas que buscam transformação em diferentes esferas de suas vidas. A educação aparece como um elemento central, sendo vista como um caminho para alcançar maior realização pessoal e avanço na vida profissional.

### 6.3 TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS DA ESCOLARIDADE

Os desafios enfrentados devido à falta de escolaridade, conforme os relatos apresentados, destacam a falta de oportunidades de emprego. Muitos participantes relataram que diversas empresas exigem pelo menos o Ensino Médio completo, o que limita o acesso ao mercado de trabalho.

“Enfrentei bastante. Enfrentei muitas dificuldades, até principalmente para o emprego, né. Para o emprego, é que mais eu enfrentei mais dificuldades para isso.” (Auristela, 2024)

“Todas. Todas as dificuldades que vocês possam imaginar devido ao estudo, não ter concluído o terceiro ano. Muitas dificuldades eu arrumei. Eu preencher uma ficha, ter todos os requisitos para entrar dentro dela, só que eu não tenho estudo. Esse foi um dos piores que eu enfrentei: ter capacidade, ter conhecimento, ter tudo, mas não ter terminado o estudo.” (Vivian, 2024)

Mesmo tendo habilidades, a ausência do certificado impediu que alguns participantes pudessem conquistar vagas que exigiam documentação. Arroyo (2017, p.38) afirma: “A EJA se caracterizou sempre por ser o *lócus* onde se condensa a tensão, construção histórica de identidades coletivas, segregadas, oprimidas de trabalhadores. Mas também resistentes, afirmativas”.

“É, praticamente quase todas, porque eu não conseguia provar, eu só ia fazer uma entrevista, conseguia preencher a ficha, conseguia fazer as coisas aí, a redação a gente ainda faz mais ou menos assim, mas a hora que pede o certificado, eu não tinha. Aí, no caso, eu comecei a trabalhar assim, fiz um curso de cuidadora de idoso, aí foi onde eu comecei a trabalhar, não pedia tanto assim o certificado, esse tipo de coisa quando vai cuidar de idoso.” (Rosangela, 2024)

Os participantes relataram que enfrentaram preconceitos mesmo quando possuíam experiência.

“Ah, sim. A gente tem preconceitos, né. A gente tem um preconceito, por a gente não ter concluído, né. Porque as pessoas, às vezes, não sabem a história da gente, mas existe um preconceito, né.” (Claudia, 2024)

“Muitas, principalmente pra trabalhar. Muitos lugares não pegam porque a pessoa não terminou os estudos. Principalmente isso do trabalho.” (Crislaine, 2024)

Esses preconceitos trazem outra questão relacionada aos aspectos sociais, culturais, pessoais e históricos que influenciam a visibilidade do cidadão participante da EJA, como aponta Arroyo:

Os olhares tão conflitivos sobre a condição social, política, cultural desses cidadãos têm condicionado as concepções diversas da educação que lhes é oferecida. Os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado à sua educação no conjunto das políticas oficiais. A história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares. (Arroyo, 2017, p.04)

Esses preconceitos também provocam uma reflexão sobre o papel da EJA como ferramenta de transformação social e reparação histórica. A visibilidade limitada desses cidadãos não é apenas resultado de condições, mas também de uma visão elitista que, ao longo do tempo, perpetuou a marginalização dos setores populares no acesso à educação. Portanto, a EJA não pode ser considerada apenas

um ensino de conteúdo formal. Tem que ser o lugar de valorização das trajetórias de vida, das identidades culturais e das necessidades individuais dessas pessoas.

A falta de escolaridade básica se mostrou desanimadora na hora de criar um currículo, gerando sentimentos de incapacidade, dificultando iniciativas como buscar novas oportunidades ou se comunicar.

Ah, sim, né? Porque no fato de, como eu te falei, não poder fazer o currículo. Você faz o currículo, aí o ensino. Até que série você estudou? Aí você bota lá, ensino médio incompleto. Então, você nem tem ânimo pra fazer um currículo. Porque aí eles pedem, né? Hoje a gente exige o ensino médio completo. Você tem que terminar. E aí, eu via que não tinha... Você fica retida, né? Pra onde? Qual o caminho pra ir? Sem terminar os seus estudos, né? Então, assim, hoje eu cursando, eu estudando, eu já posso fazer um currículo, né? Tô cursando, né? Já fica mais fácil. (Maria Luciene, 2024)

“A dificuldade que eu tive foi você chegar num lugar, você querer falar, mas não ter a palavra certa, não saber comunicar. Aí isso eu tive.” (Severina, 2024)

“Então, tem muitas coisas por trás disso, né. Então, eu tive prejuízos, eu não estava sabendo administrar os negócios, não estava sabendo lidar com as pessoas que trabalham comigo, e aí em 2022 eu comecei a fazer cursos técnicos para poder me aperfeiçoar e entender o que é que estava errado na minha empresa, o que é que estava errado comigo, entendeu? Aí, assim, tem uma pessoa aqui que presta serviço para a gente lá, que ele é muito amigo meu e sempre incentivou eu a vir para a escola, né. E através dele eu comecei a fazer esses cursos, E aí eu comecei a pegar gosto pelo conhecimento. Aí eu decidi voltar. Aí meu primeiro ano na escola foi isso. E agora só paro quando eu finalizar.” (Francisco, 2024)

A participante Silvia relata o sentimento de que estava ficando para trás em relação às mudanças tecnológicas e aos avanços educacionais de familiares e colegas.

“Na tecnologia, né, professora? Porque meus sobrinhos, eles já acabaram faculdade e tudo mais, eles já trabalham hoje em dia e eu que vi pra eles, eram pequenos antes, né. E eu que ensinava pra eles também. [...] Aí depois me dei conta que eu tava ficando atrás também, porque eles mesmos me ensinaram a falar português também, porque eu não sabia, e eu perguntava pra eles, o que é isso? Aí eles falavam que se fala assim, que se escreve assim, eu aprendi um pouquinho com eles também. Aí depois, um pouquinho, me dei conta que eu não estava entendendo direito, que não conseguia falar direito, aí eu pensei, não, eu vou estudar. Aí a minha amiga que eu me inspirei, eu acho que é me inspirar, né? É inspirar, né. Aí eu falei, ah, ela estuda também, aí eu vou lá também, aí por isso que eu tô aqui como professora.” (Silvia, 2024)

Os únicos que não relataram dificuldades pela falta de escolaridade foram o José e a Leide, destacando que não sofreram para se manter no mercado de trabalho.

“Então, isso aí é uma coisa que o pessoal fica admirado comigo, porque para trabalho nunca tive dificuldade sobre o estudo, porque desde dos 13, 14 anos, eu comecei a trabalhar e trabalho até hoje. E eu nunca precisei ter o primeiro colegial, primeiro, até oitava, terceiro, nada. Porque eu trabalho sempre metalúrgica. E eu acredito que sempre foi assim, a metalúrgica nunca precisou tanto. Só que hoje as coisas estão mais mudadas. Por isso que eu voltei também com a escola, porque na metalúrgica a gente tem máquina automática, computador, então é uma coisa que eu vou mais pra frente aprendendo.” (José, 2024)

“Olha, na verdade, eu não achei dificuldade, né? Porque trabalho nunca me faltou, sempre trabalhei. Hoje é porque eu tenho um pensamento, um foco em outras coisas melhores, mas futuramente coisas melhores, né? Mas, assim, pra mim voltar a estudar não foi por dificuldade que eu tive, não. Graças a Deus, sempre trabalhei sem problema. O foco é porque eu quero ir progredir mais um pouco.” (Leide, 2024)

Parar de estudar não significou parar de se formar, de se humanizar. Não significou parar de pensar, de ler o mundo, de tentar entender-se nas relações sociais e políticas. O trabalho é a vivência mais forte nesses processos de sua formação. (Arroyo, 2017)

A retomada dos estudos representou um marco transformador na vida de muitos, que enfrentaram longos períodos afastados da sala de aula. Os relatos dos participantes evidenciam como esse retorno foi capaz de promover mudanças profundas em diversos aspectos de sua vida.

#### Sobre o aprendizado e conhecimento adquirido

“Tem um ano que eu voltei. Mas eu já tô sentindo muita diferença. Tô aprendendo graças a Deus, aprendi bastante. Tô aprendendo muito, sabe? Coisas que eu não sabia. Tô fazendo tudo.” (Auristela, 2024)

“Aprendi inglês. Aprendi a ler mais. Aprendi outras coisas que eu não conhecia, que não tinha conhecimento. Tudo isso. Conheci outras pessoas também.” (Maria Cosme, 2024)

#### Confiança e comunicação:

“Eu achei que não ia conseguir guardar muitas coisas, mas eu lembrei, aprendi outras e tem sido muito bom, muito bom, muito importante.” (Cláudia, 2024)

"Eu era muito vergonhosa, eu era muito tímida. Hoje não, eu já converso com qualquer um, dou risada. Lá em casa mesmo, no meu comercinho lá, todo mundo gosta de mim." (Maria Luzia, 2024)

"Mais firmeza, não tenho mais vergonha, consigo ler um pouco, um tanto mais." (Severina, 2024)

#### Relações interpessoais e comportamento:

"Muitas mudanças, por exemplo, como é que eu posso falar? Saber tratar as pessoas, né, que a gente fica no convívio aqui, saber respeitar o próximo, tirar um pouco a timidez." (Crislaine, 2024)

"Quando eu entro na sala de aula eu me sinto bem, entendeu? Eu me sinto bacana. Além dos professores que eu tenho, que pra mim são top, os alunos são top, então as pessoas fez eu me sentir bem." (José, 2024)

#### Saúde mental e motivação:

"Eu percebi, assim, que eu tô melhor, sabe? No sentido de não ter depressão. Tem mais coisa pra sair? É, tem mais ânimo e alegria." (Francisca Fabiana, 2024)

"Eu fiquei mais animada, pretendo ir até o final agora mesmo, não vou parar. É difícil, não é fácil, né, por causa do serviço também que a gente trabalha, querendo ou não, é pesado. [...] Eu fiquei mais animada, eu tenho mais incentivo." (Rosangela, 2024)

#### Mudança de mentalidade e perspectiva:

"Abriu a minha mente. Conhecimento, aprendizado. Hoje eu já vejo que o estudo abre a nossa mente, o nosso entendimento, o nosso conhecimento." (Maria Luciene, 2024)

"É tipo como eu abrir os olhos. Parece que eu estava dormindo, professora. É muito legal. Apreendi muita coisa." (Silvia, 2024)

#### Valorização da educação e renascimento

"Uma das mudanças, como eu tava falando com a professora de artes hoje, os professores daqui não são só professores. Eles são resgatadores de almas de pessoas que, bem dizer, já estavam mortas e ressuscitou. Eu me sinto dessa forma hoje, estudando e me sentindo mais capaz, tendo mais condições, né? E, como eu posso dizer, reviver, renascer." (Vivian, 2024)

"Eu melhorei bastante. Consegui aprender. Antes eu não sabia muito escrever assim, nem ler, mas agora sim, depois que eu peguei firme mesmo no EJA." (Josiane, 2024)

Os relatos apresentados destacam como a retomada dos estudos impactou positivamente diversas áreas da vida, promovendo transformações significativas nos indivíduos.

Do aprendizado e aquisição de novos conhecimentos até a melhoria nas relações pessoais, o estudo gerou confiança, ajudou a superar a timidez e permitiu uma melhor comunicação. Além disso, os benefícios à saúde mental, com mais motivação, ânimo e ajuda no combate à depressão de uma participante.

As mudanças de mentalidade e perspectiva também aparecem, com os participantes reconhecendo o poder da educação em abrir novos horizontes.

Por fim, a valorização da educação e a sensação de renascimento demonstram como o retorno às salas de aula vai além da busca do certificado, sendo uma experiência de reconstrução pessoal e social, que resgata sonhos e transforma vidas.

A Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel fundamental na transformação tanto individual quanto coletiva de seus educandos, promovendo o fortalecimento dos vínculos comunitários e incentivando a participação ativa na sociedade, como destacam Leite e Campos (2018).

Além disso, a EJA contribui significativamente para a elevação da autoestima e o empoderamento dos educandos, especialmente mulheres e idosos, ao proporcionar um espaço de reconhecimento e valorização de suas trajetórias de vida, conforme apontam Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001).

Nesse sentido, Silva (2015) aprofunda essa discussão ao analisar, em um estudo de caso realizado em uma escola pública de São Paulo, como a EJA possibilita o resgate da autoestima e a construção da cidadania, evidenciando impactos positivos na vida pessoal e social dos educandos. Essas pesquisas demonstram que a EJA vai além da mera escolarização, tornando-se um espaço de transformação social e emancipação dos sujeitos historicamente marginalizados.

A Educação de Jovens e Adultos tem sido uma experiência transformadora para muitos educandos, atendendo e até superando suas expectativas. Para muitos, retornar aos estudos trouxe inseguranças.

Crislaine compartilhou: "Quando eu pensei em retornar, fiquei com medo por conta das lições, das coisas que eu falei, não vou lembrar de nada. Mas o professor foi muito bom comigo, teve muita paciência." Francisca Fabiana também tinha

dúvidas sobre sua capacidade: "Eu achava que não ia conseguir, que não ia mais aprender por conta da idade. Mas gostei muito e percebi que era possível."

Zanata et al. explicam:

Nessa direção, cumpre registrar que a preocupação de se considerar o contexto social e cultural no qual os sujeitos – educandos e educadores – estão inseridos envolve, acima de tudo, o desejo de construção de uma proposta pedagógica – educacional, cultural, política, acadêmica – em que as hipóteses incompletas que os sujeitos formulam, seus saberes 'parciais', exercem papel preponderante quanto ao envolvimento pessoal. Parece ser esse um dos condicionantes da permanência efetiva, e com sucesso, do educando adulto no processo de escolarização, sobretudo, de ampliação das relações com o mundo à sua volta, incluindo o mundo letrado. (Zanata et al., 2015, p. 272)

Para muitos, a EJA não só atendeu, mas superou as expectativas. José, por exemplo, destacou: "Eu pensava que não ia aguentar em uma sala, mas hoje vejo que consigo e pretendo terminar. Foi uma surpresa 100%." Rosângela também compartilhou como a experiência a motivou: "Tá além do que eu imaginava. Agora já tô com vontade de fazer outros cursos, como online. "Eu deveria ter feito antes, mas tô fazendo agora."

O papel dos professores foi destacado pelos participantes. Vivian elogiou: "Os professores do EJA ajudam muito. Em qualquer dificuldade que a gente tem, eles estão prontos para nos ajudar." Francisco relata que preparou uma carta de agradecimento: "Porque é uma classe muito importante do nosso Brasil."

Como afirma Gadotti (2005), "o educador deve ser alguém que estimule a autonomia e o pensamento crítico do educando, respeitando seu ritmo e contexto." Na EJA, esse papel faz diferença, pois os professores precisam ir além do ensinar, também inspirar e acolher, criando um ambiente onde os educandos se sintam valorizados e capazes.

Em relação à adaptação aos estudos na EJA, muitos participantes relataram que, no passado, as condições para estudar eram mais difíceis. A falta de materiais básicos, como transporte, cadernos, uniformes e merenda escolar, era uma realidade que dificultava o aprendizado e permanência.

A convivência entre educandos de diferentes idades e níveis de conhecimento foi mencionada como algo enriquecedor, permitindo a troca de experiências que contribuem para o aprendizado coletivo.

Barcelos (2010) aponta que a diferença de idade entre os estudantes em uma mesma turma, a princípio, pode ser vista como um desafio negativo pelos professores. No entanto, ao considerar a diversidade dos sujeitos e as múltiplas possibilidades culturais que eles trazem, essa diferença pode se transformar em uma oportunidade enriquecedora para a aprendizagem coletiva, utilizando as experiências de vida de alguns como fonte de inspiração e estímulo para outros.

Houve também observações sobre como o método de ensino mudou ao longo dos anos. Comparado às experiências de infância ou adolescência, muitos notaram diferença na presença de componentes curriculares mais diversificados, como Artes, Inglês e Educação Física.

Para a maioria, a adaptação a EJA foi tranquila, embora alguns tenham enfrentado desafios iniciais, como a readaptação à rotina de estudos. Entre as dificuldades mencionadas, estão a falta de hábito de estudar, dificuldades em componentes curriculares específicos como Português e Matemática e o impacto da idade no ritmo de aprendizado.

Conciliar trabalho, estudo e responsabilidades pessoais é uma tarefa desafiadora, marcada por uma rotina intensa e muitos momentos de cansaço. Para muitos, o dia começa cedo e termina tarde, exigindo organização, força de vontade e sacrifícios.

Quando o ponto de partida é reconhecê-los como trabalhadores, a proposta de garantir seu direito à educação é obrigada a ter como referência os trabalhos de que sobrevivem, se trabalham em trabalhos precarizados, se têm dificuldade de articular tempos de trabalho-sobrevivência e tempos de escola. Se são os injustiçados da ordem social, econômica e até escolar como trabalhadores. Questões que passam a ser obrigatórias nos currículos de formação dos seus educadores. (Arroyo, 2017, p. 45)

Alguns precisaram adaptar suas rotinas para dar conta de tudo. Os horários apertados e a necessidade de se deslocar rapidamente entre trabalho e escola são desafios diários. Como explica um participante:

"Levanto às quatro da manhã, chego mais ou menos dez para as sete, tomo banho correndo e já vou para a escola." (José, 2024)

A falta de transporte público de qualidade também é um problema:

"Se eu perder o ônibus das 6h45, só consigo pegar outro às 7h45, já perco uma aula." (Vivian, 2024)

O cansaço físico é uma das maiores barreiras enfrentadas. Muitos relatam chegar à escola já exaustos.

"É muito cansativo. Tem hora que chego na sala de aula e cochilo mais do que tudo, porque o corpo tá muito cansado. O momento que eu tenho para sentar e relaxar é na escola." (Jacelina, 2024)

Apesar de todas as dificuldades, muitos encontram forças para continuar.

"Às vezes eu penso em desistir, mas olho para trás e digo: não, eu vou prosseguir, porque já cheguei até aqui." (Jacelina, 2024)

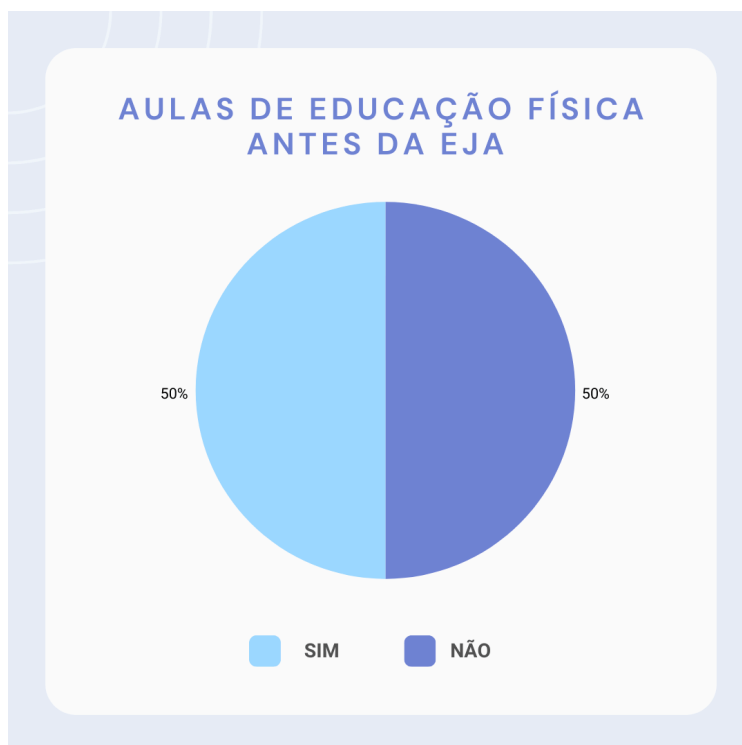
A participante Vivian resume bem o sentimento de vitória diária: "Se eu conseguir chegar até a escola, sei que matei 20 leões por dia."

A Educação de Jovens e Adultos ocupa um papel importante na democratização do acesso à educação, enfrentando desafios históricos, sociais e pedagógicos. Apesar dos desafios, a EJA também se mostra como um espaço de resistência e transformação. É nela que muitas pessoas encontram a chance de reescrever suas histórias, superar barreiras e traçar novos objetivos.

#### 6.4 EDUCAÇÃO FÍSICA NA MINHA VIDA

Metade dos participantes respondeu que não teve aulas de Educação Física antes da EJA. Isso afirma a importância de lidar com esse cenário em que muitos dos educandos passam a ter essa disciplina pela primeira vez, enquanto outros podem ter lembranças negativas de uma aula excludente.

**Figura 7:** Aulas de Educação Física antes da EJA



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2024

González enfatiza a importância de superar o desinvestimento pedagógico, adotando práticas inovadoras que valorizem a Educação Física como componente essencial na formação integral dos educandos.

Segundo González (2020), isso implica "não se limitar a reproduzir os sentidos e significados presentes nas diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, mas tematizá-los, desnaturalizá-los e evidenciar a pluralidade de sentidos e significados que os diferentes grupos sociais podem dar a eles."

O autor destaca a necessidade de os professores refletirem sobre suas práticas e buscarem constantemente a renovação pedagógica, visando proporcionar experiências educativas mais enriquecedoras e significativas para os alunos.

O que não há dúvidas é de como sua presença é indispensável nos currículos nessa modalidade de ensino, sendo perfeitamente possível a sua oferta, no período regular de aula, assim como acontece no Município de Guarulhos.

Sobre os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física, há uma lembrança maior dos esportes, representados pelo futebol, basquete, handebol e vôlei. Jogos e brincadeiras como queimada, pega-pega, esconde-esconde, corda e

**Figura 8:** Nuvem de palavras



Uma participante citou a lembrança do uso do uniforme para a aula de Educação Física, o que era característico da época:

O relato da participante Silvia chama a atenção, ela frequentou a escola em La Paz, na Bolívia e retrata um comportamento autoritário e desumano do professor com os educandos, totalmente contrário aos princípios de uma Educação Libertadora.

Pesquisadora: Era mais rígido, assim?

S: O professor também, às vezes, quando a gente não prestava atenção, ele dava uma chicotadinha.

P: Nossa, sério?

S: Sim, porque lá era muito...muito...como se chama? Rígido. Rígido, muito...Então, a gente tinha medo do professor. Porque a gente era criança, né? Aí, o professor alto, nossa, e fazia isso. A gente não fazia direito e ele ficava ameaçando a gente, que ele ia dar o chicote.

Freire afirma:

O educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando, que ao ser educado também educa. Dessa forma, ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. (Freire, 1987, p. 67)

O educador e o educando se encontram no processo de ensino aprendizagem em uma relação horizontal, onde o diálogo, a afetividade e o respeito são a base para a construção de conhecimento com significado e capaz de promover a transformação nos indivíduos e em seu meio.

Sobre a prática de atividade física na sua rotina atual, oito participantes relataram que não conseguem praticar devido a problemas de saúde, falta de tempo ou vontade, mas reconhecem a necessidade de adquirir esse hábito. Quatro dos participantes realizam atividades físicas de forma esporádica, por vezes aos finais de semana.

**Figura 9:** Prática de atividade física



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Dentre os oito participantes que realizam atividade física regularmente, há educandos que utilizam os espaços para a comunidade como os CEUS (Centro de Educação Unificado) que oferecem aulas gratuitas com diversas opções de atividades. Muitas vezes os educandos demonstram pouco conhecimento sobre esses espaços e as aulas de Educação Física são uma oportunidade para conhecer, se apropriar e frequentar esses lugares, tão acessíveis à comunidade, mas por vezes mal divulgados e aproveitados.

Goldschmidt et al afirmam:

A disciplina, muito mais do que se preocupar em deixar o sujeito mais ativo fisicamente, ou mais “saudável”, precisa se preocupar em formar um cidadão crítico questionador, que saiba se posicionar politicamente, para reivindicar, por exemplo, melhores condições de acesso à saúde pública e/ou opções de lazer de forma gratuita. (Goldschmidt et al, 2016, p. 125)

Quando perguntados sobre quais sugestões eles teriam para as aulas de Educação Física na EJA, muitos participantes expressaram satisfação com as aulas atuais, destacando que já estão aprendendo e que a prática é benéfica para o corpo e a mente.

"Eu acho que é bem completa. É bem completa a Educação Física. Em questão não só de se movimentar, Por questão de histórias, como a capoeira, que pra mim era um mito, a capoeira. Eu sempre olhava ela assim com outros olhos, hoje já não. Hoje é nada mais, nada menos do que um esporte é você entender. A capoeira é uma luta que, tipo assim, não entrava muito na minha cabeça e nem eu fazia questão também. Por estudar aqui, pela professora, explicar bem, abre a cabeça e a gente começa a entender melhor." (Vivian, 2024)

"Não tenho sugestões no momento, tudo que já tem é bom." (Crislaine, 2024)

"As aulas que estão sendo passadas estão muito boas." (Maria Eliane, 2024)

Alguns participantes sugeriram a inclusão de novas modalidades, como dança, lutas, alongamentos e brincadeiras simples, adaptadas para a participação de todos:

"Gostaria muito de praticar outros tipos de dança." (Leide, 2024)

"Mais aula de alongamento, essas coisas que quase não tem, né?" (Severina, 2024)

Alguns participantes sugeriram que a estrutura das aulas poderia ser ajustada para motivar a participação constante. Atrelando a aula a um momento de descontração e recreação:

"Mais movimento. Assim, os alunos não vão faltar tal dia, porque sabem que terá essa aula." (Francisca Fabiana, 2024)

No geral, os participantes deixaram como sugestão aulas com mais movimento, práticas que incluam alongamento, ginástica ou, até mesmo, os esportes. Isso é o contrário do que muitos pensam, que os educandos da EJA não podem ou não se interessam em realizar as aulas de Educação Física. Há de se considerar que esse educando adulto e trabalhador tem a necessidade de conhecer e vivenciar tais práticas corporais.

Para Betti (2002, p. 75), a Educação Física seria uma ação pedagógica com a cultura corporal de movimento. "Essa ação pedagógica a que se propõe a Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se".

É necessária uma sensibilidade do professor e o diálogo constante com os seus educandos, desde a formulação do planejamento até a forma como serão avaliados, fazendo com que eles percebam, de forma crítica, a importância do componente curricular e se conscientizem sobre os benefícios que aqueles conhecimentos podem fazer em sua vida.

"Olha, o que eu já tive aqui na educação física é muito bom, os momentos curtos que a gente vai na quadra, é muito bom você estar ali na atividade com seus colegas, isso pra gente é proveitoso, é algo novo e que tudo que tiver na educação física é importante a gente fazer, tanto fazer como aprender e pôr em prática aquilo que a gente aprendeu. Eu acho muito bom a educação física, eu gostei muito, né? E é algo que a gente tanto aprende. Pra trazer pra nossa vida, como a gente tem a oportunidade de fazer o exercício, porque você aprende como fazer, né? E isso é muito importante, coisas que eu não sabia, eu aprendi. Agora tenho que pôr em prática." (Maria Luciene, 2024)

É essencial que o professor adote uma postura que valorize a escuta ativa e o protagonismo dos educandos. A construção das aulas deve considerar os interesses, as experiências e as necessidades do grupo, reconhecendo que a Educação Física na EJA abrange possibilidades que promovam o bem-estar, a socialização, o pensamento crítico, que amplie a visão sobre sua própria corporeidade e qualidade de vida, sem reforçar visões fragmentadas da Educação Física, pautada por perspectivas esportivizadas, da aptidão física e saúde ou na simples recreação.

A EJA ainda enfrenta desafios estruturais e curriculares que limitam seu potencial educativo, mas pesquisas como as de Souza (2023) e Brasil (2023)

demonstram caminhos para sua ressignificação. Souza (2023) propõe uma abordagem baseada na pedagogia freireana, utilizando temas geradores que promovam o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, tornando a Educação Física um espaço de emancipação e valorização da cultura corporal dos educandos. De forma complementar, Brasil (2019) destaca a importância da memória e das práticas corporais, como jogos, danças e brincadeiras, para fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento dos educandos da EJA, contribuindo para sua inclusão e participação ativa no processo educativo.

Ambas as pesquisas evidenciam a necessidade de metodologias que rompam com abordagens tradicionais e promovam uma Educação Física crítica, significativa e alinhada às realidades dos educandos.

A responsabilidade aumenta e requer um compromisso para apresentar a Educação Física como um componente curricular que possibilita o conhecimento das práticas corporais de forma inclusiva, crítica e reflexiva.

Maldonado e Prodócimo afirmam que:

Da forma que tenho pensado, a Educação Física Escolar passa a ter como função social ampliar a leitura de mundo das crianças, jovens, adultos e idosos que frequentam a Educação Básica sobre os conhecimentos de resistência produzidos sobre as práticas corporais. Os professores e as professoras da área podem construir projetos educativos com essa intencionalidade utilizando diferentes linguagens que versam sobre as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes, os jogos e as brincadeiras. Portanto, não existem hierarquias entre as manifestações da cultura corporal. Por fim, nessa perspectiva, cada aula é uma chance de tomarmos consciência da nossa realidade, possibilitando que toda a comunidade escolar amplie a criticidade sobre a sua existência no mundo, transformando a estrutura societária (Maldonado; Prodócimo, 2022, p.23 ).

A Educação Física na EJA cumpre o seu papel, a partir do momento em que se torna um espaço para a reflexão crítica, onde educandos e educadores, em uma relação dialógica, constroem saberes significativos a partir de suas realidades, experiências e culturas.

Torna-se um meio para promover a conscientização sobre as condições sociais e culturais que interferem nas práticas corporais, estimulando o protagonismo dos sujeitos na transformação de suas próprias vidas e do meio em que vivem.

Dessa forma, cada aula não é apenas um momento de aprendizado sobre tudo que a humanidade já criou com o corpo em movimento, mas também uma

ponte para construir uma visão de mundo que valorize a equidade, a inclusão e a justiça social.

## 6.5 EDUCAÇÃO LIBERTA

Os participantes demonstraram interesse em continuar com os estudos após a conclusão do Ensino Fundamental na EPG Celso Furtado. Eles têm objetivos diversos que refletem diferentes momentos de vida e prioridades. Alguns estão focados em concluir o Ensino Médio, enquanto outros já têm metas de iniciar cursos técnicos ou de curta duração.

Há também aqueles que avaliam áreas de graduação futuras, com interesses em Pedagogia, Administração, Engenharia Civil, Medicina Veterinária, Agronomia e Biomedicina. Além desses objetivos, também foi mencionada a vontade de abrir o próprio negócio, e a participante Vivian, que é líder de uma ocupação, manifestou desejo de se candidatar a conselheira tutelar.

Independentemente do objetivo a ser alcançado, percebe-se que o aprender e a educação continuam sendo uma peça essencial para os planos futuros. Esses participantes relataram como apostaram no retorno às salas de aulas para o redirecionamento de suas vidas.

Ao serem instigados a deixar um conselho para quem não terminou os estudos e ainda está fora da EJA, as respostas foram as seguintes:

“Ah, o conselho que eu dou é que voltasse, porque eu acho que a mesma coisa que a pessoa pensa, eu pensei. Ah, voltar pra quê? Mas quando a gente volta, a gente vê a diferença. Eu acredito que é a mesma coisa que a pessoa deve pensar. Porque eu pensei, ah, vou voltar a estudar pra quê? Ah não, tá bom, o importante é eu trabalhar, mas não, o estudo é importante. Entendeu? Então eu acho que as pessoas que estão com vontade de voltar a estudar e estão com medo, Todo mundo tem medo nessa vida. Não existe um ser humano que não tenha medo, mas a gente tem que enfrentar o medo. Eu achei que eu não ia me dar bem na escola mais, mas hoje eu adoro, eu me divirto pra caramba, além de aprender muita coisa.” (José, 2024)

“Eu conversei com as minhas amigas que não querem estudar, que tem a mesma idade que eu, já passou dos cinquenta, né. E não querem estudar, e falaram, você vai pra escola, você é besta, não sei o quê, vai curtir sua vida, vai passear, vai pra escola, fique vendo novela. Eu falo pra elas, falam assim, é melhor a gente ir pra escola, que não terminou os estudos, Porque um dia você vai precisar dos estudos. Eu não ligo o que elas falam, eu venho pra escola.” (Auristela, 2024)

“[...]Não pensar nos obstáculos. Que tem muitos, mas vale a pena. E é sempre bom aprender, porque tem gente que fica em casa sozinha à noite, acaba ficando até em depressão, e aqui não, você faz amizade, tem os professores que são maravilhosos, então é muito bom voltar mesmo.” (Crislaine, 2024)

“Que volte a estudar. Porque nunca é tarde, né? Nunca é tarde, independente da sua idade. Você volta para a escola, para os estudos, não é só para ter um bom emprego, um bom salário. Não, é como a gente já tinha falado, que isso é bom para a mente e para o físico. Então, é uma coisa que preenche muito a vida.” (Francisca Fabiana, 2024)

“Olha, o que eu falaria é o seguinte. Gente, nunca é tarde pra gente correr pra atrás do objetivo. Ficar em casa de braço cruzado, parado, as coisas não vão vir até a gente. Nós temos que ir atrás. É cansativo? É. Mas é como se diz. Nada vem de facilidade. A gente tem que correr, tem que batalhar, tem que sofrer pra poder adquirir um melhor pra frente. Eu aconselharia um volte. Nunca é tarde.” (Leide, 2024)

“Eu aconselho que volte. Volte, prossiga, dê continuidade onde você parou, que não é tarde pra isso. [...] você não vai se arrepender, você vai aprender muita coisa, pessoas legais, pessoas bacanas, cada um com a sua história, eu tenho a minha história, cada um que passou por aqui tem a sua história e é diferente e todos tem o seu motivo, porque que não terminou seus estudos. Todo mundo tem o seu motivo, eu tive o meu e tenho certeza que muitos também teve o seu motivo, mas é bom voltar e dar continuidade.” (Maria Luciene, 2024)

“Quem tiver, assim, os mais jovens que aproveitem, não deixem assim a juventude a farra, deixar parar. E pra quem tem filho, engravidou, continue, não para, porque é muito mais difícil a gente quando com a idade mais avançada. E não faz hoje em dia nada, nada, nada se não tiver o estudo.” (Rosangela, 2024)

“Que nunca desista. Que vale a pena fazer o estudo, que é o único futuro que você tem e conseguir alguma coisa é através do estudo. Eu falo sempre.” (Severina, 2024)

“Olha, eu posso dizer que não é bom parar, que apesar de tudo que a gente trabalha, mas não é bom deixar assim pra trás os estudos, pode, depende da gente que tem que voltar pra estudar. Não importa a idade.” (Sílvia, 2024)

“Voltar a estudar. Voltar a estudar. Eu faço muita campanha, eu vou de casa em casa, eu colo o panfleto nas escolas, colo o panfleto nas ocupações, que nada melhor do que o estudo. O estudo, ele salva a vida. Sabe? É você estar dentro de uma sala de aula e você saber que você é capaz.” (Vivian, 2024)

Pode-se perceber como a volta aos estudos transformou a vida dos participantes, e vários deles transmitem em suas falas o desejo de tentar trazer para a EJA mais pessoas que se encontram na mesma situação deles anos atrás. Como fazem questão de compartilhar com os amigos e familiares seus momentos e avanços na escola. Não se importando com julgamentos negativos e repetindo a afirmação - Nunca é tarde!

Um cordel chamado “Nunca é tarde”, do poeta Bráulio Bessa, foi apresentado aos educandos, no início do semestre, como forma de acolhimento nas aulas de Educação Física. Podemos perceber como é necessário um cuidado e zelo no trato com os educandos da EJA. A forma como o professor fala e compartilha seus saberes, durante as aulas, marca e pode significar a continuidade ou desistência dos estudos.

Com esses olhares tão esperançosos e determinados, mostra-se necessário um ambiente acolhedor e democrático. Um educador que tem a sua prática pautada na Educação Libertadora, precisa estar disposto a propiciar aulas em que o indivíduo possa ler o mundo à sua volta, não se culpando pelos fatores que o levaram até a EJA. Não de maneira passiva e bancária, mas sim investigando, tematizando e problematizando, assim como propõe Paulo Freire.

Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência. E também educador: existência seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador das “práxis” humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como “prática da liberdade”. Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsavelmente. A educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. (Fiori, 1987, p. 5).

A Educação Física como componente curricular não deve ficar alheia a tudo isso. Com os seus diversos conteúdos, presente na sociedade, capaz de dialogar com passado e presente, o educador tem a possibilidade de percorrer diferentes caminhos que levem o seu educando a refletir, entender e ressignificar, compreendendo o contexto à sua volta, adquirindo novas convicções ou, até mesmo, revendo seus conhecimentos prévios.

Prodócimo afirma:

Dialogando esse ponto com a Educação Física, trata de conhecer e incluir no contexto das aulas as práticas corporais dos grupos, suas origens, seus costumes, relacionando com outras práticas ampliando a leitura de mundo

por meio do conhecimento e problematização de diferentes possibilidades, entendendo que também as práticas corporais são datadas e situadas e entendendo as relações de força existentes na valorização de determinadas práticas em detrimento de outras e, além desses estudos, a possibilidade de vivências e, quiçá, de experimentação de diferentes práticas, não de forma bancária, mas com o vagar proposto de sentir e perceber os gestos, de criar. (Prodócimo, 2023, p. 46)

A partir dos relatos apresentados, é possível concluir que a Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel fundamental na transformação de vidas, ao oferecer não apenas conhecimento formal, mas também acolhimento e esperança. O envolvimento dos educandos reflete o impacto social e emocional dessa modalidade de ensino. A perseverança que move esses indivíduos mostra que a educação pode ser um caminho de ressignificação e fortalecimento, independentemente da fase da vida.

O papel do educador de Educação Física na EJA não pode ser moldado à reprodução de práticas com um fim nelas mesmas, sem sentido e significado para o educando ou a mera transmissão de conteúdo. É essencial a busca para que as aulas tenham um ambiente onde todos se sintam à vontade para que juntos possam propor, investigar, refletir, questionar, experienciar e aprender sobre os conteúdos de maneira crítica e democrática.

A Educação Libertadora de Paulo Freire, integrada às práticas corporais, demonstra como a Educação Física pode contribuir para ampliar a compreensão de mundo e estimular a reflexão crítica. Assim, a educação se torna uma ferramenta de emancipação, permitindo que os educandos se reconheçam como sujeitos ativos de suas histórias e do contexto social em que estão inseridos.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do objetivo proposto, de investigar e compreender os significados que os educandos atribuem à retomada da educação formal na educação de jovens e adultos e as suas percepções sobre o componente curricular Educação Física, vivenciada por eles no âmbito escolar e na sua história de vida, este trabalho apresenta três principais contribuições teóricas.

A primeira é o reconhecimento da EJA como uma ferramenta de transformação social. A EJA vai além do ensino formal, funcionando como um espaço de resgate de identidades e inclusão social. A educação nesse contexto deve priorizar as trajetórias de vida e as necessidades individuais dos educandos, promovendo uma educação mais equitativa e humanizadora.

A segunda é a Educação Física partindo de uma perspectiva da Educação Libertadora, como uma prática pedagógica capaz de acolher as diversidades culturais e sociais, contribuindo para a construção de uma comunidade escolar mais igualitária, promovendo o pensamento crítico e a consciência dos educandos sobre suas realidades. O componente curricular pode ser um meio para ampliar a percepção dos educandos sobre o mundo e suas possibilidades de transformação.

A terceira é a construção do aprendizado como prática libertadora. A educação como um processo dialógico e não bancário, no qual o educando não é um receptor passivo, mas um agente ativo. Isso promove o desenvolvimento de uma consciência crítica, permitindo que os educandos analisem e compreendam as estruturas sociais que os cercam, e assim, participem na construção de uma sociedade mais justa.

Sobre as contribuições práticas, temos a produção de um ebook como produto educacional, construído a partir das narrativas dos educandos da EJA. Seu objetivo principal é não apenas dar visibilidade às memórias e vivências desses educandos, mas também atuar como um recurso pedagógico para os professores. Dessa forma, busca subsidiar e ampliar a compreensão do universo da EJA, abordando questões que frequentemente despertam curiosidade e desconhecimento em relação a essa modalidade de ensino.

A Educação Física na EJA, oferecida no horário regular de aula, é uma oportunidade prática para os educandos se envolverem em atividades corporais, mesmo que muitos não tenham o hábito regular de exercitar-se. Isso inclui a

introdução e a conscientização sobre práticas corporais, o resgate de vivências de sua história de vida. Assim, é possível incentivar os educandos a se apropriarem dos espaços públicos, ampliando seu acesso ao lazer e à atividade física de forma contínua. As aulas de Educação Física contribuem para a socialização entre os educandos, fortalecendo os laços e criando um ambiente acolhedor.

A valorização do diálogo, é uma contribuição para que o planejamento ocorra considerando formas de promover o protagonismo dos educandos, permitindo que eles se expressem, investiguem, questionem e reflitam sobre os conteúdos de maneira crítica e significativa. Essa prática enriquece o aprendizado e desenvolve habilidades que são úteis dentro e fora da sala de aula.

Esse estudo encontra limitações na restrição do contexto geográfico, analisando uma localidade específica, concentrando-se em um grupo de participantes, com características particulares. Outro fator foi o interesse maior das mulheres participarem da pesquisa em relação aos homens, causando uma desproporção que pode afetar as conclusões.

Sugere-se, para estudos futuros, a investigação da efetividade das práticas pedagógicas de Educação Física na EJA sob a perspectiva da Educação Libertadora. Esse estudo poderia analisar a aplicabilidade dessas práticas, seus benefícios emocionais e sociais, e avaliar a relevância das atividades propostas em relação às necessidades específicas dos educandos.

A conclusão desse estudo destaca a relevância da Educação de Jovens e Adultos como um espaço de transformação pessoal e social, além de uma oportunidade de reconstrução de trajetórias interrompidas pela exclusão educacional e social. O retorno às salas de aula proporciona mais do que a certificação formal, promove ressignificação de identidades e fortalecimento da autoestima.

Os relatos dos participantes mostram o impacto positivo da EJA na superação de barreiras e na retomada de sonhos adiados. A Educação Física, integrada à Educação Libertadora, é um componente curricular essencial, contribuindo para a reflexão crítica sobre práticas corporais e seu impacto na sociedade.

Essa pesquisa reafirma a necessidade de currículos que dialoguem com as experiências e os contextos dos educandos, promovendo uma educação libertadora que valorize o protagonismo e as histórias de vida. Assim, a EJA se consolida como



um campo de possibilidades, onde a educação não apenas transforma vidas, mas também constrói caminhos de equidade e justiça social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, A.S.; OLIVEIRA; C.M. **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças 2. V. 32. Curitiba: CRV, 2017.

ARAGÃO, S.R. **Direito educacional**: processo de direitos humanos na ordem Mundial. Brasil. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2019.

ARROYO, M. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

ARROYO, M. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão**. In: *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Ministério da Educação. 2. ed. Brasil. Brasília: Pesquisa escolar. UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.

ARROYO, M.G. O direito à educação e a nova segregação social e racial – tempos insatisfatórios? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.31, n. 3, p. 15- 47, jul-set, 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/TvhHNQd9rys6nwV9ghM9t9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2024.

ARROYO, M.G. **Ofício de mestre**: Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, M.G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M.G. Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 11, p. 09-20, 2001.

BARCELOS, V. **Educação de jovens e adultos**: currículo e práticas pedagógicas. Petrópolis, Vozes, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, P.R.; SILVA, M.A.; ALMEIDA, J.F. O impacto do trabalho precoce na evasão escolar no Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 45-62, 2020.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Nova ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOLIVAR, A.; DOMINGO, J. La investigación biográfica y narrativa em Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. **Fórun: Qualitative Social Research**, [s.l.], v. 7, n. 4, set. 2006. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/download/161/357?inline=1>. Acesso em: 19 maio 2024.

BOSSLE, F.; PRODÓCIMO, E.; MALDONADO, D. T. **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília-DF. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (1996). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 19 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL, S.O. **Memória e ressignificação do corpo na educação de jovens e adultos**: jogos, danças e brincadeiras. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/18014>. Acesso em: 22 mar. 2025.

CAMARGO, M.R.R.M.; MIGUEL, J.C.; ZANATA, E.M. Travessias na EJA: a extensão universitária como ponte do fazer, do aprender, do pensar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 257- 276, maio/ago., 2015. DOI: 10.1590/CC0101-32622015723763. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/RzSCXqZ5XmR3rR7nRKwTk9y/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2024.

CAMPOS, G.P. **Paulo Freire: o homem e método – um ensaio**. **Em Aberto**, Brasília, v.26, n. 90, p. 63-74, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2743>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CARVALHO, R.M. Educação física na educação de jovens e adultos. **Revista Lugares de Educação**, [s.l.], v. 3, n. 5, p. 37-49, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/16163>. Acesso em: 19 maio 2024.

COSTA, M.E.; ALMEIDA, V.R. Condições socioeconômicas e abandono escolar no Brasil: Uma análise regional. **Cadernos de Educação**, [s.l.], v. 12, n. 4, p. 88-102, 2018.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, M.C. **Introdução: discutindo conceitos básicos**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o futuro: Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC/SEED, 1999. p. 9-18.

CURY, C.R.J.; HORTA, J.S.B.; FÁVERO, O. A Relação Educação - Sociedade - Estado pela Mediação Jurídica-Constitucional. In: FÁVERO, O (Org.). **A Educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

CURY, C.R.J. Direito à educação. In: SOUZA, J.V.A.; GUERRA, R. **Dicionário crítico da educação**. Belo Horizonte: Dimensão, 2014.

DARIDO, S.C.; SANCHES NETO, L. **O contexto da educação física na escola**. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (coords.). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

DI PIERRO, M.C; JÓIA, O; RIBEIRO, V.M. Educação de jovens e adultos: uma memória dos seus diferentes sentidos na sociedade brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 1-15, 2001.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: avanços e desafios**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

FEITOSA, S.C.S. **Método Paulo Freire: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. (Dissertação em Filosofia da Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FIORI, J.H. (org.). **Educação e mudança**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GADOTTI, M. **Educação e mudança**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDSCHMIDT FILHO, F., CRUZ, L. L. da; BOSSLE, F. Educação física na EJA: desafios e possibilidades. **Kinesis**, v. 34, n. 2, 2016.

GOMES, C. **Construção social da memória autobiográfica e Histórias de Vida**. In: LOPES, A. et al. Histórias de Vida em Educação: a Construção do Conhecimento a partir de Histórias de Vida. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2013.

GONZÁLEZ, F.J. **Educação física escolar: entre o “rola bola” e a renovação**

**pedagógica.** In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares. Desafios da educação física escolar: temáticas de formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

GUARULHOS. Circulação. **Planejamento 2008.** Disponível em:

[http://servicos.guarulhos.sp.gov.br/06\\_prefeitura/secretarias/educacao/planejamento\\_sme\\_2008.pdf](http://servicos.guarulhos.sp.gov.br/06_prefeitura/secretarias/educacao/planejamento_sme_2008.pdf). Acesso em: 20 mar. 2025.

GUARULHOS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular - QSN, Introductório, 2019.** Disponível em:

<https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/8/>

HADDAD, S.; DI PIERRO, M.C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, mai. /jun./jul./ago, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes 2017;

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças.** Ijuí: UNIJUI, 1991.

LEITE, S.A.S.; GAZOLI, D.G.D. **Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos - EJA.** In: EJA EM DEBATE. Brasil. Santa Catarina-SC - Florianópolis, vol. 1, n. 1. nov. 2012.

LEITE, S.F. **O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil:** um resgate histórico e legal. Curitiba: CRV, 2013.

LEITE, M. C.; CAMPOS, R. Educação de Jovens e Adultos: desafios e perspectivas. **Revista Educação em Questão**, [s.l.], v. 56, n. 47, p. 123-145, 2018.

MACHADO, M.M. **Política educacional para jovens e adultos:** a experiência do projeto AJA (1993-1996) na Secretaria de Educação Municipal de Goiânia. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Faculdade de Educação. Brasil. Goiás. Universidade Federal de Goiânia, 2017.

MORAIS, K.H. **O professor de educação física na EJA: Da formação prática a uma educação física de teorias:** **Revista Espacios.** [s.l.], v.38, n. 20, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n20/a17v38n20p34.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

NEPOMUCENO, M.S.L. **Motivação e desempenho acadêmico entre alunos do primeiro ciclo de educação de jovens e adultos.** 3. ed. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

NOGUEIRA, V.A.; MALDONADO, D.T.; FARIAS, U. de S.; FREIRE, E. dos S. A influência do pensamento freireano na Educação Física escolar: perspectivas

contra-hegemônicas de pesquisa e ensino. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 20, n. 3, p. 142–163, 2021. DOI: 10.14393/REP-2021-61998. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/61998>. Acesso em: 10 maio 2024.

OLIVEIRA, L.A.; SANTOS, T.F.; GOMES, R.B. Problemas familiares e suas influências na evasão escolar. **Educação em Foco**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 22-38, 2019.

OLIVEIRA, C.M. Políticas públicas e inclusão de mulheres na Educação de Jovens e Adultos. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 42, n. 3, p. 101-118, 2021.

PELUSO, D.L. et al. Educação Física na educação (inclusiva?) de jovens e adultos: um retrato da produção científica na área. **Motrivivência**, [s.l.], v. 32, n. 63, p. 1–20. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76435. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76435>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PEREIRA, R.R. **Diálogos sobre a Educação Física na educação de jovens e adultos numa perspectiva freireana**. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PEREIRA, G.M.S.; MAZZOTTI, T.B. Representações sociais de Educação Física por alunos trabalhadores do ensino noturno. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 53-62, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1259/1595>. Acesso em: 19 maio 2024.

PONTES JR, J.A.F. et al. Estudantes da educação de jovens e adultos na Educação Física no Enem. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**, [s.l.], n. 10, p. 76-80, 2018. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.10.2753>. Acesso em: 19 maio 2024.

PRADO JUNIOR, M.V. Quem é o aluno da Educação Física Escolar. **Projeto de Educação Continuada**, Bauru, v. 5, p. 33-40, 1998.

QUEIROZ, M.I.P. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON, OO.R. de M. (Org.). Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Pedro: Vértice, 1988.

RAMA, L.M.J.S. **Legislação do Ensino**: uma introdução ao seu estudo. Brasil. São Paulo: EPU e EDUSP, 2009.

REIS, J.A. P. **As trajetórias de vida dos/as estudantes-trabalhadores/as da Educação de Jovens e Adultos**: o significado da Educação Física. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, V.M. Visões da educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Caderno Cedes**,

São Paulo, ano XXI, n. 55, nov/2001. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 19 maio 2024.

RODRIGUES, M.E. de C. Estágio no ensino fundamental de jovens e adultos: reflexões sobre acesso e permanência. **Pesquisa pública. Educativa**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 373-392, maio/ago. 2017. Disponível em:  
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/6236>. Acesso em: 19 maio 2024.

SANTOS, L.F.; SILVA, J.P.; CARVALHO, M.G. Educação e gênero: a participação de mulheres donas de casa na EJA. **Cadernos de Educação Popular**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 25-40, 2019.

SANTOS, C.R. dos; PINHEIRO, T.H.S. Currículo integrado e interdisciplinaridade no Projovem Urbano: Contribuições à luz de Deleuze, Guattari e Gallo. **Conhec. Dest.**, Serra v. 01, n. 02, jul./dez. 2012. Disponível em:  
<https://silo.tips/download/curriculo-integrado-e-interdisciplinaridade-no-projovem-urba-no-contribuoies-a-lu>. Acesso em: 10 maio 2024.

SANTOS, C.R. Desafios de acesso à educação em áreas rurais brasileiras. **Revista de Educação e Sociedade**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 125-139, 2021.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, M.A. da. **A Educação de Jovens e Adultos como espaço de resgate da autoestima e cidadania: um estudo de caso em uma escola pública de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

SILVA, M.A.; ALMEIDA, R. S. Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho: trajetória histórica de afirmação e negação do direito à educação. **Revista Paidéia**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 87-104, 2021.

SOUZA, M.; ALMEIDA, R. A presença feminina na EJA: desafios e conquistas das donas de casa no retorno à escola. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 45-60, 2020.

SOUZA, F.R. As dificuldades para inserção no mercado de trabalho – Análise das trajetórias de alunos da EJA em uma escola de periferia. **Revista Núcleo do Conhecimento**, [s.l.], v. 7, n. 5, p. 112-130, 2022.

SOUZA, M. L. **Ressignificação de temas geradores na educação física da EJA: das situações limite aos inéditos viáveis**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em:  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/56164/1/%40Disserta%  
c3%a7%c3%a3o%20-%20Marcelo%20Luiz%20de%20Souza%20-%20Mestrado%20PROEF-%20Educ%  
a7%c3%a3o%20F%  
c3%adsica.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/56164/1/%40Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Marcelo%20Luiz%20de%20Souza%20-%20Mestrado%20PROEF-%20Educ%a7%c3%a3o%20F%c3%adsica.pdf). Acesso em: 22 mar. 2025.

VIEIRA, M.C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de**

**jovens e adultos.** v. 1: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Pesquisa educacional. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

UNICEF. **O impacto da gravidez na adolescência na educação de meninas na América Latina.** 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ZANATA, E.M. et al. PEJA - Projeto de educação de jovens e adultos ações no campus de Bauru. **8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP**, 2015.

ZANATA, E.M. et al. Travessias na EJA: a extensão universitária como ponte do fazer, do aprender, do pensar. **Cadernos CEDES. Centro de Estudos Educação e Sociedade**, [s.l.], v. 35, n. 96, p. 257-276, 2015.

## APÊNDICE A

### UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru/ SP

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16

Prezados educandos(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa científica intitulada “**A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora**”, conduzida pela professora-pesquisadora **Dayane da Silva Bezerra**, sob a orientação do **Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior**, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa tem como **objetivo** investigar e compreender os significados que os educandos atribuem à retomada da educação formal na educação de jovens e adultos (EJA) e as suas percepções sobre a disciplina Educação Física vivenciada por eles no âmbito escolar e na sua história de vida.

A coleta de dados será realizada por meio de **entrevista narrativa** para uso exclusivo da pesquisa. O educando receberá uma cópia deste termo onde constam os dados da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

A participação neste estudo não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os(as) participantes. Sobre os riscos, essa pesquisa poderá, eventualmente, causar momentos de timidez aos participantes, desconforto durante a entrevista, momentos de alegria ou tristeza com o resgate das lembranças. Caso o participante apresente indícios de qualquer uma dessas manifestações ou qualquer outro tipo de desconforto, haverá o cuidado de interromper a entrevista para evitar qualquer constrangimento, tomando medidas de acolhimento e atenção, sendo providenciadas as adequações necessárias.

Os benefícios almejados com a referida pesquisa são os momentos de valorização da trajetória de vida de cada participante, assim como possíveis

Agradecemos antecipadamente a participação e a contribuição e apresentamos nossos cordiais cumprimentos.

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_  
portador (a), do RG \_\_\_\_\_, aceito  
participar da pesquisa A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos:  
análise da história de vida dos educandos a luz da Educação Libertadora.  
Concordo em participar na obtenção das informações para o desenvolvimento da  
pesquisa aqui apresentada. Autorizo a divulgação e publicação das informações  
prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Guarulhos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora-pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do orientador responsável

Pesquisadora responsável: **Dayane da Silva Bezerra**

Dados para contato: fone (11) 988913264; e-mail: dayane.bezerra@unesp.br

Orientador: **Prof.º Dr.º Milton Vieira do Prado Junior**

Dados para contato: e-mail: milton.vieira@unesp.br

#### **Contato do Comitê de Ética em Pesquisa**

Coordenador: Prof. Assoc. Cassiano Merussi Neiva

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP:  
17033-360, Bauru-SP

Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru/ Faculdade  
de Ciências

## APÊNDICE B

### Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Prezados educandos(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa científica intitulada “**A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora**”, conduzida pela professora-pesquisadora **Dayane da Silva Bezerra**, sob a orientação do **Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior**, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A pesquisa tem como **objetivo** investigar e compreender os significados que os educandos atribuem à retomada da educação formal na educação de jovens e adultos (EJA) e as suas percepções sobre a disciplina Educação Física vivenciada por eles no âmbito escolar e na sua história de vida.

A coleta de dados será realizada por meio de **entrevista narrativa** para uso exclusivo da pesquisa. O educando receberá uma cópia deste termo onde constam os dados da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

A participação neste estudo não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os(as) participantes. Sobre os riscos, essa pesquisa poderá eventualmente causar momentos de timidez aos participantes, desconforto durante a entrevista, momentos de alegria ou tristeza com o resgate das lembranças. Caso o participante apresente indícios de qualquer uma dessas manifestações ou qualquer outro tipo de desconforto, haverá o cuidado de interromper a entrevista para evitar qualquer constrangimento, tomando medidas de acolhimento e atenção, sendo providenciadas as adequações necessárias.

Os benefícios almejados com a referida pesquisa são os momentos de valorização da trajetória de vida de cada participante, assim como possíveis respostas para um melhor entendimento das causas que os trouxeram até o local em que a pesquisa será desenvolvida.

Esclarecemos, ainda, que o(a) educandos(a) poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar inconvenientes.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a professora-pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão publicados e/ou apresentados com fins acadêmicos e científicos (dissertação, tese, livros, artigos, reuniões científicas e afins), respeitando o sigilo das informações coletadas.

Agradecemos antecipadamente a participação e a contribuição e apresentamos nossos cordiais cumprimentos.

---

### ASSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_  
portador (a), do RG \_\_\_\_\_, aceito  
participar da pesquisa A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos:  
análise da história de vida dos educandos a luz da Educação Libertadora.  
Concordo em participar na obtenção das informações para o desenvolvimento da  
pesquisa aqui apresentada. Autorizo a divulgação e publicação das informações  
prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Guarulhos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora-pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do orientador responsável

Pesquisadora responsável: **Dayane da Silva Bezerra**  
Dados para contato: fone (11) 988913264; e-mail: dayane.bezerra@unesp.br  
Orientador: **Prof.º Dr.º Milton Vieira do Prado Junior**  
Dados para contato: e-mail: milton.vieira@unesp.br

#### **Contato do Comitê de Ética em Pesquisa**

Coordenador: Prof. Assoc. Cassiano Merussi Neiva  
Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, CEP:  
17033-360, Bauru-SP  
Telefone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Bauru/ Faculdade  
de Ciências

## APÊNDICE C

### UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” FACULDADE DE CIÊNCIAS - Câmpus de Bauru/ SP

#### Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

Você está sendo convidado(a) a participar do documentário como resultado da pesquisa intitulada: **“A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora”**. O objetivo deste documentário é contar as narrativas dos educandos relacionadas às memórias de suas histórias de vida, ao contexto escolar e à Educação Física.

Serão feitos vídeos que servirão como dados para análise posterior da pesquisadora. Esse documentário será apresentado como produto educacional no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

As filmagens serão realizadas na escola, durante um horário previamente agendado. Portanto, a sua imagem estará nos vídeos, que serão utilizados para fins científicos e para que outros/outras professores/as e demais interessados(as) possam assistir.

Sobre os riscos, essa pesquisa poderá eventualmente causar momentos de timidez aos participantes, desconforto durante a entrevista, momentos de alegria ou tristeza com o resgate das lembranças. Caso o participante apresente indícios de qualquer uma dessas manifestações ou qualquer outro tipo de desconforto, haverá o cuidado de interromper a entrevista para evitar qualquer constrangimento, tomando medidas de acolhimento e atenção, sendo providenciadas as adequações necessárias.

Os benefícios almejados com a referida pesquisa são os momentos de valorização da trajetória de vida de cada participante, assim como possíveis respostas para um melhor entendimento das causas que os trouxeram até o local em que a pesquisa será desenvolvida.

Em caso de desconforto ou dúvidas relacionadas à pesquisa, pedimos que entre em contato pessoalmente com a professora/pesquisadora Dayane da Silva Bezerra, sob a orientação do Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior, ou pelo telefone (11) 98891 - 3264.

**Você autoriza a divulgação dos vídeos?**

( ☐ ) Sim      ( ☐ ) Não

Deste modo, eu \_\_\_\_\_, CPF:

\_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, residente e

domiciliado/a à Av/Rua \_\_\_\_\_ Cidade:

\_\_\_\_\_ AUTORIZO, através do presente termo, a utilização

da minha imagem (fotos e vídeos) nesta pesquisa e tenho ciência de que ela será utilizada

para fins científicos e de estudos (dissertação, produto educacional, tese, livros, artigos,

reuniões científicas, slides, vídeos, redes sociais), em favor da pesquisadora, acima

especificada, sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Guarulhos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora-pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

## **APÊNDICE D**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1 - Nome:**
- 2 - Idade:**
- 3 - Naturalidade:**
- 4 - Profissão:**
- 5 - Como foi sua vida escolar desde a infância?**
- 6 - O que motivou a interrupção dos seus estudos?**
- 7 - O que motivou o retorno?**
- 8 - Quais dificuldades você enfrentou pela falta de escolaridade?**
- 9 - Quais mudanças você percebeu após a retomada dos estudos?**
- 10 - A Educação de Jovens e Adultos está atendendo a suas expectativas?**
- 11 - Como foi a adaptação à Educação de Jovens e Adultos? É muito diferente do que você já tinha vivenciado?**
- 12 - Qual atividade você faz no trabalho?**
- 13 - Quais os desafios de conciliar trabalho e estudo?**
- 14 - De quais atividades você se recorda nas aulas de Educação Física?**
- 15 - Já praticou alguma modalidade esportiva, dança, luta ou ginástica?**
- 16 - Hoje em dia, você pratica alguma atividade física?**
- 17 - Você já tinha tido aulas de Educação Física antes da Educação de Jovens e Adultos? Como eram essas aulas?**
- 18 - Qual a sua sugestão para as aulas de Educação Física na Eja?**
- 19 - Qual seu objetivo após concluir o Ensino Médio?**
- 20 - Qual conselho você daria a uma pessoa que não concluiu os estudos**

## ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA: ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA DOS ESTUDANTES A LUZ DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

**Pesquisador:** DAYANE DA SILVA BEZERRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 76664823.0.0000.5398

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.803.433

#### Apresentação do Projeto:

Desenho:

A presente pesquisa, inserida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), caracteriza um estudo primário de natureza qualitativa, pautada na narrativa pessoal da trajetória escolar dos participantes por meio do método História de Vida. A metodologia de história de vida fornece ao pesquisador dados que podem evidenciar como, ao longo do tempo, se constituiu a personalidade do sujeito pesquisado (QUEIROZ, 1988), auxiliando a compreensão e a análise dos processos de aprendizagem sob a perspectiva psicológica. O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre como a Educação Física fez parte da história de vida e como ela é vista como disciplina na Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa será realizada na Escola Celso Furtado, situada no município de Guarulhos, na Grande São Paulo. O público participante desta pesquisa serão os alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos, nos anos finais do ensino fundamental, que optarem por participar da pesquisa e tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz. A pesquisa será realizada com 20 participantes. Os dados serão gerados a partir de entrevistas narrativas, gravadas em áudio e em vídeo e, posteriormente, transcritas. Quanto a forma de desencadear a conversa, adotaremos o protocolo de Flick (2009), em que é realizada

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.803.433

a narrativa principal a partir de uma pergunta geradora da narrativa, em seguida o estágio da sondagem da narrativa, e por fim o estágio final da entrevista, conhecido como fase do equilíbrio. Com base nas narrativas os participantes expressarão as motivações e os sentidos que atribuem a retomada da educação formal na educação de jovens e adultos (EJA) e as suas percepções sobre as mudanças decorrentes desse percurso educativo. Como produto final no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), será produzido um documentário a partir das narrativas dos participantes relacionadas às memórias de suas histórias de vida, o contexto escolar e a Educação Física.

**Resumo:**

**Palavra-chave**

Este Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da UNESP, tem como objetivo geral investigar e compreender os sentidos que os educandos atribuem a retomada da educação formal na educação de jovens e adultos (EJA) e as suas percepções sobre a disciplina Educação Física vivenciada por eles no âmbito escolar e na sua história de vida. O estudo será realizado com alunos dos anos finais da Educação de Jovens e Adultos, de uma escola da rede pública de uma cidade da grande São Paulo. Visa-se abordar a problemática de pesquisa que elucide as questões norteadoras Quais fatores os levaram a interromper seus estudos? Quais as motivações para a retomada dos estudos? Como a Educação Física pode contribuir para a leitura do mundo desses educandos? Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, utilizando o método histórias de vida e como instrumento de coleta de dados as entrevistas narrativas. Os dados gerados a partir das entrevistas narrativas, serão gravados em áudio e em vídeo e, posteriormente, transcritos. As informações serão submetidas à análise de dados narrativos proposta por Flick, dialogando com os estudos sobre a Educação Libertadora. Como produto educacional, será produzido um documentário a partir das narrativas dos participantes relacionadas às memórias de suas histórias de vida, o contexto escolar e a Educação Física. Com essa pesquisa espera-se contribuir acerca dos fatores para a questão da retomada e permanência dos alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na medida em que esta modalidade não se apresenta meramente como um espaço de término dos estudos, mas, como um instrumento de conquista e exercício da cidadania, dentro de um contexto social, político e econômico desigual.

**Introdução:**

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

Quando tive a oportunidade de atuar como docente na Educação de Jovens e Adultos me deparei com um cenário diverso. Cada educando com a sua bagagem de saberes, sendo eles idosos, adultos, adolescentes, migrantes, pessoas com deficiência, e até ex-alunos que haviam abandonado os estudos. Os motivos para a interrupção dos estudos são diversos e os poucos que se sentem à vontade para compartilhar demonstram que são fruto de uma vulnerabilidade social. Assim, percebi que em algum momento os direitos humanos desses educandos foram violados e os mesmos voltam a escola com sua bagagem de vida, que independente da idade na maioria das vezes se mostra muito grande. Deste modo, a educação de jovens e adultos - EJA, revela com clareza a diversidade de bagagem cultural e conhecimentos já levados pelos alunos no contexto escolar, o que gera desafios para a otimização da qualidade no ensino fornecido. Assim, percurso escolar quanto ao processo educacional da EJA é a variedade de experiências que estes já obtiveram com a escola, no geral essas pessoas tiveram uma pequena permanência no ensino, durante alguns meses ou anos, fazendo assim, ideia da estrutura escolar e dos moldes de uma aula em sala. (FREIRE, 2005) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394 de 1996, no Artigo 37, enfatiza a preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos para esses sujeitos, tornando a principal função e desafio da escola garantir a permanência desses alunos. Arroyo (2015) destaca sobre o direito à educação: Começemos por explicitar a hipótese que nos orienta na análise sobre as tensões na negação-afirmação do direito à educação: direito à educação de quem? Direito à educação de quais grupos sociais e raciais? Com a chegada das outras infâncias-adolescências nas escolas públicas, estas e os seus profissionais foram obrigados a pensar-se a partir dessa pergunta: quem são os educandos, as famílias, os grupos sociais e raciais que chegam à escola? De que espaços do sobreviver chegam? As pesquisas e análises de políticas também vêm sendo obrigadas a colocar-se essas perguntas. Reconstruções históricas de nosso sistema escolar e da educação infantil à universidade e têm mostrado que o direito popular à educação segue a histórica marginalização e segregação social e racial dos direitos sociais, econômicos, políticos, segregação tão persistente na cultura e na estrutura elitistas, conservadoras. É fundamental entender quem é esse educando que retorna para a EJA, qual a sua história de vida e que outros direitos básicos ele foi privado, para a partir daí traçar uma educação que atenda às suas necessidades. Muitos possuem falas em que atribuem a si mesmo a culpa pelo abandono dos estudos, não se colocando como vítima da sociedade, de um sistema capitalista, que prega a meritocracia e o fracasso ao próprio cidadão que nasceu em uma classe social desfavorecida. Não demonstram conhecer os efeitos que a violação dos direitos humanos causaram em sua

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

Página 03 de 10

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

vida.

O artigo 208 da Constituição Federal de 1988, incorporado a redação do Inciso da Emenda Constitucional 14 de 1996, deixa a critério do indivíduo a decisão de fazer valer o seu direito à educação, Leite, (2013) destaca: Obviamente, obrigar o público da EJA a retornar e frequentar a escola não seria o melhor caminho. No entanto, deixar para que este decida por livre e espontânea vontade, considerando a realidade da modalidade e público que compõe a EJA, é mesmo difícil de compreender. Uma parcela considerável desse público retorna à escola pelo desejo de cumprir o processo de escolarização, pela necessidade que sente, por sentir falta, pela necessidade do trabalho, para sua vida e por inúmeros outros motivos. Mas pouquíssimos retornam à escola cientes do seu direito e muito raro encontrar os que pleiteiam esse direito. Isso se dá porque para o público da EJA a culpa por não ter concluído os estudos é unicamente sua e mesmo que tenha justificativas para o abandono, para a evasão, para a repetência e para a falta, ainda assim se sentem culpados e não se veem como portadores de um direito que lhes foi negado e que pode ser reivindicado. Quais transformações poderiam ocorrer na vida e comportamento daqueles estudantes que retornam para a escola na esperança de se desenvolver intelectualmente, voltar ao mercado de trabalho, obter uma promoção ou emprego melhor, reintegrar-se socialmente, socializar ou por vezes ter a garantia de uma refeição diária. Qual a contribuição que as aulas de Educação Física pode oferecer a esse público tão marginalizado da sociedade. A educação física, na educação de jovens e adultos (EJA) é ofertada para contemplar jovens e adultos que não concluíram o ensino básico em idade apropriada, onde a EJA se mostra desafiadora, a partir do acolhimento de adultos dentro de sua diversidade e peculiaridades, como a luta social econômica por sobrevivência, fazendo com que essa modalidade de ensino contenha aspectos particulares que envolvem variedades históricas, etárias e socioculturais. (ARROYO, 2008). Com isso cheguei aos seguintes questionamentos: Quais fatores os levaram a interromper seus estudos? Quais as motivações para a retomada dos estudos? Como a Educação Física pode contribuir para a leitura do mundo desses educandos? Assim, esse projeto de pesquisa justifica-se pela baixa produção acadêmica na área da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, que vai dialogar com os estudos de Paulo Freire e Miguel Arroyo. Refletir acerca desses fatores é fundamental para a questão da permanência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na medida em que esta modalidade não se apresenta meramente como um espaço de término dos estudos, mas, como um instrumento de conquista e exercício da cidadania, dentro de um

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

Página 04 de 10

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

contexto social, político e econômico desigual.

**Hipótese:**

Os aspectos relacionados à desigualdade social tendem a dificultar o acesso e permanência dos educandos no sistema educacional na idade regular, fazendo com que parte desses busque a retomada desse direito na Educação de Jovens e Adultos e a Educação Física contribui positivamente para a manutenção do aluno no processo de formação.

**Metodologia Proposta:**

Universo da pesquisa: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizará a metodologia histórias de vida. A pesquisa será realizada com alunos do ciclo II da Educação de Jovens e Adultos da EPG Celso Furtado, do município de Guarulhos-SP, localizado na região metropolitana de São Paulo. Atualmente atende cerca de 1750 alunos do 1o ao 5o ano distribuídos em 3 períodos e no noturno atende as turmas da Educação de Jovens e Adultos, com salas de ciclo I (anos iniciais) e ciclo II (anos finais). Conta com a dedicação de 94 funcionários que contribuem com o efetivo funcionamento da escola. As turmas da Educação de Jovens e Adultos são multisseriadas, portanto atendem no ciclo I, alunos do 1o ao 5o ano e no ciclo II, educandos do 6o ao 9o ano. Participantes: O público alvo desta pesquisa serão os alunos matriculados no ciclo II (anos finais) da Educação de Jovens e Adultos, que optarem por participar do estudo. A pesquisa será realizada com 20 participantes. A escolha desse público específico se deu pela relação da pesquisadora com os educandos, com quem já desenvolve um trabalho nos anos letivos anteriores. Materiais e Métodos: Para a aplicação do método histórias de vida serão realizadas entrevistas narrativas, com gravações em áudio e registros em ficha de documentação. A escolha da entrevista narrativa se deu para atender o nosso objeto de estudo, esse método [...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswell, 2010, p. 26). Os elementos da entrevista narrativa são inicialmente propostas com uma pergunta como tema gerador e posteriormente é a etapa da investigação mais profunda das narrativas, analisando os fragmentos de cada fala, as entrelinhas das narrativas com uma maior percepção, diante de cada história apresentada. E o último estágio é a fase do equilíbrio, a qual o entrevistador faz perguntas ao entrevistado sobre o que aconteceu. As entrevistas coletam dados de um conjunto mais ou menos abrangente e estruturado, como uma narrativa de

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

história de vida ou de determinadas situações que os entrevistados trouxeram de suas experiências de vida, a qual compartilham com o entrevistador durante o decorrer de sua entrevista (Flick 2009). Procedimentos para a coleta de dados: Os alunos serão convidados a participar da pesquisa, apresentando os objetivos, os procedimentos e a importância da participação deles para que seja possível a realização da pesquisa. Será entregue um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz, para que seja assinado e devolvido com o propósito de oficializar a participação do aluno menor e maior de idade e a autorização para o uso e divulgação dos dados coletados para fins científico-acadêmicos. Após essa etapa, será agendado com os participantes as datas e horários para realização das entrevistas narrativas. Todas as informações serão gravadas em áudio ou vídeo, posteriormente, serão transcritas para a análise de dados. Como produto pretende-se produzir um documentário a partir das narrativas dos educandos relacionadas às memórias de suas histórias de vida, o contexto escolar e a Educação Física. Os dados serão tratados por meio de análise das narrativas segundo Flick (2009) a partir de cinco etapas: 1. análise de dados biográficos; 2. análise do campo temático (reconstrução de uma história de vida); 3. reconstrução da história da vida; 4. microanálise de segmentos individuais de texto; 5. comparação contrastiva entre a história da vida e uma história de vida.

**Critério de Inclusão:**

Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: 1. Participantes acima de 16 anos; 2. Matriculados na Educação de Jovens e Adultos da Escola Celso Furtado; 2. Ter cursado no mínimo um semestre; 3. Contemplar em suas narrativas as respostas para os questionamentos da entrevista; 4. Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**Critério de Exclusão:**

Adotou-se os seguintes critérios de exclusão: 1. Participantes menores de 16 anos; 2. Matriculados no primeiro semestre na Educação de Jovens e Adultos da Escola Celso Furtado; 3. Não contemplar em suas narrativas os questionamentos centrais da pesquisa, por falta de entendimento do participante ou por um pedido de interrupção da entrevista.

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

O objetivo desta pesquisa é investigar e compreender os sentidos que os educandos atribuem a retomada da educação formal na educação de jovens e adultos (EJA) e as suas percepções sobre a disciplina Educação Física vivenciada por eles no âmbito escolar e na sua história de vida.

**Objetivo Secundário:**

Investigar as motivações que os fizeram abandonar e retornar os estudos; Caracterizar os diferentes percursos escolares; Ponderar quanto a participação e motivação dos alunos no processo escolar; Avaliar a contribuição das aulas de Educação Física para a leitura de mundo dos educandos.

**Metodologia de Análise de Dados:**

Os dados serão tratados por meio de análise das narrativas segundo Flick (2009) a partir de cinco etapas: 1. análise de dados biográficos; 2. análise do campo temático (reconstrução de uma história de vida); 3. reconstrução da história da vida; 4. microanálise de segmentos individuais de texto; 5. comparação contrastiva entre a história da vida e uma história de vida.

**Desfecho Primário:**

Espera-se que a pesquisa contribua com ampliação dos conhecimentos sobre a Educação de Jovens e Adultos, respondendo as hipóteses formuladas dentro do prazo estipulado e cumprindo todas as etapas planejadas.

**Tamanho da Amostra no 20**

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Não

Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa: 20

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

O Estudo é Multicêntrico no Brasil?

Não

Propõe dispensa do TCLE?

Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco?

Não

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Esta pesquisa poderá eventualmente causar momentos de timidez aos participantes, desconforto durante a entrevista, momentos de alegria ou tristeza com o resgate das lembranças. Caso o participante apresente indícios de qualquer uma dessas manifestações ou qualquer outro tipo de desconforto, haverá o cuidado de interromper a entrevista para evitar qualquer constrangimento, tomando medidas de acolhimento e atenção, sendo providenciadas as adequações necessárias.

**Benefícios:**

Os benefícios almejados com a referida pesquisa são os momentos de valorização da trajetória de vida de cada participante, assim como possíveis respostas para um melhor entendimento das causas que os trouxeram até o local em que a pesquisa será desenvolvida.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se o presente de projeto de pesquisa de tema relevante e pertinente. O projeto é bem direcionado e tem seus objetivos claros e relacionados ao título. Os pesquisadores atenderam todas as correções apontadas pelo CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados corretamente

**Recomendações:**

Recomenda-se aos pesquisadores, familiarizarem-se com a definição de "desenho do estudo" e proceder ajustes na redação deste ponto, e uniformizar os textos tanto na Brochura como na

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

Folha de Informações Básicas do Projeto na PB (em próximas submissões);

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não restam pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                             | Postagem            | Autor                   | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|---------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2258885.pdf       | 09/04/2024 16:37:13 |                         | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO.pdf                                         | 09/04/2024 16:36:23 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Outros                                                    | Carta_de_justificativa.pdf                          | 09/04/2024 16:32:57 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Cronograma                                                | Cronograma.pdf                                      | 09/04/2024 16:27:59 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Outros                                                    | TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR_RESPONSÁVEL.pdf | 09/04/2024 16:26:36 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Outros                                                    | Termo_de_Compromisso_Pesquisador_e_orientador.pdf   | 09/04/2024 16:25:36 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_consentimento_para menores_de_idade.pdf    | 09/04/2024 16:24:20 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf      | 09/04/2024 16:24:05 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Outros                                                    | termo_de_uso_de_imagem_menor_de_idade.pdf           | 09/04/2024 16:23:47 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| Outros                                                    | termo_do_uso_de_imagem.pdf                          | 09/04/2024 16:23:22 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de          | Termo_de_Assentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf       | 09/04/2024 16:20:02 | DAYANE DA SILVA BEZERRA | Aceito   |

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE  
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.803.433

|                |                                                   |                        |                            |        |
|----------------|---------------------------------------------------|------------------------|----------------------------|--------|
| Ausência       | Termo_de_Assentimento_Livre_e_Escla<br>recido.pdf | 09/04/2024<br>16:20:02 | DAYANE DA SILVA<br>BEZERRA | Aceito |
| Outros         | Roteiro_da_entrevista.pdf                         | 09/04/2024<br>16:19:09 | DAYANE DA SILVA<br>BEZERRA | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf                                | 06/12/2023<br>20:57:22 | DAYANE DA SILVA<br>BEZERRA | Aceito |
| Outros         | CARTA.pdf                                         | 06/12/2023<br>20:56:26 | DAYANE DA SILVA<br>BEZERRA | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BAURU, 03 de Maio de 2024

---

**Assinado por:**  
**Cassiano Merussi Neiva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 17.033-360  
**UF:** SP **Município:** BAURU  
**Telefone:** (14)3103-6070 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepsquisa.fc@unesp.br



# EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA

HISTÓRIAS E  
TRANSFORMAÇÕES

Dayane  
Bezerra



# **EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA**

## **HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES**



## Sobre a autora

Graduada em Educação Física, na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Possui especialização em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Ingressou no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), na Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) do Campus de Bauru em 2022. Atualmente é Professora de Educação Física na Rede Estadual de São Paulo e da Rede Municipal de Guarulhos.



## Índice

|                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução                                                                                  | 05 |
| Capítulo 1: Breve Histórico da EJA no Brasil                                                | 07 |
| Capítulo 2: Histórico e Concepção da Educação de Jovens e Adultos no Município de Guarulhos | 11 |
| Capítulo 3: Memória da Trajetória Escolar                                                   | 17 |
| Capítulo 4: Transformações e Desafios da Escolaridade                                       | 22 |
| Capítulo 5: Educação Física na Minha Vida                                                   | 27 |
| Capítulo 6: Educação liberta                                                                | 31 |
| Capítulo 7: Minha história, minha vida                                                      | 35 |
| Capítulo 8: Práticas Corporais na EJA - Resgatando Saberes e Construindo Novas Vivências    | 77 |
| Conclusão                                                                                   | 91 |

# Introdução



Este e-book é resultado da dissertação intitulada A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: Análise da história de vida dos educandos à luz da Educação Libertadora, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Com base nas narrativas dos educandos, seu objetivo é não apenas dar visibilidade às memórias e experiências desses indivíduos, mas também servir como um recurso pedagógico para os professores, contribuindo para a compreensão do universo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e enriquecendo as práticas educativas nesse contexto.

Quando tive a oportunidade de atuar como docente EJA encontrei um cenário diverso. Cada educando com a sua bagagem de saberes, sendo eles idosos, adultos, adolescentes, migrantes, pessoas com deficiência, e até ex-alunos que haviam abandonado os estudos.

É fundamental entender quem é esse educando que retorna para a EJA, qual a sua história de vida e de que outros direitos básicos ele foi privado. Para, a partir daí, traçar uma educação que atenda às suas necessidades.

Quais transformações poderiam ocorrer na vida e comportamento daqueles educandos que retornam para a escola, na esperança de se desenvolver intelectualmente, voltar ao mercado de trabalho, obter



uma promoção ou emprego melhor, reintegrar-se socialmente, socializar ou, por vezes, ter a garantia de uma refeição diária? Qual a contribuição que as aulas de Educação Física podem oferecer a esse público?

A EJA constitui um espaço educacional rico em diversidade, reunindo pessoas com histórias de vida únicas, marcadas por trajetórias desafiadoras que refletem as desigualdades sociais, econômicas e políticas do Brasil. Nesse contexto, a Educação Física surge como um componente curricular com potencial significativo para dialogar com as experiências dos educandos, promover a integração social e cidadania.

Ao abordar a complexidade e as potencialidades dessa modalidade de ensino, esse ebook visa contribuir para a reflexão sobre o papel da Educação Física na EJA como espaço de construção da cidadania e enfrentamento das desigualdades, reafirmando a educação como um direito humano fundamental e um instrumento de transformação social.

# Capítulo 1



## Breve Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se às pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na idade prevista pela legislação. Trata-se de um curso oferecido a partir dos 15 anos de idade para o Ensino Fundamental e dos 18 anos para o Ensino Médio

Segundo Almeida et al. (2017):

"Falar dos sujeitos da EJA implica dizer que os mesmos não são apenas marcados pela interdição ao direito à educação (considerada por muitos em uma forma reduzida de 'escolarização em uma idade própria'), mas também a interdição de toda uma série de direitos sociais, como saúde, moradia, lazer, transporte, entre outros. Desta feita, a luta pelo direito à educação só tem sentido se está incorporada à luta por outros direitos sociais. Isso implica uma perspectiva de educação que, entre outras coisas, repense a si própria e perceba os estudantes da Educação de Jovens e Adultos como sujeitos coletivos de direitos" (p. 17).



## **Funções da Educação de Jovens e Adultos**

De acordo com o Parecer 11/2000 da CEB/CNE, a EJA cumpre três funções principais: reparadora, equalizadora e qualificadora. A função reparadora refere-se à exclusão histórica de jovens e adultos da educação formal. A função equalizadora busca ampliar o acesso educacional para a diversidade social brasileira, enquanto a função qualificadora enfatiza o caráter permanente da educação.

## **As Campanhas de Alfabetização e o Contexto Histórico**

A partir das campanhas de alfabetização das décadas de 1940 e 1950, a EJA passou a ser vista como uma ferramenta importante para superar o analfabetismo adulto. A escola noturna surgiu com o objetivo de "civilizar" as camadas populares, focando mais nos resultados econômicos do que nas necessidades dos sujeitos.

Nos anos 1960, o golpe militar interrompeu trabalhos de alfabetização devido ao caráter conscientizador desses programas. O MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização – criado em 1967, voltou-se para uma "alfabetização funcional", buscando integrar o indivíduo à sociedade e ao mercado de trabalho. Com a extinção do MOBRAL em 1985, surgiu a Fundação Educar, que apoiava iniciativas de governos e entidades civis.



## Marcos Legais da EJA

A Constituição Federal de 1988 instituiu o ensino fundamental obrigatório e gratuito para jovens e adultos, marcando avanços importantes na legislação educacional. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 dedicou uma seção específica à EJA, reafirmando-a como um direito e estabelecendo diretrizes para atender às necessidades dessa população.

## Avanços e Retrocessos no Século XXI

No contexto atual, a EJA enfrenta desafios como a evasão escolar, reflexo de desigualdades sociais e de um sistema educacional excludente. Segundo o IBGE (2019), mais da metade dos brasileiros com 25 anos ou mais não concluiu o ensino médio. Apesar dos esforços legais e das iniciativas pedagógicas, muitos alunos da EJA abandonam os estudos devido à dificuldade de conciliar trabalho, família e educação.

Arroyo et al. (2005) apontam que a EJA é frequentemente marcada por improvisações e voluntarismos, muitas vezes dependendo de ONGs, igrejas e movimentos sociais. Esses fatores, somados à ausência de financiamento público adequado, limitam seu alcance e impacto.



## Contribuição Social da EJA

Mais do que um instrumento de alfabetização, a EJA promove cidadania e inclusão social. Campos (2013) destaca a influência da abordagem freiriana, que enfatiza a formação de uma consciência crítica e a leitura do mundo como elementos fundamentais do processo educacional.

Apesar dos avanços, o cenário da EJA ainda é desafiador. Segundo Nepomuceno (2018), a EJA deve acolher a diversidade e peculiaridades dos alunos, promovendo um aprendizado significativo que os prepare para transformar a realidade em que estão inseridos.

A EJA continua sendo uma modalidade essencial para reduzir desigualdades e promover oportunidades. Embora tenha alcançado importantes avanços legislativos, ainda enfrenta obstáculos que exigem soluções criativas e inclusivas para garantir o direito à educação a todos os brasileiros.

## Capítulo 2



# Histórico e Concepção da Educação de Jovens e Adultos no Município de Guarulhos

A rede municipal de Guarulhos desenvolveu uma proposta curricular coletiva em 2009, envolvendo docentes, técnicos, especialistas e a comunidade escolar. Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, a proposta foi revisitada por grupos de trabalho (GTs) para garantir alinhamento com a BNCC. Apesar disso, a essência da proposta foi preservada, mantendo seu foco em diálogo, gestão democrática e uma abordagem educacional sob a perspectiva histórico-cultural.

Ao considerar a educação sob uma perspectiva histórico-cultural, entende-se que o aprendizado ocorre na interação social e com o meio ambiente, promovendo a socialização e a produção cultural. Essa reflexão reforça a necessidade de repensar e aprimorar práticas que consolidem uma sociedade mais justa, democrática e fraterna (Guarulhos, 2019).



## A Construção da Proposta Curricular

O documento curricular de Guarulhos enfatiza que uma proposta curricular não equivale a um currículo escolar. Baseando-se em Silva (2009), o currículo é compreendido como uma construção social, um espaço dinâmico onde práticas pedagógicas e sociais ocorrem em diferentes contextos, tendo como foco o desenvolvimento integral do indivíduo em uma abordagem participativa, processual e dialética (Guarulhos, 2019). Essa visão busca priorizar a cidadania, os direitos humanos e a participação coletiva na construção de uma sociedade melhor.

Para envolver os educandos na construção do conhecimento, é essencial atentar-se à forma como o conteúdo é apresentado:

"[...] se há banalização, simplificação, “assepsia”, o educando não tem elementos para estabelecer relações mais profundas. O procedimento inteligente é aquele que pergunta. Perguntar é buscar estabelecer relações. O educando pergunta. Se não tem pergunta, o educador pergunta para desafiá-lo a pensar, ao contrário de receber passivamente os conteúdos. Para isto, o trabalho com projetos, temas geradores, estudo do meio, experimentação e problematização são alternativas significativas" (Guarulhos, 2008, p. 11).



A educação deve respeitar os diferentes tempos de vida dos educandos, promovendo socialização, descoberta e ação. Olhar para os educandos como indivíduos com manifestações culturais diversas e identidades em construção é essencial para atender suas necessidades e interesses.

Sob a perspectiva dos "Tempos da Vida" (Arroyo, 2013), a educação em Guarulhos reconhece as especificidades das diferentes fases da vida e valoriza a criatividade, cidadania, afetividade e expressão de interesses e esperanças. Assim, todos os educandos são acolhidos e respeitados em todas as etapas e modalidades de ensino (Arroyo, 2019).

A educação de jovens e adultos busca promover a formação integral dos indivíduos, reconhecendo suas histórias, saberes, experiências e realidades sociopolíticas. O objetivo é formar cidadãos críticos, responsáveis e solidários, considerando-os sujeitos de direitos e capazes de construir conhecimentos que transformem suas vidas e seu meio (Guarulhos, 2009, p. 91).

A prática pedagógica deve ser acolhedora, garantindo acesso, permanência e qualidade no aprendizado. As práticas educativas valorizam as histórias de vida dos educandos, promovendo sua participação ativa no planejamento, execução e avaliação das atividades educativas, respeitando os conhecimentos construídos por jovens e adultos.



Os saberes são organizados em eixos, que abrangem aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais (Vasconcellos, 2008; Guarulhos, 2009). Esses eixos integram os saberes necessários à materialização da proposta curricular, favorecendo uma organização interdisciplinar conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Brasil, 2013).

## **Os Eixos de Conhecimento**

Os eixos são estruturados para garantir a integralidade dos saberes. São eles:

- O Educando, sua Corporeidade e Relações Sociais
- O Educando e o Mundo do Trabalho
- O Educando e as Tecnologias
- O Educando e a Língua e Cultura Portuguesa
- O Educando e a Libras/Língua Portuguesa
- O Educando e as Linguagens e Expressões Matemática
- O Educando e a Arte
- O Educando e a Educação Física
- O Educando e a Língua e Cultura Inglesa
- O Educando e as Ciências da Natureza
- O Educando e os Saberes Relativos à Natureza e Sociedade



A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, na rede municipal de Guarulhos, considera o corpo e o movimento como manifestações histórico-culturais construídas ao longo da vida. Logo, as relações corpóreas são linguagens passíveis de leitura e interpretação e estão situadas dentro de um contexto sociocultural. (Guarulhos, 2019)

Alguns dos educandos chegam com uma vasta vivência de manifestações corporais, enquanto outros vão ter o primeiro contato com a Educação Física no contexto formal. Com isso, as aulas na EJA buscam oportunizar novas experiências e ao mesmo tempo valorizar os conhecimentos prévios.

As aulas de Educação Física na EJA na Prefeitura de Guarulhos iniciaram-se em 2014, oferecidas dentro do horário regular, o que facilita a adesão e participação dos educandos. Em 2021, por meio da Portaria 97, as aulas foram organizadas com uma aula para o ciclo um (1º ao 5º ano) e duas aulas para o ciclo dois (6º ao 9º ano). O quadro de saberes “O educando e a Educação Física”, é composto por esportes, ginástica, brincadeiras e jogos, lutas, danças e conhecimento sobre o corpo.



A teoria histórico-crítica, concepção que considera o ser humano fruto das relações sociais e tem como princípio a valorização das dimensões ética, estética, étnico-racial e política, representa a priori uma concepção mais adequada ao público da EJA, uma vez que tenta superar práticas educacionais inspiradas em conceitos conservadores e hegemônicos, estabelecendo conceitos pedagógico-didáticos que consideram as singularidades e subjetividades dos educandos, contrapondo-se à qualquer forma de preconceito, estigmatização ou segregação, compreendendo assim as manifestações corporais como ações individuais e interativas. (Guarulhos, 2019)

O currículo da Rede Municipal de Educação de Guarulhos reforça o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora, alinhada aos princípios da educação integral e voltada para a construção de uma sociedade mais equitativa e solidária.



## Capítulo 3

# Memória da Trajetória Escolar

A trajetória escolar na EJA é marcada por histórias de superação, resiliência e busca por realização pessoal e profissional. Como afirma Freire (1996), "não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes." Essa perspectiva valoriza as experiências de vida dos educandos da EJA, que muitas vezes retornam à escola com bagagens repletas de vivências, desafios e aprendizados adquiridos fora do ambiente escolar.

A memória desempenha um papel central na construção dessa narrativa, pois é por meio dela que os educandos resgatam suas histórias, conectam-se com seus sonhos e compreendem o impacto de suas escolhas ao longo do tempo. Segundo Halbwachs (1990), "a memória individual está sempre ancorada em um contexto social," o que evidencia como a troca de experiências na sala de aula fortalece o sentimento de pertencimento e identidade.

Arroyo (2017, p. 193) considera que: "a história privilegiada nos currículos traz a memória dos grandes vultos da história, não as memórias do povo 'comum' que chega às escolas públicas e à EJA." Essa exclusão reflete uma perspectiva que marginaliza as vivências daqueles que compõem a maioria dos educandos da EJA. Ao deixar de lado essas histórias, os currículos contribuem para a invisibilização de identidades, culturas e lutas populares, dificultando a construção de uma educação mais inclusiva e representativa da diversidade social.



## Histórias de Interrupção Escolar

Ao responderem sobre como foi sua vida escolar desde a infância, a maioria dos participantes relatou suas experiências e os motivos para a interrupção dos estudos. Os relatos evidenciam as diversas dificuldades enfrentadas em suas trajetórias escolares, marcadas por desafios sociais e econômicos.

Muitos relataram que fatores como trabalho precoce, distância da escola, responsabilidades familiares e mudanças frequentes impactaram diretamente na sua permanência na escola. A infância e a juventude foram marcadas por limitações como a necessidade de trabalhar para ajudar a família, a interrupção dos estudos devido ao casamento e à gravidez precoce, e barreiras logísticas e financeiras.

Depoimentos dos participantes:

"Meus pais priorizavam os filhos mais velhos para estudar, e os mais novos tinham que esperar. Comecei a estudar aos 13 anos, mas desisti aos 17 por causa de muito trabalho." (Maria Luciene, 2024)

"Comecei tudo de novo aqui em São Paulo, mas parei de estudar por motivo de casamento e trabalho." (José, 2024)



"Engravidei aos 15 anos e saí da escola, mas depois voltei para concluir os estudos." (Rosangela, 2024)

"Minha vida escolar foi turbulenta, porque mudávamos de bairro muitas vezes e eu tinha que começar tudo do zero." (Vivian, 2024)

"Estudava na roça quando dava, mas era muito difícil porque a escola era longe." (Maria Luzia, 2024)

Segundo Saviani (2008), "a exclusão escolar é produto de um sistema educativo que, ao invés de corrigir desigualdades sociais, frequentemente as reforça." Essa reflexão se manifesta nas histórias dos participantes que, devido a circunstâncias adversas, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas.

## **Motivações para Retorno aos Estudos**

Apesar das adversidades, muitos participantes demonstraram resiliência e desejo de superação. O desejo de voltar aos estudos reflete necessidades emocionais, profissionais e intelectuais.

Alguns participantes destacaram a saudade de estar na sala de aula e a busca por "recuperar o conhecimento esquecido." Outros mencionaram a necessidade de preencher um vazio emocional, utilizando os estudos como forma de "sair de casa para evitar depressão" e, assim, "ter mais ânimo e alegria."



Há uma forte conexão entre o retorno aos estudos e o desejo de crescimento profissional. Muitos expressaram a ambição de conquistar "um trabalho melhor" ou planejar a abertura do próprio negócio. A busca por "melhorar a gestão da empresa e as relações interpessoais" também aparece como fator importante.

Os participantes reconhecem a importância do estudo para a vida e para a ampliação da visão de mundo. O desejo de "concluir os estudos" e "adquirir mais conhecimento" se apresenta como prioridade, junto à intenção de "melhorar a escrita e aprender mais."

Arroyo (2011) destaca que "as histórias de vida escolar refletem a luta de classes, os conflitos culturais e os sonhos adiados, mas também as resistências e os desejos de superação."

## Fatores Determinantes para Abandono Escolar

Dados extraídos da pesquisa destacam os principais fatores que levaram o grupo de participantes ao abandono escolar:

- **Trabalho:** A necessidade de contribuir para a renda familiar ou realizar trabalhos no campo se sobrepõe à educação.
- **Problemas Familiares:** Educandos de lares instáveis enfrentam maiores dificuldades em se manter no ambiente escolar.



- **Dificuldade de Acesso:** Barreiras físicas e logísticas dificultam a frequência à escola.
- **Gravidez:** A falta de suporte social e preconceitos relacionados à maternidade tornam o retorno à escola difícil.
- **Condições Financeiras:** A falta de recursos para transporte, alimentação e materiais escolares afeta a permanência na escola.

As histórias compartilhadas pelos educandos da EJA revelam uma busca por transformação e superação. Apesar dos desafios, a educação continua sendo vista como um caminho para novos horizontes, permitindo a reconstrução de sonhos e a ampliação de oportunidades.

## Capítulo 4



# Transformações e Desafios da Escolaridade

Os desafios enfrentados pela falta de escolaridade impactam profundamente a vida dos indivíduos, especialmente na área profissional. Muitos participantes relataram que a ausência de educação formal, como o ensino médio completo, limitou significativamente suas oportunidades de emprego. Diversas empresas exigem, no mínimo, essa qualificação, criando barreiras de acesso ao mercado de trabalho.

“Enfrentei bastante. Enfrentei muitas dificuldades, principalmente para o emprego. Foi aí que mais tive problemas.” (Auristela, 2024)

“Todas as dificuldades que vocês possam imaginar devido à falta de estudo. Não ter concluído o terceiro ano trouxe muitos problemas. Eu preenchia fichas, tinha os requisitos, mas não tinha o estudo. Isso foi o pior: ter capacidade, mas não ter o certificado.” (Vivian, 2024)

Mesmo com habilidades e experiências, a ausência do certificado escolar foi um obstáculo para conquistar vagas. Conforme Arroyo (2017, p.38), a Educação de Jovens e Adultos é o espaço onde tensões históricas de identidades oprimidas e segregadas são condensadas, mas também transformadas.



“Eu conseguia fazer entrevistas, preencher fichas, mas quando pediam o certificado, eu não tinha. Comecei a trabalhar como cuidadora de idosos, pois nesse campo não pediam tanto o certificado.” (Rosangela, 2024)

A discriminação enfrentada por falta de escolaridade também foi destacada:

“Sim, existe preconceito. As pessoas não conhecem nossa história, mas o preconceito está lá.” (Cláudia, 2024)

“Muitas dificuldades para trabalhar. Muitos lugares não contratam quem não terminou os estudos.” (Crislaine, 2024)

Arroyo (2001) argumenta que as visões conflitivas sobre a condição social desses cidadãos influenciam as concepções educacionais oferecidas. A educação é moldada por uma visão elitista que perpetua a marginalização.

A falta de escolaridade também afeta a autoestima e a iniciativa de muitos:



“Sem o ensino médio completo, nem tem ânimo para fazer um currículo. Quando comecei a estudar, me senti mais capaz.” (Maria Luciene, 2024)

“Não saber se comunicar foi uma dificuldade. Hoje isso melhorou bastante.” (Severina, 2024)

A busca pela educação, além de abrir portas profissionais, ajudou muitos a superarem desafios pessoais e sociais.

## A Transformadora Experiência da EJA

Retomar os estudos foi descrito como um marco transformador. Os participantes destacaram mudanças em aprendizado, confiança, comunicação e relações interpessoais:

**Aprendizado e conhecimento adquirido:** “Em um ano, aprendi muito, coisas que antes não sabia.” (Auristela, 2024)

**Confiança e comunicação:** “Hoje converso com qualquer um, dou risada e sou bem aceita.” (Maria Luzia, 2024)

**Saúde mental e motivação:** “Hoje tenho mais ânimo e alegria. Estudar ajudou no combate à depressão.” (Francisca Fabiana, 2024)



**Mudança de mentalidade e perspectiva:** “Abriu minha mente, meu entendimento, meu conhecimento.” (Maria Luciene, 2024)

**Valorizando a educação:** “Os professores são resgatadores de almas. Eu me sinto revivendo, renascendo.” (Vivian, 2024)

Os relatos destacam que a EJA vai além do conteúdo formal, sendo um espaço de reconstrução pessoal e social.

Conciliar estudos com trabalho e responsabilidades pessoais é desafiador. Os participantes relataram jornadas intensas e cansativas:

“Levanto às 4 da manhã, trabalho o dia todo e vou para a escola à noite.” (José, 2024)

Apesar das dificuldades, muitos encontram forças para continuar:

“Penso em desistir, mas olho para trás e digo: não, eu vou continuar.” (Jacelina, 2024)

Arroyo (2017) reforça que reconhecer os estudantes como trabalhadores exige adaptações nas propostas educacionais, considerando as condições precárias em que vivem e trabalham.



A EJA é um instrumento de democratização da educação, promovendo transformações individuais e sociais significativas. Para muitos, retornar aos estudos foi a oportunidade de superar barreiras históricas, culturais e sociais, resgatando sonhos e traçando novos objetivos. A educação não só atende às necessidades profissionais, mas também promove autonomia, confiança e valorização pessoal, reafirmando o papel transformador da EJA na vida dos indivíduos e da sociedade.



## Capítulo 5

### Educação Física na Minha Vida

Metade dos participantes do estudo relataram que não tiveram aulas de Educação Física antes de ingressar na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Esse dado evidencia a importância de considerar que muitos educandos terão seu primeiro contato com a Educação Física nessa fase, enquanto outros podem carregar lembranças negativas de experiências excludentes. Não há dúvidas, no entanto, sobre a relevância desse componente curricular na EJA, sendo plenamente viável sua inserção no período regular de aulas, como exemplifica o caso do município de Guarulhos.

Os relatos apontam para uma forte memória associada à prática de esportes, como futebol, basquete, handebol e vôlei. Além disso, jogos e brincadeiras tradicionais, como queimada, pega-pega, esconde-esconde, corda e amarelinha, também são lembrados. A dança foi mencionada apenas por uma participante, e os exercícios de condicionamento físico, como trotes, flexões e polichinelos, também tiveram destaque.

Edna, uma das participantes, trouxe à tona a lembrança do uso de uniforme específico para as aulas de Educação Física, uma prática característica de sua época:



“Aí a gente ia pra quadra, que nem faz aqui, jogava vôlei, jogava basquete, corria, jogava bola. As atividades que fazia. Acho que era uma vez na semana também, uma vez ou duas vezes na semana. Só que a gente tinha até um uniformezinho que era blusinha e um shortinho vermelho, que era nosso, o uniforme, o tênisinho que a gente usava. Era muito gostoso também.” (Edna, 2024)

Já Silvia, que frequentou a escola em La Paz, na Bolívia, descreveu experiências autoritárias e desumanas com seu professor, contrárias aos princípios de uma Educação Libertadora:

“O professor, às vezes, quando a gente não prestava atenção, ele dava uma chicotadinha [...] A gente tinha medo do professor. Porque a gente era criança, né? Aí, o professor alto, nossa, e fazia isso. A gente não fazia direito e ele ficava ameaçando a gente.” (Silvia)

De acordo com Freire (1987):

“O educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando, que ao ser educado também educa. Dessa forma, ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.” (p. 67)



Entre os participantes, oito relataram dificuldades para praticar atividades físicas devido a problemas de saúde, falta de tempo ou desinteresse, embora reconheçam a importância de adotar esse hábito. Quatro realizam atividades de forma esporádica, geralmente aos finais de semana. Outros oito educandos praticam regularmente, utilizando espaços comunitários como os CEUs (Centros de Educação Unificados), que oferecem aulas gratuitas e diversas opções de atividades.

Goldschmidt et al. afirmam:

“A disciplina, muito mais do que se preocupar em deixar o sujeito mais ativo fisicamente, ou mais ‘saúdável’, precisa se preocupar em formar um cidadão crítico questionador, que saiba se posicionar politicamente, para reivindicar, por exemplo, melhores condições de acesso à saúde pública e/ou opções de lazer de forma gratuita.”  
(p. 125)

Para Betti (2002), a Educação Física deve ser uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se. Esse processo requer sensibilidade e diálogo constante do professor com os educandos, desde o planejamento até a avaliação. A Educação Física na EJA deve ser inclusiva, crítica e reflexiva, promovendo o bem-estar, a socialização e o pensamento crítico dos educandos, alinhando-se à sua realidade e experiências.



Maldonado (2023) reforça:

Da forma que tenho pensado, a Educação Física Escolar passa a ter como função social ampliar a leitura de mundo das crianças, jovens, adultos e idosos que frequentam a Educação Básica sobre os conhecimentos de resistência produzidos sobre as práticas corporais. Os professores e as professoras da área podem construir projetos educativos com essa intencionalidade utilizando diferentes linguagens que versam sobre as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes, os jogos e as brincadeiras. Portanto, não existem hierarquias entre as manifestações da cultura corporal. Por fim, nessa perspectiva, cada aula é uma chance de tomarmos consciência da nossa realidade, possibilitando que toda a comunidade escolar amplie a criticidade sobre a sua existência no mundo, transformando a estrutura societária (MALDONADO; PRODÓCIMO, 2022).

Assim, a Educação Física na EJA se torna um espaço para reflexão crítica, onde saberes significativos são construídos coletivamente. Mais do que um componente curricular, é uma ponte para ampliar visões de mundo e promover a equidade, inclusão e justiça social.



## Capítulo 6

### Educação Liberta

A educação tem o poder de transformar vidas, e isso é evidente nos relatos dos participantes da EPG Celso Furtado. Esses educandos demonstram um profundo interesse em continuar seus estudos após a conclusão do Ensino Fundamental, almejando diversos objetivos de vida. Enquanto alguns desejam completar o ensino médio, outros planejam iniciar cursos técnicos ou de curta duração. Alguns já vislumbram carreiras universitárias em áreas como Pedagogia, Administração, Engenharia Civil, Medicina Veterinária, Agronomia e Biomedicina. Há também aqueles que sonham em abrir o próprio negócio, como a participante Vivian, que lidera uma ocupação e deseja candidatar-se a conselheira tutelar.

Independentemente dos objetivos, o aprendizado e a educação continuam sendo pilares centrais em seus planos futuros. Esses participantes compartilham como a decisão de retornar às salas de aula foi essencial para redirecionar suas vidas. Quando instigados a deixar um conselho para aqueles que ainda estão fora da EJA, suas respostas revelam experiências ricas e inspiradoras:



“Ah, o conselho que eu dou é que voltasse, porque eu acho que a mesma coisa que a pessoa pensa, eu pensei. [...] Mas quando a gente volta, a gente vê a diferença. [...] Então eu acho que as pessoas que estão com vontade de voltar a estudar e estão com medo [...] tem que enfrentar o medo. [...] Hoje eu adoro, eu me divirto pra caramba, além de aprender muita coisa.”  
(José, 2024)

“[...] melhor a gente ir pra escola. [...] Porque um dia você vai precisar dos estudos. Eu não ligo o que elas falam, eu venho pra escola.”  
(Auristela, 2024)

“[...] não pensar nos obstáculos. [...] Aqui não, você faz amizade, tem os professores que são maravilhosos, então é muito bom voltar mesmo.”  
(Crislaine, 2024)

“[...] nunca é tarde, independente da sua idade. [...] Isso é bom para a mente e para o físico. [...] É uma coisa que preenche muito a vida.”  
(Francisca Fabiana, 2024)



Os relatos são repletos de emoção e evidenciam a importância do retorno aos estudos. Muitos desses educandos fazem questão de incentivar amigos e familiares, disseminando a mensagem de que “nunca é tarde”. Suas experiências também mostram como os espaços da EJA são ambientes de acolhimento, onde se compartilham conquistas e sonhos.

Um ambiente acolhedor e democrático é essencial para uma educação libertadora, conforme proposto por Paulo Freire. Esse modelo de educação não se limita à transmissão passiva de conhecimentos, mas propõe a investigação, a tematização e a problematização do mundo. Para Freire, a prática da liberdade requer que o educando se reconheça como sujeito de sua própria história.

“A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.” (FIORI, 1987, p. 5)

A Educação Física, como componente curricular, tem um papel significativo nesse processo. Com seus conteúdos variados e enraizados na sociedade, ela é capaz de dialogar com o passado e o presente, promovendo reflexão e ressignificação.



O educador tem a missão de incluir as práticas corporais dos grupos, seus costumes e origens, ampliando a compreensão de mundo por meio do conhecimento e da problematização.

Conforme Prodócimo (2023):

“[...] é possível vivenciar e experimentar diferentes práticas, não de forma bancária, mas com o vagar proposto de sentir e perceber os gestos, de criar.”  
(p. 46)

A EJA desempenha um papel fundamental na transformação de vidas, oferecendo não apenas conhecimento formal, mas também acolhimento e esperança. A perseverança dos educandos e a dedicação dos educadores mostram que a educação pode ser um caminho de ressignificação e fortalecimento. A integração entre a Educação Libertadora de Paulo Freire e as práticas corporais na Educação Física amplia a reflexão crítica e torna a educação uma ferramenta de emancipação. Assim, os educandos se reconhecem como sujeitos ativos de suas histórias e do contexto social em que estão inseridos, reafirmando que, na educação, nunca é tarde para recomeçar.



## Capítulo 7

### Minha Vida, minha história

Este capítulo é dedicado a vocês, educandos, com histórias de vida que são verdadeiras lições de coragem, determinação e superação. Cada um de vocês carrega consigo uma jornada única, marcada por desafios, sonhos interrompidos, mas também pela força de recomeçar e acreditar no poder transformador da educação.

Auristela, Claudia, Crislaine, Edna, José, Fabiana, Francisco, Jacelina, Joales, Josiane, Leide, Maria Luciene, Maria Cosme, Maria Eliane, Maria Luzia, Rosangela, Roseli, Severina, Silvia e Vivian: suas histórias nos mostram que nunca é tarde para aprender, que os sonhos podem ser renovados e que a educação é uma ponte para novas possibilidades.

Vocês são a inspiração que nos move a acreditar no potencial humano e na capacidade de transformação que existe em cada um de nós. Este trabalho tem como objetivo amplificar suas vozes, compartilhar suas experiências e, acima de tudo, reconhecer o valor de cada passo dado em direção ao aprendizado.

Sigam firmes, pois suas trajetórias já são, por si só, um exemplo de que para a educação não tem idade, limite ou barreira. Este e-book é para vocês, com profundo respeito, admiração e gratidão.



Auristela nasceu em uma cidade pequena no interior de Pernambuco, em uma área rural. Durante sua infância, as condições para estudar eram limitadas, pois a escola mais próxima oferecia apenas até a quinta série. Assim, ela concluiu seus estudos iniciais até essa etapa antes de abandonar os estudos para trabalhar.

Ela começou a trabalhar ainda jovem, cuidando de crianças, e posteriormente mudou-se para São Paulo aos 26 anos. Lá, casou-se e dedicou-se à criação de suas duas filhas, deixando de lado a possibilidade de estudar novamente.

Com o tempo, suas filhas cresceram e concluíram os estudos, o que a motivou a retomar os seus. Auristela percebeu a importância da educação, não apenas para encontrar melhores oportunidades de trabalho, mas também para o desenvolvimento pessoal. Apesar de enfrentar dificuldades no mercado de trabalho devido à falta de estudos, sua determinação a levou a voltar à sala de aula.

Auristela percebeu grandes diferenças na educação atualmente, destacando a maior acessibilidade de materiais e a evolução do ensino em comparação à sua infância. Apesar de conciliar os estudos com as responsabilidades de dona de casa e avó, ela se sente satisfeita com os progressos que tem feito e já percebe mudanças em sua vida.



Além das aulas, mantém uma rotina de atividades físicas, como caminhadas e ginástica, que ela realiza em casa. Pretende continuar seus estudos no Ensino Médio e, eventualmente, ingressar em um curso técnico ou profissionalizante.

Auristela incentiva outras pessoas, especialmente as mais velhas, a retomarem os estudos. Ela acredita que nunca é tarde para aprender e que a educação é fundamental em qualquer momento da vida.

"Minha vida escolar desde a infância é que eu não tive muita oportunidade de estudar na infância, porque a minha mãe e pai moravam em roça, no sítio, e era difícil ir pra escola."

"Depois que minhas filhas terminaram os estudos, eu falei assim, agora eu vou estudar."

"Eu já tô sentindo muita diferença. Tô aprendendo, graças a Deus, aprendi bastante."

"É melhor a gente ir pra escola, que não terminou os estudos, porque um dia você vai precisar dos estudos."

Auristela, 2024



Claudia começou sua trajetória escolar aos nove anos, devido a um acompanhamento médico que a impediu de ingressar na escola mais cedo. Apesar de já estar alfabetizada, precisou iniciar no primeiro ano. A constante mudança de escola e a repetição de algumas séries contribuíram para que ela desistisse dos estudos aos 14 anos, durante o sexto ano, devido a dificuldades de adaptação e problemas familiares.

Em 2004, Claudia tentou retornar aos estudos, mas precisou interromper novamente. Após 18 anos afastada, decidiu voltar à escola em 2023. Para ela, essa retomada é uma grande vitória e representa não apenas uma oportunidade de melhorar sua qualificação para o mercado de trabalho, mas também de ampliar sua visão de mundo e suas perspectivas.

Claudia enfrentou preconceitos e dificuldades no mercado de trabalho devido à falta de escolaridade. Com o retorno à escola, sente-se mais confiante e percebe mudanças em seu aprendizado e na maneira como encara a vida. Apesar da rotina corrida como dona de casa e mãe, consegue conciliar as obrigações diárias com os estudos e até ajuda seu filho nas lições.

Sobre as aulas de Educação Física, Claudia lembra que, na infância, praticava esportes como basquete e vôlei, embora não gostasse. Hoje, ela vê a disciplina de forma mais ampla e interessante, entendendo que vai



além dos esportes praticados em quadra. Na infância, suas brincadeiras favoritas incluíam pega-pega, esconde-esconde, pular corda e amarelinha, mas ela nunca praticou esportes ou atividades físicas como compromisso.

Claudia pretende concluir o Ensino Médio e considera iniciar os estudos em biomedicina, que ela acha interessante. Seu conselho para quem ainda não voltou a estudar é que retome o quanto antes, destacando a importância das trocas e do impacto positivo que a educação tem na vida.

"Fiquei 18 anos fora da escola. Aqui resolvi voltar em 2023. Pra mim, é vitória."

"Depois que a gente tá na escola, a gente vê que é mais que isso, é importante o estudo e a gente vai olhando o mundo de outra maneira."

"As pessoas, às vezes, não sabem a história da gente, mas existe um preconceito."

"Voltar o mais rápido possível. É muito importante. Vai abrir a mente diferente. É muito bom essa troca."

Claudia, 2024



Crislaine estudou até a terceira série, mas teve que abandonar os estudos por imposição de seu padrasto, que não permitia que ela e seus irmãos frequentassem a escola. Ele os obrigava a dizer à mãe que não queriam estudar. Aos 14 anos, Crislaine foi morar com seu pai, mas priorizou o trabalho e não retomou os estudos. Após se casar, decidiu voltar a estudar, motivada pelo desejo de adquirir conhecimento e ter uma profissão.

Quando retornou à escola pelo EJA, entrou novamente na terceira série e surpreendeu os professores com seu nível de alfabetização. Entre os cinco irmãos, apenas a irmã mais nova também voltou a estudar.

Crislaine percebeu muitas dificuldades devido à interrupção de seus estudos, especialmente no mercado de trabalho, onde enfrentou barreiras pela falta de escolaridade. Desde que voltou à escola, notou grandes mudanças em sua vida, como a melhora no convívio social, a superação da timidez e um aprendizado constante, que a faz olhar para o futuro com esperança. Sua adaptação ao EJA foi tranquila, e ela elogia os professores pela paciência e acolhimento.

Na infância, Crislaine gostava muito das aulas de Educação Física, que incluíam brincadeiras como queimada, vôlei e dança. Hoje, embora não pratique



atividade física regularmente, participa das aulas de Educação Física na escola e planeja incorporar exercícios à sua rotina.

Crislaine pretende concluir o Ensino Médio e iniciar a licenciatura em Pedagogia, pois deseja ser professora e trabalhar com crianças, algo que sempre fez desde os 11 anos. Ela acredita que a educação é transformadora e aconselha quem está pensando em voltar a estudar a superar os obstáculos, pois o aprendizado, as amizades e o apoio dos professores fazem valer a pena.

"Meu padrasto obrigava a gente a falar que não queria ir pra escola."

"Eu acho bonito a pessoa aprender, ser inteligente."

"Desde que voltei, percebi muitas mudanças, como saber respeitar o próximo e superar a timidez."

"Quero ser professora, porque gosto muito de mexer com criança."

"Voltar para a escola vale a pena. É sempre bom aprender, fazer amizades e ter o apoio dos professores."

Crislaine, 2024



Edna iniciou sua vida escolar aos oito anos e estudou até a quinta série, quando precisou abandonar os estudos para trabalhar. Desde cedo, trabalhou como empregada doméstica e ajudou a cuidar de sua tia. A interrupção foi motivada pela necessidade de contribuir com o sustento familiar.

Depois de muitos anos, Edna decidiu retornar à escola por sentir que era o momento, ela percebeu que a falta de escolaridade lhe trouxe dificuldades, como a perda de oportunidades de trabalho. Desde que voltou a estudar, Edna notou mudanças significativas, superando a timidez e ganhando mais confiança para se expressar e participar de atividades.

Hoje, Edna trabalha como cozinheira em um restaurante, conciliando essa rotina com os estudos e outras responsabilidades. Ela destaca que a adaptação ao EJA foi tranquila, apesar de ainda enfrentar desafios em disciplinas como língua portuguesa e matemática.

Na infância, Edna gostava das aulas de Educação Física, que incluíam vôlei, basquete e brincadeiras como pega-pega e esconde-esconde. Atualmente, ela mantém o hábito de fazer caminhadas diárias e demonstra interesse por atividades como basquete e até karatê, algo que sempre quis praticar, mas nunca teve oportunidade.



Edna pretende concluir o Ensino Médio e realizar seu sonho de infância de se tornar veterinária. Ela acredita na importância de perseguir os próprios sonhos e aconselha quem abandonou os estudos a voltar, pois nunca é tarde para aprender e buscar realizações.

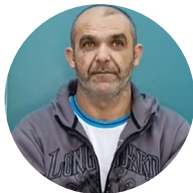
"Achei que estava na hora de voltar, para melhorar."

"Desde que voltei, superei a timidez e consigo falar melhor, participar das atividades."

"O que eu sempre quis, desde criança, é ser veterinária."

"O sonho nunca deve ser deixado para trás."

Edna, 2024



José nasceu na Paraíba em 1975 e estudou até a terceira série antes de se mudar para São Paulo em 1983, aos oito anos. Ao chegar, teve que recomeçar seus estudos e alcançou a sexta série, mas abandonou a escola devido ao casamento e às exigências de trabalho. Trabalhando como metalúrgico em longas jornadas, optou por priorizar o emprego, algo que hoje lamenta.

O incentivo para retornar à escola veio de seu segundo casamento. Sua esposa o motivou a voltar a estudar, e ele decidiu tentar, mesmo duvidando de sua capacidade de permanecer em sala de aula. Agora, com quase um ano de EJA, José sente-se motivado e bem acolhido pelos colegas e professores.

Apesar de não ter enfrentado dificuldades para encontrar emprego sem formação completa, José reconhece que as exigências atuais, como operar máquinas automáticas e computadores, tornaram o estudo necessário. Ele percebe mudanças positivas em sua vida desde o retorno, especialmente no bem-estar e na satisfação de estar em sala de aula.

Na infância, José gostava das aulas de Educação Física, que incluíam esportes como futebol e basquete, além de brincadeiras típicas como peteca. Atualmente, ele mantém uma rotina de trabalho e estudo, mas



ocasionalmente faz caminhadas nos fins de semana. Para as aulas de Educação Física da EJA, sugere atividades simples e recreativas, como brincadeiras que ajudem a descontração e o movimento.

José pretende concluir o Ensino Médio, considerando isso o suficiente. Embora não tenha planos imediatos para cursar faculdade, ele destaca que terminar os estudos é uma realização importante em sua vida.

"Eu me arrependo de ter parado de estudar, mas foi o que eu escolhi."

"O que me motivou a voltar foi minha esposa, que disse: testa, vai, faz o supletivo."

"Eu nunca enfrentei dificuldade no trabalho sem estudo, mas hoje as coisas mudaram, e o estudo é importante."

"Eu não fico num lugar onde eu não me sinto bem, e na escola eu me sinto muito bem."

"Eu pensei: estudar pra quê? Mas quando a gente volta, a gente vê a diferença."

José, 2024



Fabiana iniciou sua vida escolar no Ceará, onde estudava regularmente, mas enfrentava interrupções constantes devido às viagens de sua mãe, que sempre a levava junto. Por conta disso, faltava frequentemente e não conseguiu completar o ensino fundamental. Aos 14 anos, mudou-se para São Paulo, onde começou a trabalhar e deixou os estudos. Apesar de procurar uma escola aos 16 ou 17 anos, a falta de incentivo da mãe, que nunca estudou, e os desafios de adaptação em uma cidade maior a levaram a abandonar os planos de continuar os estudos.

Por muitos anos, Fabiana se dedicou ao trabalho e à criação dos filhos, enfrentando longas jornadas em empregos exaustivos. A necessidade de qualificação para melhores oportunidades e a percepção de que os estudos poderiam trazer mais ânimo e realização pessoal a motivaram a buscar novamente a escola. Após várias tentativas frustradas, ela ingressou na EJA no ano passado e decidiu persistir desta vez.

Ela percebe mudanças positivas desde seu retorno, destacando o impacto da escola em sua saúde mental e emocional. Para ela, sair de casa e conviver com novas amigas e professores trouxe alívio para a rotina cansativa e prevenção contra a depressão. Apesar de enfrentar dificuldades para conciliar o trabalho, problemas de saúde e os estudos, ela possui motivação para seguir em frente.



Na infância, Fabiana gostava das aulas de Educação Física, especialmente das atividades esportivas. Durante a vida adulta, praticou musculação e dança, mas atualmente, devido a problemas no joelho, realiza exercícios leves e alongamentos em casa. Ela valoriza a importância da atividade física para a mente e o corpo.

Agora planeja concluir o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com o objetivo de ingressar em um curso de enfermagem e trabalhar na área da saúde. Seu conselho para quem ainda não retomou os estudos é que volte, independentemente da idade, pois estudar preenche a vida e vai além de melhores empregos ou salários.

"Minha mãe nunca me incentivou a estudar e sempre me tirava da escola."

"Voltar à escola me ajudou muito a sair de casa e evitar a depressão."

"Eu achava que não ia conseguir, que não ia mais aprender por causa da idade, mas hoje eu vejo que é possível."

"A atividade física é muito importante para o corpo e a mente."

"Nunca é tarde para voltar a estudar, pois isso preenche muito a vida."

Fabiana, 2024



Francisco nasceu em uma família humilde e enfrentou uma infância marcada por dificuldades escolares devido às constantes viagens familiares para trabalhar em outras cidades. Ele estudou até a quarta série, mas precisou abandonar a escola aos 13 anos para ajudar os pais. Aos 14 anos, mudou-se para São Paulo e, mesmo tendo a oportunidade de voltar aos estudos, priorizou o trabalho e acabou se distanciando da escola por 17 anos.

O retorno aos estudos em 2022 foi motivado pelas necessidades de sua vida profissional e pelos incentivos de um amigo. A dificuldade em administrar seu comércio e lidar com a equipe o levou a buscar cursos técnicos e, posteriormente, ingressar na EJA. Desde então, Francisco percebeu grandes mudanças em sua forma de pensar, administrar seu negócio e interagir com as pessoas. Ele considera que a escola trouxe uma nova perspectiva e sente que se tornou uma pessoa melhor.

Francisco enfrenta o desafio de conciliar trabalho e estudos, mas fez ajustes em sua rotina para conseguir frequentar a escola. Ele mantém uma rotina de caminhadas regulares para cuidar da saúde. Sobre as aulas de Educação Física, ele valoriza o que aprendeu e demonstra interesse em modalidades como judô, algo que gostaria de experimentar.



Ele planeja concluir o Ensino Médio e considera cursar Medicina Veterinária ou Agronomia. Embora veja a faculdade como um objetivo distante devido às demandas do trabalho, não descarta essa possibilidade no futuro.

"Minha família não deu prioridade à escola, e isso me fez falta na vida adulta."

"Voltei a estudar porque percebi que precisava entender o que estava errado na minha empresa e comigo mesmo."

"Eu me considero uma outra pessoa desde que voltei para a escola."

"Voltar a estudar é uma das melhores coisas que você pode fazer, porque a sua vida muda."

Francisco, 2024



Jacelina começou a estudar ainda criança, incentivada pela mãe, mas teve sua vida escolar interrompida aos 16 anos, quando se casou. Criada no interior, perto de um canavial, enfrentou as dificuldades típicas da zona rural. Após abandonar a escola, Jacelina se dedicou à família e ao trabalho, interrompendo os estudos até sua fase adulta.

Anos depois, com os filhos já crescidos e casados, decidiu retomar os estudos para se dedicar a si mesma. Estudou no EJA em Recife até a sétima série e, após mudar-se, ingressou novamente na EJA em São Paulo, onde estuda há cerca de quatro anos. Apesar de desafios como cansaço físico e uma rotina que inclui trabalho como auxiliar de limpeza e venda de tapiocas, Jacelina encontrou na escola um momento de pausa, aprendizado e terapia para sua mente.

Ela considera a educação como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Atualmente, ela participa das aulas de ginástica oferecidas no seu local de trabalho, além de já ter frequentado academia no passado. Na infância, lembra das aulas de Educação Física, que incluíam atividades como jogos de bola e brincadeiras.

Ela pretende concluir o Ensino Fundamental e, no futuro, realizar cursos rápidos de informática, gastronomia e confeitaria. Para Jacelina, o estudo é



uma forma de melhorar sua mente, fazer conexões e enfrentar os desafios da vida com mais confiança.

"Parei de estudar aos 16 anos, quando me casei, e só voltei anos depois para cuidar de mim mesma."

"Estudar ocupa a nossa mente e nos dá um futuro melhor pela frente."

"Apesar do cansaço, vejo o estudo como uma terapia, onde a gente aprende, conversa e compartilha com outras pessoas."

"Estudar é uma forma de estimular a mente, aprender algo novo e se conectar com os outros."

"Sempre incentivo meus irmãos e cunhadas: voltem a estudar, porque é muito bom e transforma a vida."

Jacelina, 2024



Joales teve uma infância escolar marcada por dificuldades em se relacionar com os professores e se adaptar ao ambiente escolar. Com o tempo, passou a levar os estudos mais a sério, com responsabilidade e interesse pelo aprendizado. Porém, aos 17 anos, interrompeu os estudos ao mudar-se para São Paulo, onde priorizou o trabalho, adiando os planos de retornar à escola ano após ano.

A motivação para retomar os estudos veio da saudade de estar em sala de aula e da necessidade de atualizar os conhecimentos esquecidos ao longo do tempo. Joales voltou a estudar na EJA e percebe mudanças em sua vida, como uma melhora na dicção, na comunicação e na capacidade de relembrar e aprender novos assuntos. Apesar do cansaço inicial ao conciliar trabalho e estudos, conseguiu se adaptar à rotina.

Na infância, Joales praticou capoeira e futebol, atividades que manteve até os 16 ou 17 anos. Hoje, realiza caminhadas e alongamentos em casa, mas sente falta de uma prática esportiva mais ativa. Ele sugere que as aulas de Educação Física da EJA incluam mais atividades práticas e esportivas, além dos conteúdos teóricos.

Joales trabalha atualmente como operador de máquina na área de cartonagem e tem como objetivo abrir seu



próprio negócio. Além disso, planeja continuar seus estudos, pretendendo cursar Engenharia Civil. Ele acredita que o estudo é essencial para o crescimento pessoal e profissional e incentiva aqueles que interromperam os estudos a retornarem, destacando que, mesmo com os desafios, vale a pena investir na educação.

"A saudade de estar em sala de aula foi o que me motivou a voltar a estudar."

"O estudo tem atualizado minha mente, melhorado minha dicção e ampliado meu conhecimento."

"Mesmo que seja cansativo, é possível tirar um tempinho para estudar e melhorar sua vida."

"Aconselho todos a voltarem a estudar, pois isso agrega muito à vida de cada um de nós."

Joales, 2024



Josiane começou sua trajetória escolar aos 10 anos, mas enfrentou muitas interrupções devido às mudanças constantes de seus avós e a necessidade de trabalhar na roça. Frequentou a escola de forma irregular até a terceira série, mas teve que abandonar os estudos para ajudar sua família. Em sua adolescência, tentou voltar para a escola algumas vezes, mas novamente desistiu após começar a trabalhar e se casar.

Ao se mudar de Alagoas para São Paulo há sete anos, percebeu que sem terminar os estudos não conseguiria melhores oportunidades de trabalho. Após várias tentativas, em 2016, Josiane decidiu retornar à escola pela EJA. Embora o retorno tenha sido desafiador, ela se manteve e já percebe mudanças significativas em suas habilidades de leitura e escrita.

Atualmente, Josiane trabalha na área de produção, mas sabe que para crescer e mudar de setor precisa concluir os estudos. Ela mantém uma rotina, conciliando trabalho, casa e escola. Nos momentos livres, faz caminhadas e planeja entrar na academia. Apesar de não ter participado de esportes ou atividades físicas regularmente, demonstra interesse por dança e capoeira.

Josiane pretende concluir o Ensino Médio e fazer um curso de Segurança do Trabalho, acreditando que essa formação será importante para alcançar melhores



oportunidades. Para ela, voltar a estudar foi uma decisão acertada, e ela incentiva outras pessoas a fazerem o mesmo, destacando que os estudos podem trazer oportunidades melhores e transformar vidas.

"Eu parei de estudar porque precisava ajudar meus avós na roça."

"Voltei ao EJA porque percebi que, sem estudo, no Brasil você não consegue um trabalho melhor."

"Melhorei muito desde que voltei, agora sei ler e escrever bem melhor."

"Aconselho a todos que não terminaram os estudos a voltarem, porque tem coisas melhores esperando."

Josiane, 2024



Leide iniciou sua trajetória escolar em Alagoas, no Sertão, onde estudou até a quarta série, pois na sua cidade não havia escolas que oferecessem séries mais avançadas. Com sete irmãos, seu pai não tinha condições de pagar transporte para todos, e assim, os estudos foram interrompidos aos 12 anos. Aos 18 anos, Leide se mudou para São Paulo, onde começou a trabalhar para ajudar sua família. Apesar de tentar retomar os estudos entre 2011 e 2012, precisou desistir novamente, pois não podia deixar seus três filhos pequenos sozinhos em casa.

Em 2023, com os filhos crescidos e um novo objetivo em mente, Leide decidiu voltar a estudar. Motivada pelo desejo de obter uma carga horária de trabalho menos exaustiva e a possibilidade de abrir seu próprio negócio, ela retornou a EJA. Mesmo enfrentando dificuldades iniciais devido à longa pausa nos estudos e às mudanças no ensino, Leide persistiu e já percebe melhorias em sua rotina e aprendizado.

Atualmente, Leide trabalha em comércio, realizando diversas tarefas, desde atendimento ao cliente até gestão de pedidos e estoque. Apesar da rotina intensa de trabalho, casa e escola, busca retomar o hábito de praticar atividades físicas. Seu sonho é concluir os estudos e investir em cursos e formação na área de administração para, no futuro, abrir seu próprio negócio.



Leide destaca que os estudos são essenciais para o progresso e aconselha todos a nunca desistirem de seus objetivos, destacando que, embora o caminho seja cansativo, o esforço vale a pena.

"Na época, na minha cidade, só tinha até a quarta série e o meu pai não tinha condições de pagar transporte para todos os filhos estudarem fora da cidade. Ele falava assim, ó, se eu não posso fazer pra todos, não vou fazer só pra um."

"Se você ficar em casa de braços cruzados, as coisas não vão vir até você. Temos que ir atrás."

"Voltei a estudar porque quero melhorar minha vida, abrir meu próprio negócio e progredir."

"Nunca é tarde para correr atrás dos seus objetivos."

Leide, 2024



Maria Luciene teve uma infância escolar marcada por dificuldades financeiras e pelo fato de ser parte de uma família grande, com dez irmãos. Em sua cidade natal, Santana de Mangueira (PB), os filhos mais velhos tinham prioridade para estudar, enquanto os mais novos esperavam pela oportunidade. Ela começou a escola aos 13 anos e frequentou até os 17, mas precisou abandonar os estudos para ajudar com trabalhos domésticos e garantir sua renda.

Aos 22 anos, mudou-se para São Paulo, casou-se e se dedicou à criação de seus filhos. Apesar do desejo de retomar os estudos, enfrentou obstáculos com as responsabilidades familiares. Em 2020, com o incentivo do esposo e a superação de barreiras, decidiu voltar à escola pela EJA, onde está estudando há três anos e pretende concluir o Ensino Fundamental em breve.

Desde que retornou aos estudos, Maria Luciene percebe mudanças significativas, como maior abertura mental, aprendizado constante e a conquista de novas oportunidades. Frequentar as aulas lhe trouxe não apenas conhecimento, mas também a oportunidade de interagir com pessoas diferentes. Embora não tenha tido contato com a Educação Física na infância, valoriza as aulas atuais e pretende incorporar exercícios em sua rotina para cuidar da saúde.



Maria Luciene tem planos de continuar seus estudos no Ensino Médio e realizar o sonho de cursar Pedagogia. Ela acredita que nunca é tarde para estudar e incentiva outras pessoas a retornarem à escola, compartilhando seu exemplo e motivando amigos e familiares a darem continuidade aos estudos.

"Naquela época, tinha a dificuldade que os pais escolhiam os filhos mais velhos e os mais novos ficavam esperando os mais velhos terminarem. Então, por essa dificuldade financeira, eu comecei a estudar com 13 anos e parei aos 17."

"Hoje eu já vejo que o estudo abre a nossa mente, o nosso entendimento, o nosso conhecimento. Cada etapa que concluímos nos faz evoluir e enxergar novas oportunidades."

"Eu aconselho que volte. Prossiga, dê continuidade onde você parou, porque não é tarde para isso. Você não vai se arrepender, vai aprender muita coisa e conhecer pessoas com histórias diferentes, cada uma com seu motivo, mas todas têm algo a ensinar."

Maria Luciene, 2024



Maria Cosme teve uma infância escolar breve, interrompida aos 9 anos de idade, após concluir a terceira série primária. Crescida em um sítio no Sergipe, precisou abandonar os estudos para ajudar o pai na lavoura, pois a escola ficava distante e a necessidade de trabalhar prevalecia. Apesar disso, Maria adquiriu uma base sólida de aprendizado, que lhe permitiu lidar com diferentes desafios ao longo da vida, mesmo sem ter concluído sua formação escolar na época.

Décadas depois, Maria decidiu voltar a estudar, motivada pelo desejo de ampliar seus conhecimentos, concluir o Ensino Fundamental e buscar novas oportunidades. Retomar os estudos na EJA superou suas expectativas, proporcionando-lhe aprendizado em áreas como inglês e português, além de ampliar sua interação social. Maria valoriza muito o ambiente escolar e considera o ensino oferecido pela escola Celso Furtado excelente, elogiando o comprometimento dos professores.

Com uma rotina intensa, dividida entre o trabalho como auxiliar de limpeza e os estudos, Maria encontra pouco tempo para atividades físicas além do movimento natural do dia a dia. Já frequentou academia e participou de aulas de dança e ginástica no passado.



Maria tem como meta concluir o Ensino Fundamental e, quem sabe, explorar cursos ou formações na área de investigação ou jornalismo, áreas que sempre despertaram seu interesse. Aconselha a todos a procurar a EJA e aproveitar a oportunidade.

"Parei aos 9 anos de idade de estudar. Parei na terceira série primária porque tinha que trabalhar com meu pai na lavoura. A escola ficava muito afastada, e eu tinha que ajudar."

"Eu voltei porque achei uma oportunidade de aprender mais, concluir meus estudos e buscar uma oportunidade melhor. Mesmo com 60 anos, quanto mais eu souber, melhor pra mim."

"A escola tem muita coisa boa pra oferecer. A gente é que perde a oportunidade. Aprendi inglês, a ler mais e muitas outras coisas que eu não conhecia."

"Aproveite a oportunidade. Se não for agora, depois pode ser muito difícil. Já que estão oferecendo, é bom correr atrás antes que seja tarde demais."

Maria Cosme, 2024



Maria Eliane teve uma infância escolar interrompida por responsabilidades familiares e trabalho no campo. Iniciou seus estudos aos 6 anos em Sergipe, mas frequentava a escola de forma irregular devido à necessidade de ajudar os pais na colheita e no cuidado da família, parou na quinta série sem conseguir concluir o ensino fundamental.

Com o passar dos anos, Maria Eliane mudou-se para São Paulo, casou-se e dedicou-se à criação da filha e ao trabalho doméstico. Por muito tempo, os desafios do dia a dia impediram seu retorno à escola. Porém, movida pelo desejo de aprender a ler e escrever, voltou para a EJA em diferentes momentos de sua vida, mais recentemente, há cerca de três anos.

Desde que retomou os estudos, Maria percebeu mudanças significativas, como a capacidade de ler letreiros de ônibus e endereços, o que antes não conseguia. Ela relata satisfação com as aulas e acredita que está alcançando seu objetivo de adquirir maior independência e conhecimento.

Atualmente, Maria tem o desejo de fazer um curso de confeitaria após concluir o ensino médio, para se dedicar à produção de bolos e doces, algo que desperta seu interesse. Ela valoriza a oportunidade de estudar e incentiva outras pessoas a retornarem à escola,



destacando a importância do aprendizado em todas as fases da vida.

"Quando era tempo da colheita, meu pai tirava a gente da escola para levar para a roça."

"Resolvi voltar porque quero desenvolver a leitura e o conhecimento. Ser independente vale muito a pena."

"Eu consigo ler o letreiro do ônibus, o endereço... coisas que muitas pessoas ainda têm dificuldade. Já desenvolvi bastante, graças a Deus."

"A pessoa tem que ter fé e coragem para voltar, porque o estudo é muito importante na vida das pessoas."

Maria Eliane, 2024



Maria Luzia teve uma infância marcada por desafios e dificuldades na zona rural de Minas Gerais, onde cresceu. Nascida em uma família humilde, perdeu o pai ainda jovem e enfrentou dificuldades financeiras que atrapalharam sua continuidade nos estudos. Na infância, frequentou a escola de forma intermitente até completar a quarta série, mas a distância e as responsabilidades familiares muitas vezes a afastaram da sala de aula.

Com 17 anos, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como babá e posteriormente em uma fábrica. Embora tivesse interesse em estudar, priorizou o trabalho para sustentar a família. Casou-se e teve dois filhos, enfrentando grandes dificuldades, especialmente com a descoberta de um problema cardíaco em seu filho mais novo, que precisou passar por uma cirurgia complexa.

Após anos de luta para criar os filhos e lidar com adversidades conjugais, Maria Luzia decidiu retomar os estudos como forma de ocupar a mente e buscar realização pessoal. Ingressou na EJA há dois anos e desde então percebe mudanças significativas em sua vida, como maior segurança ao se expressar, habilidade em realizar contas e uma melhor interação social.



Atualmente, além de administrar um pequeno comércio, Maria Luzia caminha diariamente e pretende concluir o ensino médio. Sonha em fazer um curso de enfermagem ou pedagogia no futuro. Encoraja outras pessoas a voltarem a estudar, destacando que nunca é tarde para aprender e que a educação transforma vidas.

"Nasci e me criei em Minas, na roça, e era muito longe pra estudar. Meus pais eram muito pobres e não tinham condições de dar um estudo melhor. Só estudávamos quando podíamos."

"Eu me sentia muito sozinha. Decidi que precisava fazer algo por mim, preencher o vazio que estava sentindo. Minha filha me incentivou."

"Eu comi o pão que o diabo amassou, mas hoje estou aqui, de cabeça erguida."

"Hoje aprendi a falar, a interagir e a fazer contas. Tudo isso eu devo aos estudos."

"Não desista dos estudos. Levante a cabeça e vá em frente."

Maria Luzia, 2024



Rosangela iniciou sua vida escolar aos 7 anos, frequentando a escola de forma regular até os 14 ou 15 anos, quando engravidou e precisou interromper os estudos. Após se mudar para o interior, retomou os estudos, mas perdeu os registros devido a um incêndio na escola, impossibilitando a comprovação formal.

Ela decidiu retornar à escola devido à exigência da empresa onde trabalha. Apesar de inicialmente ter voltado por necessidade, encontrou motivação e passou a frequentar as aulas por vontade própria.

O retorno não foi totalmente fácil. Rosangela enfrentou desafios para se adaptar e conciliar os estudos com o trabalho como auxiliar de limpeza, que exige muito esforço físico. O apoio dos professores a incentivou a continuar.

Desde que voltou a estudar, ela se sente mais animada e segura. Participou de cursos como os oferecidos pelo Sebrae e se sente motivada a explorar ainda mais oportunidades de aprendizado. Além disso, a escola despertou nela o desejo de fazer uma faculdade no futuro.

Durante a infância, Rosângela teve aulas de Educação Física, focadas em esportes como vôlei, handebol e futebol de salão, modalidade que também praticou fora da escola. Atualmente, devido a questões de saúde,



como a cirurgia de varizes, tem limitações para realizar atividades físicas regulares. No entanto, já realizou musculação em academia no passado.

Rosângela pretende concluir o ensino médio e seguir para a faculdade. Seu interesse está na área de necropsia. Ela aconselha jovens a não abandonarem os estudos, mesmo em circunstâncias desafiadoras como a gravidez ou dificuldades familiares. Enfatiza que é muito mais difícil retomar os estudos na fase adulta e que a educação é essencial para todas as etapas da vida.

"Agora tô vindo por vontade mesmo, não só por manter o meu emprego. No começo não foi tranquilo, porque eu vim pela necessidade, mas agora é diferente."

"Voltar para a escola me deu ânimo e abriu portas para novos aprendizados."

"Para quem engravidou ou teve que parar, continue. Não desista, porque o estudo faz toda a diferença."

Rosângela, 2024



Roseli iniciou sua vida escolar aos 7 anos, mas interrompeu os estudos aos 9 anos para cuidar de seus irmãos mais novos. Desde cedo, ela demonstrava grande desejo de aprender, mas as responsabilidades familiares foram um obstáculo.

Em 2005, já adulta, ela decidiu retomar os estudos. Apesar de começar novamente na segunda série, sua professora percebeu seu potencial e a incentivou a realizar uma prova, na qual foi promovida diretamente para a quinta série. Roseli avançou até a oitava série, mas acabou desistindo em 2007 devido à falta de apoio em casa.

Depois de anos conciliando trabalho e família, Roseli decidiu, em 2023, retornar à escola. Agora, com mais determinação, está comprometida a concluir os estudos e já percebe mudanças significativas em sua vida. Roseli também mantém uma rotina ativa, praticando pilates, caminhada e ginástica em uma ONG local. Apesar da pouca vivência com jogos e esportes, se diz aberta a aprender.

Roseli pretende concluir o ensino fundamental e o médio, mas sem planos de ir além. Ela acredita que o mais importante é aproveitar a oportunidade de estudar, algo que recomenda a todos.



"Quando eu era criança eu não pude muito estudar. Só estudei até segunda série só. Eu tinha que cuidar dos meus irmãos. Aí eu morria de vontade de estudar."

"Eu fui fazer um currículo agora pro emprego e quando fui fazer umas entrevistas, eles falaram: 'Você está estudando? Que legal! Se todo mundo tivesse essa coragem que você tem.'"

"Que eles criem coragem e voltem pra escola. Pode ser estranho no começo, mas depois é costume."

Roseli, 2024



Severina cresceu no interior de Pernambuco, onde desde cedo tinha o sonho de estudar. No entanto, as condições da época e as exigências de trabalho de sua família impediram que ela frequentasse a escola. Com apenas 10 anos, teve uma breve experiência escolar, onde estudou por seis meses e mostrou rapidez em aprender, mas precisou interromper seus estudos novamente. Aos 16 anos, tentou retornar à escola em São Paulo, mas sem os documentos necessários, desistiu.

Ao casar-se aos 19 anos, Severina novamente enfrentou resistência, desta vez por parte de seu marido, que não a incentivava a estudar. Mesmo assim, ela nunca perdeu a vontade. Após o falecimento do marido, Severina voltou a estudar, motivada também pelo apoio da filha, que a encoraja constantemente.

Hoje, Severina percebe mudanças significativas em sua vida desde que retornou à escola. Ela já consegue assinar documentos com firmeza, lê com mais fluidez e enfrenta menos dificuldades para falar em público.

Além do estudo, Severina mantém uma rotina ativa de exercícios físicos, praticando pilates, natação, hidroginástica e alongamento, o que lhe traz energia e disposição.



Ela planeja concluir o ensino fundamental e continuar no ensino médio. Quem sabe, futuramente, seguir o conselho da filha e cursar uma faculdade. Seu conselho para quem está fora da escola é claro e motivador para que as pessoas nunca desistam e voltem a estudar.

"Eu tinha muita vontade de estudar, mas meu pai não deixava, porque era pra trabalhar."

"Eu não tenho inveja de nada, mas do estudo eu tenho. De você chegar no lugar, saber falar, saber conversar."

"Nunca desista. Vale a pena estudar, é o único futuro que você tem para conseguir alguma coisa."

"Quando você começa uma coisa, tem que ir até o final."

Severina, 2024



Silvia nasceu na Bolívia e enfrentou dificuldades para estudar durante a infância. Apesar de frequentar a escola até a oitava série, seus pais, devido à situação financeira e ao custo elevado da educação no país, decidiram que ela deveria parar. Aos 13 anos, Silvia se mudou para o Brasil para ajudar sua irmã com as crianças e nos afazeres domésticos, recebendo por isso. No entanto, com o tempo, percebeu que sua situação não estava correta e decidiu que precisava retomar os estudos.

Inspirada por uma amiga que também estudava e incentivada pelos pais, Silvia retornou à escola. Ela reconhece a importância dos estudos e percebe muitas mudanças desde que voltou. Embora tenha achado o início difícil, devido ao tempo longe da escola, Silvia está relembrando e aprendendo.

Na Bolívia, a escola era muito rígida e os professores exigiam bastante, muitas vezes até utilizando métodos disciplinadores inaceitáveis. Aqui no Brasil, Silvia encontrou um ambiente mais acolhedor e com oportunidades como acesso a materiais escolares e alimentação, algo que ela considera uma grande diferença.



Apesar de não ter praticado atividades físicas ou esportes após a infância, Silvia entende a importância de cuidar da saúde e planeja incluir exercícios em sua rotina. Atualmente, ela se dedica ao trabalho e aos estudos, com o objetivo de concluir o ensino fundamental, avançar para o ensino médio e, futuramente, escolher uma faculdade.

"Parece que eu estava dormindo, professora. É como abrir os olhos."

"Eu me dei conta que não estava certo, porque eu estava ficando para trás."

"Olha, eu posso dizer que não é bom parar, que apesar de tudo que a gente trabalha, mas não é bom deixar assim pra trás os estudos. Não importa a idade."

Silvia, 2024



Vivian descreve sua vida escolar como "turbulenta", marcada por mudanças constantes de residência durante a infância, o que dificultava sua continuidade nos estudos. Ela frequentou a escola até a oitava série, mas aos 16 anos engravidou. Na época, enfrentar o preconceito e a vergonha de estar grávida na escola a levou a abandonar os estudos. Após 29 anos, impulsionada pela necessidade de melhorar sua posição no mercado de trabalho como operadora de máquinas, ela decidiu retomar os estudos. Para sua surpresa, ao buscar seus históricos escolares, descobriu que precisaria começar do zero.

Vivian enfrentou inúmeras dificuldades devido à falta de escolaridade, especialmente no mercado de trabalho. Apesar de ter capacidade e conhecimento, o fato de não ter completado os estudos era um obstáculo constante. Desde que voltou à escola, ela percebe muitas mudanças positivas em sua vida. A educação trouxe mais confiança e abriu novas perspectivas para ela.

Embora o retorno tenha sido desafiador após tanto tempo fora da escola, Vivian conseguiu relembrar e reaprender conteúdos, graças ao apoio dos professores. Conciliar sua rotina corrida com os estudos é um desafio diário, mas ela encara a escola como um momento de pausa e aprendizado em meio às



responsabilidades como líder comunitária, conselheira no posto de saúde e mãe.

No passado, Vivian não teve aulas de educação física formais. No entanto, sempre foi apaixonada por futebol e ainda participa de partidas com a família. Atualmente, apesar de caminhar bastante em suas atividades diárias, ela planeja incorporar exercícios regulares em sua rotina.

Vivian está determinada a concluir o ensino médio e mudar de área profissional. Seu objetivo é trabalhar no Conselho Tutelar e se candidatar a uma vaga na próxima eleição. Ela acredita que a educação é transformadora e faz campanhas para incentivar outras pessoas a voltarem à escola, pois o estudo salva vidas.

"Uma das mudanças, como eu tava falando com a professora de artes hoje, os professores daqui não são só professores. Eles são resgatadores de almas de pessoas que, bem dizer, já estavam mortas e ressuscitou. Eu me sinto dessa forma hoje, estudando e me sentindo mais capaz."

"Eu achei que eu ia envelhecer, morrer, sem voltar pra dentro de uma sala de aula. E tá dentro de uma sala de aula pra mim hoje é muito gratificante."



"Ter capacidade, ter conhecimento, ter tudo, mas não ter terminado o estudo. Esse foi um dos piores que eu enfrentei."

"Voltar a estudar. Eu faço muita campanha, eu vou de casa em casa, eu colo o panfleto nas escolas, colo o panfleto nas ocupações, que nada melhor do que o estudo. O estudo, ele salva a vida."

Vivian, 2024



## Capítulo 8

# Práticas Corporais na EJA: Resgatando Saberes e Construindo Novas Vivências

## Atividades diagnósticas

### Objetivos:

- Identificar os conhecimentos e experiências prévias dos educandos em relação à Educação Física.
- Promover um ambiente de acolhimento e diálogo sobre as práticas corporais e seus significados.

### Sensibilização e diálogo Inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Roda de conversa sobre as experiências dos educandos com a Educação Física.

### Perguntas norteadoras:

- Quais são suas lembranças da Educação Física na escola?
- Como você se sente em relação às práticas corporais?
- O que você espera das aulas de Educação Física na EJA?

### Mapeamento

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Os educandos responderão a um questionário para mapear sua relação com as práticas corporais.



### **Perguntas Norteadoras:**

- Você pratica ou já praticou alguma atividade física? Se sim, qual?
- Como você percebe a importância da atividade física para sua saúde e bem-estar?
- Quais são os principais desafios que impedem você de praticar atividades físicas regularmente?
- Que tipos de práticas corporais você gostaria de experimentar na EJA?

### **Educação Física e Cotidiano**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Reflexão sobre como o movimento está presente no dia a dia dos educandos.

- Discussão sobre o impacto da atividade física na qualidade de vida.
- Discussão sobre barreiras sociais e culturais que dificultam a participação em atividades físicas.
- Relato de experiências corporais fora da escola.

### **Produção Final**

**Duração:** 1 a 2 encontros

**Atividade:** Construção coletiva de um documento reflexivo ou mural com as percepções e sugestões dos educandos para as aulas de Educação Física.



# Jogos e Brincadeiras

## Objetivos:

- Valorizar os jogos e brincadeiras como expressão cultural e meio de aprendizado.
- Promover o resgate das experiências lúdicas dos educandos.
- Estimular a reflexão sobre o papel do brincar na formação do indivíduo e na sociedade.

## Sensibilização e diálogo inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Roda de conversa inicial sobre a infância e as experiências lúdicas dos educandos.

### Perguntas norteadoras:

- Quais brincadeiras você gostava na infância?
- Que jogos eram populares onde você morava?
- Todos podiam brincar? Existiam restrições por idade, gênero ou condição social?

## Pesquisa

**Duração:** 2 encontros

**Atividade:** Levantamento e compartilhamento de diferentes jogos e brincadeiras populares.



- O grupo pode realizar uma pesquisa comunitária, entrevistando os colegas de outras turmas, professores, funcionários ou familiares sobre as brincadeiras que praticavam.
- Escolha de alguns jogos e brincadeiras que serão vivenciadas nas próximas aulas.

## **Vivenciando os Jogos e Brincadeiras**

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Vivência dos jogos e brincadeiras.

- Formar grupos e experimentar diferentes jogos propostos pelos próprios educandos.
- Refletir sobre as diferenças do brincar ao longo do tempo

## **Reflexão Crítica e Relação com a Sociedade**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Debate sobre o direito ao lazer e ao brincar em diferentes contextos.

**Perguntas problematizadoras:**

- Quem tem mais acesso ao lazer na sociedade?
- O brincar é valorizado na vida adulta? Por quê?
- Quais são os espaços de lazer presentes na comunidade?



## Produção Final

**Duração:** 2 encontros

**Atividade:** Construção coletiva de um livro ilustrado ou mural com as brincadeiras compartilhadas ao longo das aulas.

- Pode ser físico ou digital.
- Pode incluir relatos pessoais, ilustrações e regras dos jogos.

## Esportes

### Objetivos

- Compreender o esporte como prática cultural.
- Valorizar os saberes e experiências esportivas dos educandos.
- Estimular a reflexão crítica sobre a relação entre esporte, sociedade e inclusão.
- Incentivar a prática esportiva como um meio de fortalecimento do coletivo e do bem-estar.

### Sensibilização e diálogo inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Diálogo inicial sobre as experiências esportivas dos educandos.

#### Perguntas norteadoras:

- Você já praticou algum esporte? Como foi essa experiência?



- Quais esportes são mais populares na sua comunidade?
- Você acredita que todos têm o mesmo acesso ao esporte? Por quê?

## **Pesquisa**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Levantamento dos diferentes tipos de esporte e sua relação com a sociedade.

- Pesquisa sobre esportes populares em diferentes contextos sociais.
- Reflexão sobre o acesso ao esporte em diferentes camadas sociais.

## **Prática Corporal**

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Experimentação de modalidades esportivas

- Escolher esportes sugeridos pelos educandos para serem praticados.
- Criar adaptações para garantir a inclusão de todos.
- Refletir sobre as emoções e desafios enfrentados na prática esportiva.

## **Esporte e Sociedade**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Debate sobre o papel do esporte na sociedade.



- Exibição de vídeos ou leitura de textos curtos sobre esporte e seus impactos na sociedade.
- Discussão sobre políticas públicas para o esporte e o lazer.

### **Perguntas problematizadoras:**

- O esporte é acessível para todos? Quais as barreiras existentes?
- Como o esporte pode ser um instrumento de transformação social?
- Que iniciativas podem ser criadas para democratizar o acesso ao esporte?

## **Produção Final**

**Duração:** 1 a 2 encontros

**Atividade:** Os educandos participarão de um circuito esportivo com estações que simulam desafios enfrentados por diferentes grupos na prática esportiva, como pessoas com deficiência, idosos ou iniciantes.

## **Ginásticas**

### **Objetivos:**

- Compreender a ginástica como prática cultural, histórica e social.
- Valorizar as experiências corporais dos educandos.
- Promover a reflexão sobre o papel da ginástica na promoção da saúde e no bem-estar.



## Sensibilização e diálogo inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Diálogo inicial sobre as experiências corporais dos educandos.

**Perguntas norteadoras:**

- Você já praticou algum tipo de ginástica? Como foi essa experiência?
- Quais são as principais barreiras para a prática da ginástica?
- A ginástica é acessível para todos? Por quê?

## História e Diversidade da Ginástica

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Pesquisa e apresentação sobre os diferentes tipos de ginástica.

- Apresentação dos diversos tipos de ginástica (artística, rítmica, laboral, de conscientização corporal, de condicionamento físico, GPT, etc.).
- Reflexão sobre como o acesso à ginástica varia de acordo com o contexto social.

## Prática Corporal

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Experimentação de diferentes modalidades de ginástica.



## **Ginástica na sociedade**

**Duração:** 1 a 2 encontros

**Atividade:** Roda de conversa sobre o papel da ginástica na promoção da saúde e da qualidade de vida.

- Exibição de vídeos ou leitura de textos sobre ginástica e inclusão social.
- Discussão sobre políticas públicas que incentivam (ou dificultam) o acesso à atividade física.

### **Perguntas problematizadoras:**

- Quem tem mais acesso às práticas corporais e à ginástica na sociedade?
- Como o sedentarismo e a falta de espaços públicos afetam a saúde?
- O que pode ser feito para tornar a ginástica mais acessível para todos?

## **Produção Final**

**Duração:** 1 a 2 encontros

**Atividade:** Construção coletiva de um plano de exercícios acessível para o cotidiano dos educandos.

- Criar um conjunto de exercícios simples que possam ser praticados no dia a dia.
- Listar os espaços disponíveis na comunidade para a prática de ginástica.



# Lutas

## Objetivos:

- Compreender as lutas como expressões culturais e sociais.
- Valorizar os conhecimentos prévios dos educandos sobre lutas e práticas corporais.
- Refletir criticamente sobre a relação entre lutas, preconceito e inclusão social.
- Incentivar o diálogo e a prática das lutas como formas de respeito, autocontrole e cidadania.

## Sensibilização e diálogo inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Diálogo inicial sobre as experiências dos estudantes com lutas.

### Perguntas norteadoras:

- Você já teve contato com alguma luta? Como foi essa experiência?
- Quais lutas são mais conhecidas na sua comunidade?
- Qual é a visão da sociedade sobre as lutas? Existem preconceitos?



## História e Diversidade das Lutas

**Duração:** 2 encontros

**Atividade:** Pesquisa e apresentação sobre diferentes tipos de lutas.

- Contextualização histórica e social das lutas em diferentes países e culturas.
- Reflexão sobre o papel das lutas na resistência de povos marginalizados.

## Prática Corporal

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Experimentação de alguns movimentos básicos de diferentes lutas (respeitando a segurança e os limites dos educandos).

- Demonstração de movimentos básicos de lutas como capoeira, caratê, boxe, esgrima, etc.
- Exercícios de alongamento e coordenação inspirados nas lutas.
- Reflexão sobre os desafios enfrentados durante a prática e como as lutas podem ser formas de expressão corporal e social.



## **Lutas, Inclusão e Preconceito**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Debate sobre o papel das lutas na sociedade e sua relação com preconceito e inclusão.

- Exibição de vídeos ou leitura de textos sobre a luta como ferramenta de empoderamento e resistência.
- Discussão sobre como o preconceito de classe, gênero e etnia influencia a prática das lutas.

## **Produção Final**

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Construção de uma apresentação em grupo sobre uma luta de interesse dos educandos, abordando sua história, movimentos básicos e aspectos culturais.

## **Danças**

### **Objetivos:**

- Compreender a dança como prática cultural e social.
- Valorizar os saberes e experiências corporais dos educandos.
- Refletir sobre a relação entre dança, identidade e inclusão social.
- Incentivar a participação crítica e ativa dos educandos na construção do conhecimento corporal e artístico.



## Sensibilização e diálogo inicial

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Roda de conversa sobre as vivências e percepções dos educandos em relação à dança.

**Perguntas norteadoras:**

- Você já dançou? Como foi essa experiência?
- Quais tipos de dança você conhece? Há algum que faz parte da sua cultura?
- A dança é acessível para todos? Que barreiras e preconceitos existem?

## História e Diversidade da Dança

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Pesquisa e apresentação sobre diferentes tipos de dança e sua importância cultural.

- Contextualização histórica da dança em diferentes sociedades.
- Reflexão sobre a dança como resistência e identidade cultural.

## Experimentação e Expressão Corporal

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Vivência prática de diferentes estilos de dança.



- Realização de exercícios de percepção corporal e ritmo.
- Experimentação de movimentos básicos de diferentes danças populares.
- Reflexão sobre as emoções e os desafios enfrentados na prática da dança.

## **Dança, Inclusão e Identidade**

**Duração:** 1 encontro

**Atividade:** Debate sobre o papel da dança na inclusão e na construção da identidade cultural.

- Exibição de vídeos ou leitura de textos sobre a dança em diferentes contextos sociais.
- Discussão sobre preconceitos, estereótipos e desigualdade no acesso à dança.

### **Perguntas problematizadoras:**

- Quem tem acesso às aulas de dança na sociedade?
- A mídia influencia a forma como vemos a dança?
- Quais são as danças presentes na comunidade escolar?

## **Produção Final**

**Duração:** 2 a 4 encontros

**Atividade:** Criação colaborativa de uma coreografia da turma.



## Conclusão

A trajetória dos educandos na EJA apresentada neste eBook nos revela o poder transformador da educação em diversos aspectos da vida. Cada história narrada reflete desafios superados, sonhos reconstruídos e a resiliência de quem busca mudar sua realidade por meio do aprendizado. O retorno à escola, seja por motivos profissionais, emocionais ou pessoais, simboliza um passo importante na reconquista de direitos e na construção de um futuro melhor.

A Educação Física na EJA cumpre o seu papel à partir do momento em que se torna um espaço para a reflexão crítica, onde educandos e educadores, em uma relação dialógica, constroem saberes significativos a partir de suas realidades, experiências e culturas. Torna-se um meio para promover a conscientização sobre as condições sociais e culturais que interferem nas práticas corporais, estimulando o protagonismo dos sujeitos na transformação de suas próprias vidas e do meio em que vivem. Dessa forma, cada aula não é apenas um momento de aprendizado sobre tudo que a humanidade já criou com o corpo em movimento, mas também uma ponte para construir uma visão de mundo que valorize a equidade, a inclusão e a justiça social.

Este trabalho destaca a importância de um ambiente pedagógico acolhedor, que valoriza as particularidades de cada educando, promovendo não apenas o acesso



ao conhecimento, mas também a autoestima. A educação, nesse contexto, reafirma-se como um direito humano fundamental e como um instrumento para enfrentar desigualdades e transformar realidades.

Que este eBook seja uma inspiração para educadores e todos aqueles que acreditam no poder da educação para libertar, transformar e humanizar. E, sobretudo, que continue a incentivar educandos de todas as idades a seguirem firmes em suas jornadas, porque, como mostram os relatos aqui compartilhados, nunca é tarde para aprender e recomeçar.



ALMEIDA JÚNIOR, A.S.; OLIVEIRA, C.M. Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças 2. V. 32. Curitiba: CRV, 2017.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania, São Paulo, n. 11, p. 09-20, 2001.

ARROYO, M. G. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, M. G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 1(1), p. 73-81, 2002.



BOSSLE, F.; PRODÓCIMO, E.; MALDONADO, D. T. Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023.

CAMPOS, G. P. Paulo Freire: o homem e método – um ensaio. Em Aberto, Brasília, v.26, n. 90, p. 63-74, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2743>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FIORI, J. H. (Org.). Educação e mudança. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOLDSCHMIDT FILHO, F.; CRUZ, L. L. da; BOSSLE, F. Educação Física na EJA: desafios e possibilidades. Kinesis, 34(2), 2016.



GUARULHOS. Secretaria Municipal de Educação. Proposta curricular - QSN, Introdutório, 2019. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/port al/site/listar/categoria/8/>.

GUARULHOS (SP). Circulação. Planejamento 2008.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

NEPOMUCENO, M.S.L. Motivação e desempenho acadêmico entre alunos do primeiro ciclo de educação de jovens e adultos. 3. ed. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

SAVIANI, D. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2008.



Dayane Bezerra